

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA

**E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO –
“CRIANÇA DO FUTURO”: CONSTITUIÇÃO, PROCESSO HISTÓRICO E
COTIDIANO ESCOLAR (1999-2017)**

Campo Grande/MS
2019

RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA

**E. M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO –
“CRIANÇA DO FUTURO”: CONSTITUIÇÃO, PROCESSO HISTÓRICO E
COTIDIANO ESCOLAR (1999-2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Educação – Profeduc – da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS),
Unidade Universitária de Campo Grande-MS, como
requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Formação de Professores Linha de
pesquisa: Formação de Professores e Diversidade.

Orientação: Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira

Campo Grande/MS
2019

O51e Oliveira, Renata Leny Costa de
E.M Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono –
“Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e
cotidiano escolar/ Renata Leny Costa de Oliveira. – Campo
Grande, MS: UEMS, 2019.
170p.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Educação –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019.
Orientadora: Prof.^a Dra. Kátia Cristina Nascimento

Figueira.

1. Escola 2. Constituição 3. Processo histórico 4. Cotidiano
escolar I. Figueira, Kátia Cristina Nascimento II. Título
CDD 23. ed. - 372

RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA

**E.M SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”:
constituição, processo histórico e cotidiano escolar (1999-2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional/PROFEDUC, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande/MS, para a obtenção do título de Mestre em Educação na área Formação de Professores e Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira
Coorientadora: Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira: orientadora
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda: coorientadora
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profa. Dra. Nedina Rosely Martins Stein
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, por compreenderem minha ausência em determinados momentos de suas vidas, em que a minha presença seria muito importante, e sempre entenderam: ‘depois eu vou, quando terminar eu faço...’

Ao meu amor, parceiro, incentivador, Weimar Cezaretti de Freitas, que acompanhou esse processo com paciência e compreensão nos meus momentos de distanciamento para realizar este estudo.

Aos povos indígenas Terena, pelos quais tenho muito respeito.

A Professora Doutora Léia Teixeira Lacerda, por acreditar no meu potencial e incentivar a minha participação nessa etapa de estudos e qualificação profissional.

A Professora Doutora Kátia Cristina Nascimento Figueira, por ter me dado autonomia e respeito as minhas produções.

A Professora Doutora Fabiany de Cássia Tavares Silva, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Pelo incentivo carinhoso, fato que me impulsionou a buscar novas conquistas acadêmicas, inclusive o mestrado.

A todas as pessoas do meu círculo de convivência que acreditaram em mim e ficaram na torcida pela conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força, ânimo e determinação para realizar este trabalho.

Ao meu amor, parceiro e amigo Weimar Cezaretti de Freitas, por estar sempre ao meu lado (mesmo a distância) com carinho e respeito pelo meu trabalho, dando-me suporte financeiro e moral do início ao término dessa pesquisa. Muito obrigada, amor!

À Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira, que acolheu, respeitou o meu trabalho e inspirou-me a escrever a sua história. Gratidão equipe Sullivan!

À Vanda Rossi Luchesi, por suas contribuições, na busca por fontes para a pesquisa, uma ajuda impagável!

À diretora Onilda Camargo Dichoff, que abriu as portas da escola e permitiu que eu realizasse a pesquisa.

Em especial à ex-diretora Lucimar Trindade da Silva Azevedo Marques. Uma pessoa muito humana, que acreditou no meu trabalho, dando-me autonomia para desenvolvê-lo. Além de participar das entrevistas com carinho e boa vontade.

A todos os professores que participaram da pesquisa, e àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

A todos os alunos indígenas, principalmente às crianças, que são e que foram meus alunos, sem eles não poderia ter realizado esse trabalho.

Agradeço aos moradores participantes da aldeia indígena urbana Marçal de Souza, em especial a família Bezerra, pela gentileza e receptividade ao me receberem em suas residências durante as entrevistas, para obtenção de fontes orais, contribuindo de forma respeitosa para meu trabalho. Essa atitude fez-me sentir mais admiração, respeito e encantamento pela cultura dos povos indígenas, principalmente pela etnia Terena, por conhecer mais de perto, devido ao convívio com essa comunidade na escola.

À minha orientadora, Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira, pelos momentos de estudos, encaminhamento e orientação para elaborar a dissertação.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda, por me estimular a dar continuidade aos estudos, por sua atenção e respeito, que oportunizaram a conclusão dessa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira, por compor a Banca de qualificação e contribuir com as suas orientações e suas pesquisas que deram norte para a escrita dessa dissertação.

À Profa. Dra. Nedina Rosely Martins Stein, por compor a Banca de qualificação e pelas suas contribuições para finalizar a escrita dessa pesquisa.

Aos meus colegas do mestrado, que sempre, com muita boa vontade, prontificaram-se a ajudar-me quando ‘gritava’. Meus agradecimentos a essa turma formada por pessoas solidárias e humanas.

Às minhas colegas Maria Joana, Patrícia, Rosileide, Vera e Rosângela pelo carinho. Sempre solidárias, ajudando com materiais para escrita, apoio e incentivo nos momentos de dificuldades.

Finalmente, agradeço a todos os professores do mestrado Profissional/PROFEDUC, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, que fizeram parte dessa formação. Muito obrigada!

OLIVEIRA, Renata Leny Costa de. **E.M Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”**: constituição, processo histórico e cotidiano escolar (1999-2017), 2019. 170p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação-PROFEDUC), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Campo Grande-MS/2019.

Fabricador de instrumentos de trabalho, de habitações,
de culturas e sociedades, o homem é também agente
transformador da história. Mas qual será o lugar do
homem na história e o da história na vida do homem?
(Le Goff, Jacques, 1982).

Resumo

Esta dissertação integra a linha de pesquisa Formação de Professores e Diversidade, do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – Profeduc, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. A proposta deste estudo tem como objetivo descrever e analisar a constituição, o processo histórico e cotidiano escolar da escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”, no período de 1999 a 2017. A instituição que foi inaugurada em 1999 localiza-se dentro da aldeia indígena urbana Marçal de Souza, em Campo Grande-MS. Com isso, problematiza-se como essa comunidade escolar e local compreende o processo de constituição dessa escola que, apesar de não ser uma escola indígena, possui em sua singularidade grande percentual dos estudantes composto por indígenas, em sua maioria da etnia Terena, sendo os demais não indígenas. Portanto, o projeto curricular da escola a identifica como uma instituição multicultural. Para tanto, oferece duas disciplinas que a caracteriza como bilíngue quais sejam: “Arte Cultura” e “Língua Terena”, no intuito de propiciar às crianças indígenas um contato diário com a arte e a língua materna. O estudo foi desenvolvido em uma perspectiva qualitativa, fundamentada em aportes teóricos da Antropologia da Educação, da História da Educação, das instituições escolares e da história oral. Os procedimentos metodológicos para a constituição do corpus foram realizados por meio de dados do Projeto Político Pedagógico, documentos, registros da escola, legislação vigente, fotos e outras fontes que puderam dar subsídios a esta pesquisa e as contribuições das fontes orais dos sujeitos (docentes, diretores, liderança e moradores indígenas) que vivenciaram o processo de constituição da escola, por meio de entrevista semiestruturada. Para os participantes das fontes orais, foi estipulado o quantitativo de três (3) docentes, um (1) que tivesse mais tempo de docência na escola e que permanece desde o início do funcionamento da instituição; um (1) com menos tempo de docência e um (1) que fez parte do quadro de docentes da referida escola; um (1) ex-diretor e o diretor atual; três (3) indígenas Terena que residiam na comunidade desde a criação da escola; uma (1) liderança local (cacique ou líder comunitário) e um (1) morador que reside há menos tempo na comunidade. Esperamos, como resultado, que as fontes documentais e os registros da história oral possam contribuir para respondermos os questionamentos que motivaram esse estudo, quais sejam: em que circunstâncias se deram a constituição e o processo histórico dessa instituição escolar? Qual a importância da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” para a comunidade indígena Marçal de Souza? De que maneira os estudantes vivenciam o cotidiano escolar? Para tanto, partimos da hipótese de que desde o início da institucionalização (1999) até o contexto de 2017 a escola vem tentando se estabelecer como intercultural. Dessa maneira, intentamos, por meio da história, contribuir para que todos os sujeitos que atuam na escola, estudantes e comunidade em seu entorno, possam conhecer as singularidades da referida instituição e compreender os desafios e as lutas enfrentadas pelos indígenas para a efetivação da mesma e sua importância para a comunidade local. Ao final da pesquisa pretendemos formar um acervo digital para que a comunidade escolar e não escolar tenha acesso aos dados históricos da referida escola.

Palavras-Chave: Escola, Constituição, Processo Histórico, Cotidiano Escolar.

Abstract

This dissertation integrates the research line Teacher Training and Diversity, of the Post-Graduate Program Professional Master in Education - Profeduc, State University of Mato Grosso do Sul - UEMS. The purpose of this study is to describe and analyze the constitution, the historical and daily school process of the Sullivan Silvestre Oliveira Municipal School - Tumune Kalivono - "Child of the Future", from 1999 to 2017. The institution that was inaugurated in 1999 locates within the urban indigenous village Marçal de Souza, in Campo Grande-MS. In this way, it is questioned how this school and local community understands the process of constitution of this school that, although it is not an indigenous school, has in its singularity a large percentage of students composed of indigenous people, mostly of the Terena ethnic group, non-indigenous people. Therefore, the curricular project of the school identifies it as a multicultural institution. To do so, it offers two disciplines that characterize it as bilingual: "Indigenous Art and Culture" and "Lingua Terena", in order to provide indigenous children with a daily contact with art and mother tongue. The study was developed in a qualitative perspective, based on theoretical contributions of the Anthropology of Education, History of Education, school institutions and oral history. The methodological procedures for the constitution of the corpus were made through data from the Pedagogical Political Project, documents, school records, current legislation, photos and other sources that could give subsidies to this research and the contributions of the oral sources of the subjects (teachers, directors, leadership, and indigenous residents) who experienced the school constitution process through a semi-structured. For the participants of the oral sources, the number of three (3) teachers was stipulated, one (1) who had more teaching time in the school and who has remained since the beginning of the institution's operation; one (1) with less teaching time and one (1) who was part of the teaching staff of said school; one (1) former director and the current director; three (3) Terena natives who had resided in the community since the school's inception; one (1) local leadership (cacique or community leader) and one (1) resident living in the community for the least time. We hope, as a result, that documentary sources and records of oral history can contribute to answer the questions that motivated this study, namely: under what circumstances were the constitution and the historical process of this school institution? What is the importance of the Municipal School Sullivan Silvestre Oliveira - Tumune Kalivono - "Child of the Future" for the indigenous community Marçal de Souza? How do students experience everyday school life? For this, we start from the hypothesis that from the beginning of the institutionalization (1999) until the context of 2017 the school has tried to establish itself as intercultural. In this way, we try, through history, to help all the subjects who work in the school, students and community in their surroundings, to know the singularities of this institution and to understand the challenges and the struggles faced by the indigenous people for the realization of the same and its importance to the local community. In this way, we try, through history, to help all the subjects who work in the school, students and community in their surroundings, to know the singularities of this institution and to understand the challenges and the struggles faced by the indigenous people for the realization of the same and its importance to the local community. At the end of the research we intend to form a collection so that the school and non-school community have access to the historical data of said school.

Key words: School, Constitution, Historical Process, Everyday School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Localização do Povo Terena no Estado de Mato Grosso do Sul.....	44
Figura 02 – Marçal de Souza.....	49
Figura 03 – Casas em forma de oca.....	52
Figura 04 – Crianças indígenas tocando violino.....	57
Figura 05 – Fachada do Memorial da Cultura Indígena.....	58
Figura 06 – Enir da Silva Bezerra.....	60
Figura 07 – Professora com alunos.....	62
Figura 08 – Anexo da escola Oliva Enciso.....	63
Figura 09 – Construção da escola.....	64
Figura 10 – Vista frontal da antiga da escola.....	66
Figura 11 – Sullivan Silvestre Oliveira.....	67
Figura 12 – Patrono, cacique e prefeito.....	67
Figura 13 – Fachada atual da escola.....	71
Figura 14 – Grafismo no muro.....	74
Figura 15 – Morada Terena.....	75
Figura 16 – Mercadinho.....	75
Figura 17 – Interior mercadinho.....	76
Figura 18 – Quadros com indígenas A.....	78
Figura 19 – Quadros com indígenas B.....	78
Figura 20 – Grafismo.....	79
Figura 21 – Educação ambiental.....	81
Figura 22 – Aula de reforço desenvolvida por uma acadêmica do PIBID.....	82
Figura 23 – Brincadeira indígena.....	84
Figura 24 – Roda de leitura.....	85
Figura 25 – Contação de história.....	85
Figura 26 – Matriz Curricular.....	86
Figura 27 – Ex-diretora Lucimar e cacique Enir.....	87
Figura 28 – Alfabetário da Língua Indígena Terena.....	91
Figura 29 – Pioneiros.....	91

Figura 30 – Equipe Sullivan.....	93
Figura 31 – Ex-diretora Lucimar.....	94
Figura 32 – Diretora atual Onilda.....	94
Figura 33 – Convite XIII FIC 2011.....	97
Figura 34 – Convite XIV FIC 2012.....	97
Figura 35 – Entrevista ao jornal.....	98
Figura 36 – Boneca de pano.....	98
Figura 37 – Entrevista aos alunos.....	99
Figura 38 – Convite XVII FIC 2015.....	100
Figura 39 – Selo.....	100
Figura 40 – Mandala.....	101
Figura 41 – Mural.....	101
Figura 42 – Homenagem.....	101
Figura 43 – Pannel.....	102
Figura 44 – Partitura.....	103
Figura 45 – Convite XIX FIC 2017.....	104
Figura 46 – Elementos.....	104
Figura 47 – Planeta azul.....	105
Figura 48 – Dança indígena.....	105
Figura 49 – Estudantes cantando o hino.....	111
Figura 50 – Hasteamento.....	111
Figura 51 – Atividade de matemática.....	112
Figura 52 – Construção de brinquedo na aula de arte.....	112
Figura 53 – Quebra cabeça.....	113
Figura 54 – Mala viajante.....	114
Figura 55 – Teatro sobre o trânsito.....	118
Figura 56 – Projeto não ao bullying.....	118
Figura 57 – Aula de mosaico.....	119
Figura 58 – Competição de dama.....	119
Figura 59 – Torneio de xadrez.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População Indígena nas Regiões do Brasil.....	39
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Dra.	Doutora
E.M	Escola Municipal
FIC	Feira Indígena Cultural
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MS	Mato Grosso do Sul
ONG	Organização não Governamental
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PINAC	Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa
PIPE	Projeto de Intervenção Pedagógica
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência as Drogas
Profa.	Professora
PROFEDUC	Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional
REME	Rede Municipal de Ensino
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UCG	Universidade Católica de Goiás
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO E POVOS INDÍGENAS...	24
1.1 Revisão bibliográfica.....	30
1.2 Povos indígenas no Brasil, aspectos gerais.....	35
1.3 Povo Terena em Mato Grosso do Sul.....	41
2 CAPÍTULO II - NASCE UMA ESCOLA PÚBLICA NO CORAÇÃO DA COMUNIDADE MARÇAL DE SOUZA: UMA RELAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIAS TERENA	49
2.1 Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, origem e aspecto cultural.....	50
2.2 Memorial da Cultura Indígena.....	56
2.3 Origem e construção da escola Sullivan Silvestre Oliveira.....	61
2.4 Espaço físico e ambientes.....	73
2.5 Os atores da escola.....	92
2.6 Os eventos.....	95
3 CAPÍTULO III - O COTIDIANO ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	107
3.1 Rotina da escola.....	109
3.2 Relatos e memórias.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	140
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas com grupo diretoras.....	146
APÊNDICE C – Roteiro de entrevistas com grupo indígenas.....	148
APÊNDICE D – Roteiro de entrevistas com grupo docentes.....	150
APÊNDICE E – Proposta de intervenção: construção de acervo histórico digital da E.M. SULLIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”.....	152
ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP.....	157
ANEXO B – Parecer consubstanciado da CONEP.....	160

INTRODUÇÃO

Estudos na área da educação revelam que nas últimas décadas houve uma ampliação de pesquisas voltadas para a investigação da história das instituições escolares, com o propósito de preservar a memória cultural de determinadas instituições de ensino e também para que a sociedade possa conhecer como se constituíram essas instituições nos diferentes contextos históricos em diferentes sociedades. Assim, por meio da história das instituições de ensino podemos fazer análise das características de um povo, de suas diferenças culturais e singularidades dos grupos étnicos sociais nas diversas regiões do país. No entanto, os estudos também sinalizam que pesquisas referentes à história das instituições escolares que possuem estudantes indígenas caminham a passos lentos, ou seja, evidenciam-se poucos estudos envolvendo essa temática. No caso da educação, as pesquisas se concentram em outros campos teóricos tendo como foco a educação escolar indígena e não a história da escola indígena.

Nesse universo de ideias, esta pesquisa tem a finalidade de descrever e analisar a constituição do processo histórico e o cotidiano escolar da Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”, que se localiza em um bairro do município de Campo Grande/MS. Nesse local, anteriormente conhecido como desbarrancado por pertencer à região onde passava o córrego desbarrancado no bairro Tiradentes, região leste da capital, concentra-se um grande número de famílias indígenas que reconheceram e denominaram o espaço como aldeia indígena urbana Marçal de Souza¹.

A pesquisa tem como objetivo fazer um registro historiográfico de dados que contribuíram para a efetivação da instituição por meio das memórias dos sujeitos referente à sua origem e formação. Para tanto, utilizamos também dados formais contidos em documentos oficiais e legislações, assim como os não formais, com base nos relatos orais em entrevistas semiestruturadas dos sujeitos da comunidade escolar e seu entorno, que vivenciaram o processo de construção e constituição da referida escola.

Esse estudo é de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, tendo também como sustentação os relatos obtidos por meio da história oral.

A importância da pesquisa dá-se pelo fato de ser realizada em uma escola que se constituiu dentro de uma aldeia indígena urbana, que se caracteriza como uma instituição que atende várias etnias e culturas, notadamente com um número expressivo de crianças

¹ Neste estudo assumiremos a denominação de aldeia indígena urbana Marçal de Souza, em razão de historicamente haver esse reconhecimento pelos indígenas.

indígenas, principalmente da etnia Terena, que possui maior representatividade na comunidade.

Contudo, legalmente a escola não é reconhecida como indígena, por não estar localizada em terras indígenas e sim em uma área que pertencia a Fundação Nacional do Índio-FUNAI que foi doada para a Prefeitura de Campo Grande/MS. Entretanto se diferencia pelo fato de oferecer no currículo escolar duas disciplinas voltadas para a cultura indígena.

A escola atende crianças da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental I em uma estrutura física que compreende sete (07) salas de aula com capacidade para atender trinta e cinco (35) alunos, perfazendo um total de 245 alunos em cada período.

No entanto, com base nas informações obtidas na secretaria da escola, a média anual de alunos varia entre 370 a 410 (trezentos e setenta a quatrocentos e dez) de um ano para o outro. No ano de 2018, foram matriculados cerca de 185 (cento e oitenta e cinco) alunos por período, totalizando mais ou menos 370 (trezentos e setenta) alunos, nos turnos, matutino e vespertino. Segundo a secretaria da escola, esses números podem oscilar tanto para mais quanto para menos, depende da procura por matrículas.

A secretaria da escola informou ainda que existe maior procura para alunos da pré-escola, do primeiro e do segundo ano do Ensino Fundamental I. Assim, a maioria dos alunos são crianças pequenas, com idade de no máximo treze anos de idade (em caso de alunos repetentes). O processo histórico dessa instituição escolar foi marcado por muitas lutas, conflitos e reivindicações dos povos indígenas que se fixaram nessa região junto às autoridades competentes naquele contexto histórico, político e social.

Dessa maneira, a relevância social da pesquisa reside em contribuir com registros para compor um acervo histórico dessa instituição de ensino. No campo científico, há relevância ao gerar conhecimentos não só para a comunidade local como também para os profissionais que atuam na área da Educação bem como em áreas afins, assim como, no futuro, servir de subsídio material para a pesquisa acadêmica.

A proposta da pesquisa origina-se da necessidade em registrar e historicizar o percurso de implantação da referida instituição, tendo em vista que sua importância para a educação se amplia pelo fato de ser uma conquista dos povos indígenas e constituir-se dentro de uma aldeia indígena urbana. Além do exposto, o interesse pela temática se deu por atuar como professora regente no ensino fundamental na escola há mais de doze anos. Graduada em pedagogia, pós-graduada em Educação Especial e Planejamento e Tutoria em Educação a Distância, ambas pela a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Além de outros cursos na área da educação, concluí também dois cursos de extensão no período de dois anos,

referente à temática: Cultura e História dos Povos Indígenas e Educação para as Relações Étnicas Raciais, que contribuíram para continuar com o propósito de avançar mais nos estudos. Outro fator determinante foi a aproximação com a comunidade e seu entorno por meio das relações sociais que se estabeleceram com os estudantes, pais, familiares ou responsáveis pelos estudantes.

A experiência junto aos alunos indígenas e não indígenas trouxe a necessidade de aprofundar os conhecimentos a respeito dessa população, com o intuito de subsidiar as práticas de ensino e entender melhor a cultura e a relação dessas etnias com a comunidade escolar. Com esse envolvimento de início com poucos conhecimentos busquei qualificação por meio de um curso de formação de professores, “Cultura e História dos Povos Indígenas” em dois módulos, oferecido pela Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/EaD), no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

O curso foi coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Hilário Aguilera Urquiza e ministrado por um grupo de professores especialistas da SEMED e por um (1) professor que, durante aquele período, era doutorando na Universidade Católica Dom Bosco, e também desenvolvia pesquisa na escola, Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira.

Em formato semipresencial, o curso foi realizado no período de 25 de janeiro de 2012 a 25 de novembro de 2014, com uma carga-horária de duzentas e quarenta (240) horas e encontros duas vezes por semana. Os conteúdos abordados seguiam os referenciais do módulo anterior ofertado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Paralelo ao curso foi criado um grupo de estudos na escola que funcionava nos dois períodos (matutino e vespertino) em dias alternados, com a finalidade de dar apoio aos cursistas em relação aos conteúdos estudados e à formação inicial e continuada para os professores que não faziam o curso. Dessa maneira, eles obtinham conhecimentos por meio de leituras de textos e posteriormente faziam discussões presenciais referente ao tema estudado e atividades on-line, para os que frequentavam o curso, por meio de parcerias entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, a escola Sullivan e a SEMED. O grupo era coordenado por uma equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Assim, por meio de metodologias de Educação a Distância, os estudos tinham o objetivo de disseminar conhecimentos envolvendo os temas da diversidade étnico-racial, afim de proporcionar reflexões acerca da formação, das concepções e dos estereótipos relacionados aos negros e aos povos indígenas construídos pela sociedade nacional.

Além de proporcionar conhecimentos teóricos relevantes, o curso aguçou a vontade de conhecer mais a respeito da temática e contribuiu para que tivesse um olhar mais crítico sobre práticas pedagógicas, principalmente para as questões indigenistas das etnias que habitam o estado de Mato Grosso do Sul, em especial os Terena, por ter maior proximidade devido ao convívio na sala de aula.

A escola em estudo assim como as demais escolas da rede pública, recebe estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é regulado e fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEL. Na escola Sullivan Silvestre, os acadêmicos dos cursos de Licenciatura de Artes Cênicas e Dança, Geografia, Letras – Inglês, Letras – Espanhol e Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS participavam do Programa PIBID/Interdisciplinar: Laboratório de Apoio à Ação Docente para a Educação das Relações Étnico-raciais, Diversidade Sexual e de Gênero e Educação Ambiental, Mato Grosso do Sul, Brasil. Esses acadêmicos selecionados e aprovados de acordo com os critérios exigidos por Edital eram enviados pela coordenação para as escolas credenciadas, momento em que se apresentavam para a sua supervisora na escola, trazendo propostas de temas a serem trabalhados com os alunos na unidade de ensino.

Os acadêmicos desenvolviam os temas por meio de projetos que eram executados nas salas de aula com a supervisão de uma professora regente da escola que os direcionava dando apoio e suportes necessários para que desenvolvessem os projetos nas salas de aulas da pré-escola ao quinto ano, junto com os professores das respectivas turmas escolhidas pelos acadêmicos. As aulas e atividades que eram realizadas seguiam o planejamento do professor. A supervisora tomava ciência de todo andamento dos projetos nas salas de aula intermediando a realização das atividades e orientando-os nos aspectos didáticos e pedagógicos para que pudessem exercitar a docência de maneira significativa para sua formação profissional.

No final de cada semestre era feito um relatório referente ao que foi realizado, evidenciando o andamento dos projetos e o desempenho dos acadêmicos e enviado à coordenação do PIBIB juntamente com os registros das atividades desenvolvidas durante o período. Antes do término do ano letivo, era realizada a culminância na escola com apresentação para a comunidade escolar e para os pais, de tudo que foi desenvolvido no decorrer do ano. Assim, os atores da escola e a comunidade local tomavam conhecimento dos trabalhos que tinham sido realizados pelos acadêmicos nas respectivas salas de aula. No decorrer do ano, os acadêmicos também produziam artigos referentes às temáticas desenvolvidas nos projetos e apresentavam em eventos na universidade.

Essa foi uma experiência rica e ímpar da qual participei como supervisora bolsista do PIBID, contribuindo na execução e andamento dos projetos em uma parceria com os acadêmicos em um período de 4 (quatro) anos. Essa parceria foi exitosa porque proporcionou uma grande interação entre a comunidade escolar, a Universidade e os acadêmicos que traziam propostas inovadoras de trabalho para a sala de aula. Assim, passou a existir um movimento constante de trocas entre a prática e a teoria e todos os envolvidos contribuíam muito para melhorar o ensino e aprendizagem dos alunos, sempre com o foco na educação para as relações étnico-raciais, para a diversidade sexual e de gênero e também para a educação ambiental.

O desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID coloca os professores participantes em contato com os acadêmicos, em um processo dinâmico de interação e articulação entre a prática e os conhecimentos teóricos discutidos na universidade, além de ampliar as possibilidades de estudo nessas áreas. Dessa forma, contribui para o entendimento do processo de inclusão, para a valorização cultural e para o reconhecimento dos povos indígenas como sujeitos de direitos educacionais no contexto social.

Nessa perspectiva de valorização das diferenças, observamos no corpo docente após as formações realizadas na escola um movimento reflexivo voltado para a adoção de atitudes e práticas pedagógicas favoráveis à inclusão de todos os educandos, em uma abordagem com desenhos característicos de educação intercultural.

O acompanhamento dos projetos desenvolvidos pelos acadêmicos nas salas de aula permitiu que refletisse em como poderia contribuir com a escola. Com esse pensar, decidi pesquisar, descrever e analisar a constituição, o processo histórico e o cotidiano escolar na escola Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” e a relação com a comunidade indígena urbana Marçal de Souza, o que resultou no ingresso no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação - PROFEDUC da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Dessa perspectiva, a história da escola evidencia a sua importância enquanto instituição que contribui com os profissionais que fazem parte do seu quadro, bem como com as crianças e jovens que estudam nessa instituição, por meio dos registros de suas características e transformações vividas, ressignificadas na cultura escolar desde o seu início, passando por diferentes formatos no decorrer do contexto histórico, político, social e cultural, com mudanças e evoluções capazes de satisfazer as necessidades humanas.

Por corroborarem com essa ideia, Nosella e Buffa (2009) defendem que a pesquisa sobre o passado faz parte da natureza humana, dessa forma pontuam que:

[...] ainda que o conhecimento histórico não altere a prática, as pessoas sentem necessidades de vasculhar o passado. Esse conhecimento do passado, um pouco à semelhança das manifestações artísticas, cumpre a finalidade de transcender o imediato, o útil, a banalidade do cotidiano. Este 'ir além' cultural é uma necessidade que faz parte da dimensão estética do homem cuja essência é a transcendência do imediatismo. (NOSELLA; BUFFA, 2009, p. 36).

Os autores enfatizam a importância do conhecimento histórico para a humanidade. Nesse sentido, a produção da história das instituições escolares, por um lado, possibilita desvelar o contexto cultural, econômico, social e político vivido em um período da sociedade. Com base nas leituras dos autores acima citados, (2009, p. 32) entendemos que a preservação da memória da instituição escolar e seus atores, além de valorizar os seus acervos pode gerar nos sujeitos o sentimento de pertencimento, de reconhecimento, afetividade e até mesmo de orgulho, por fazerem parte ou por terem participado da história da instituição.

Sendo assim, a pesquisa busca destacar a constituição, o processo histórico e o cotidiano escolar dessa unidade de ensino. Nesse movimento, implica contextualizar os aspectos das relações humanas e culturais estabelecidas entre a escola e a comunidade.

Assim, os questionamentos e inquietações que embasaram essa proposta de estudo foram: em que circunstâncias se deram a constituição e o processo histórico da instituição escolar? Qual a importância da escola Sulivan para a comunidade indígena urbana Marçal de Souza? De que maneira os estudantes vivenciam o cotidiano escolar? Esses questionamentos foram necessários para que pudesse compreender o formato da cultura presente na escola, ampliar e nortear o trabalho pedagógico de maneira que este atenda às necessidades educacionais dos sujeitos escolares, em específico à população indígena, abarcando sua diversidade étnica, cultural e social.

Com esse propósito, pretendo, ao pesquisar, discutir como ocorre a inserção desses sujeitos escolares em uma escola que também atende indígena no contexto urbano, no qual a construção do conhecimento é mediada pelas diferenças culturais que se dá pelo movimento das relações sociais, diante dos hábitos e costumes dos alunos indígenas com os não indígenas. Esses fatores requerem o entendimento da relação com o outro, o respeito pela diversidade e pelas condições étnico-raciais, culturais assim como dos saberes que permeiam o contexto escolar.

Desse modo, no que se refere às relações interculturais, Silva (2013) defende que:

Nesse contexto, percebe-se que o local onde essas relações se mostram mais recorrentes é o ambiente escolar. Esse processo (relações interculturais) revela-se bipolar e às vezes ambíguo, perpassado de conflitos, comprovando a necessidade de dar um novo enfoque aos processos de ensino e aprendizagem e fomentando o reconhecimento das identidades culturais expressas no âmbito escolar. (SILVA, 2013, p.75).

A afirmação acima leva-nos a compreender que a comunidade escolar especialmente os professores, pelo fato de mediar a educação, o ensino e a aprendizagem, precisam entender e valorizar a cultura e os costumes dos sujeitos em processo, tomando cuidado para não reforçar preconceitos construídos e cristalizados na sociedade em relação a grupos com hábitos e costumes diferentes daqueles que foram impostos pela colonialidade e modernidade social.

Diante do exposto, dada a importância da escola para a comunidade e com o olhar para sua singularidade, senti a necessidade de realizar essa pesquisa, com a finalidade de produzir conhecimentos por meio dos dados e registros da escola para a comunidade escolar e local. A finalidade é de que, não só os professores, mas também as futuras gerações de estudantes conheçam como se deu o processo histórico dessa escola localizada dentro da aldeia indígena urbana Marçal de Souza e compreendam como se estabelecem as relações sociais e culturais dos sujeitos nesse espaço de ensino junto a essa comunidade.

Nesse sentido, formulo a seguinte hipótese: desde o início da institucionalização (1999) até o contexto de 2017 a Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” vem tentando criar possibilidades para ser uma escola que pratica experiências interculturais.

Dessa maneira, por meio do estudo e dos dados obtidos nesta pesquisa, pretendo responder aos questionamentos acima, e, assim contribuir para o reconhecimento e valorização da escola na comunidade indígena urbana Marçal de Souza, bem como da cultura indígena.

No que se refere à interculturalidade nos apoiamos nos estudos de Candau (2016) que assinala ser este um termo polissêmico, cuja trajetória na América Latina assumiu contornos singulares, plurais e originais. A autora indica em seus estudos que três afirmações assumiram destaque ao se tratar de interculturalidade nos processos educativos, a saber:

A primeira refere-se à relação entre diferenças culturais e direitos humanos. Partimos do ponto de vista de que a relação entre questões sobre justiça, superação das desigualdades e democratização de oportunidades e aquelas que dizem respeito ao reconhecimento de diferentes grupos socioculturais se faz cada vez mais estreita.

Já a segunda afirmação tem a ver com a relação entre multiculturalismo e interculturalidade. Assumimos a posição que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades democráticas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade. Um terceiro eixo articulador do nosso trabalho tem sido, particularmente no que se refere à educação escolar, a afirmação de que somos chamados a construir novos “formatos” escolares, que respondam aos desafios sociais, culturais e educacionais que enfrentamos hoje. (CANDAUI, 2016, p. 806-807).

A autora afirma ainda que a interculturalidade é compreendida em uma perspectiva crítica com as seguintes características:

[...] promove a deliberada inter-relação entre diferentes sujeitos e grupos socioculturais de determinada sociedade; nesse sentido, essa posição se situa em confronto com todas as visões diferencialistas, assim como com as perspectivas assimilacionistas; por outro lado, rompe com uma visão essencialista das culturas e das identidades culturais; concebe as culturas em contínuo processo de construção, desestabilização e reconstrução; está constituída pela afirmação de que nas sociedades em que vivemos os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores da construção de identidades abertas, o que supõe que as culturas não são puras, nem estáticas; e tem presente os mecanismos de poder que permeiam as relações culturais, assumindo que estas não são relações idílicas, estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por conflitos de poder e marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos socioculturais. Uma última característica que gostaríamos de assinalar refere-se ao fato de essa perspectiva não desvincular as questões da diferença e da desigualdade presentes hoje de modo particularmente conflitivo, tanto no plano mundial quanto em diferentes sociedades, entre as quais a brasileira. (Id. Ibid, 2016, p. 808).

Com base nessa assertiva conceitua a educação intercultural como a que:

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos – individuais e coletivos –, saberes e práticas na perspectivada afirmação da justiça – social, econômica, cognitiva e cultural –, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença. (CANDAUI, 2014, p. 1 apud CANDAUI, 2016, p. 808-809).

Assim, a análise da história da escola tem o propósito de apreender os elementos que a singularizam em sua trajetória, bem como se suas relações sinalizam para o reconhecimento das diferenças culturais em atitudes positivas e de valorização a essa condição.

Para dar forma a esta dissertação, os capítulos foram organizados da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta os principais teóricos que dão sustentação à escrita deste trabalho, bem como os pesquisadores que tratam das duas temáticas abordadas, quais sejam: a história das instituições escolares e os povos indígenas, em especial o povo Terena. Ainda no

mesmo capítulo são contextualizados aspectos gerais da história dos povos indígenas no Brasil e no Mato Grosso do Sul, com destaque para a etnia Terena em Campo Grande, pelo fato dessa etnia se constituir no maior contingente populacional dos habitantes da aldeia urbana Marçal de Souza, além disso, por ser essa aldeia o espaço geográfico onde se localiza a escola em estudo.

O segundo capítulo apresenta a elaboração dos registros referentes à origem da escola Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”, destacando aspectos do contexto histórico, político e social da comunidade indígena, alguns aspectos da população que habita a aldeia urbana Marçal de Souza, as lutas e desafios da comunidade juntamente com as lideranças, as conquistas, a criação, a evolução, a estrutura física da instituição, os atores participantes, os aspectos pedagógicos referentes ao currículo escolar, a formação da cultura que permeia o ambiente escolar e a Feira Indígena Cultural-FIC, evento realizado todos os anos geralmente no mês de abril em que se comemora o dia do índio com envolvimento da escola e da comunidade. O evento faz parte do calendário escolar e tem como foco a apresentação das principais características da cultura indígena, quais sejam: a dança, a arte, a pintura entre outros.

O último capítulo compreende a descrição do cotidiano escolar e as análises das entrevistas dos oito (08) sujeitos participantes da pesquisa que contribuíram com fontes orais por meio dos relatos de suas memórias referentes à origem e formação da comunidade, as lutas e conquistas para construir a aldeia indígena urbana Marçal de Souza, o Memorial da Cultura Indígena, a efetivação da escola, junto às autoridades competentes naquele período, a construção e inauguração da mesma, a sua importância e as relações estabelecidas entre a comunidade escolar e não escolar.

CAPÍTULO 1

PERCURSO METODOLÓGICO E POVOS INDÍGENAS

A presente pesquisa, de natureza qualitativa do tipo etnográfica, foi desenvolvida no lócus da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”. Para tanto, o processo de investigação envolveu a realização de levantamentos de documentos nos arquivos da escola, textos, Atas, regimento escolar, fotos, documentos oficiais, legislações pertinentes, memórias orais, fontes bibliográficas de autores que pesquisam a temática dos povos indígenas, em específico a etnia Terena, bem como as relações sociais compreendendo aspectos gerais da cultura desses povos.

Com esse propósito, entendemos ser necessário compreender como se configurou o formato do desenho cultural dessa instituição de ensino no contexto social. Para tanto, buscamos sustentação nos autores que tratam e fazem análise a respeito dos deslocamentos do povo Terena da aldeia de origem para os centros urbanos, tendo em vista que esses são os precursores da luta pela implantação e institucionalização da escola, além de propiciar um entendimento a respeito de como se estabeleceram as relações entre a comunidade indígena e a comunidade escolar. A luta pela construção dessa aldeia urbana se confunde com o início da constituição da escola em estudo, por se constituírem em lutas e conquistas ocorridas em períodos simultâneos.

Dessa perspectiva e, atendendo os objetivos propostos, apresentamos estudiosos que são considerados pilares para compreender a temática e embasar a escrita desta pesquisa no que se refere às ponderações a respeito dos povos indígenas no Brasil, no Mato Grosso do Sul e, em específico, à etnia Terena em Campo Grande. Esses teóricos são: Nascimento (2004), Mussi (2006), Melatti (2007), Aguilera Urquiza (2010), (2012), Vieira (2008, 2015).

Os estudos desses pesquisadores contribuem conforme as diferentes abordagens da temática estudada. Dessa forma, procuramos nos aprofundar nos textos que compreendem os conceitos, as características e os dados a respeito da trajetória e percurso das etnias indígenas, bem como os deslocamentos desses povos da aldeia para os centros urbanos no Estado, os conflitos, a cultura, os hábitos, os costumes, as línguas, em especial a etnia Terena, foco desta pesquisa. Além disso, são estudiosos que tratam também de como os indígenas socializam, circulam, movimentam-se e negociam com a cultura e os costumes da sociedade não indígena, assim como as relações com as diferentes culturas no meio social.

À luz dos estudos dos autores: Candau (2003, 2008, 2010, 2011), Grupioni (2002), Tassinari (2012), e Laraia (2001) buscamos a fundamentação para as análises, os conceitos e os conflitos que se configuram na formação do desenho cultural que se esboça dentro do

ambiente escolar e que se estrutura nas relações sociais entre os diversos grupos étnicos, em uma perspectiva da cultura e da interculturalidade.

Dessa maneira, cabe pontuar os conceitos de interculturalidade segundo esses autores. Para Candau (2003), por exemplo,

[...] interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e *desigualdade social*. Tenta promover *relações dialógicas e igualitárias* entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. *Não ignora as relações de poder* presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas pra enfrentá-los. (CANDAUI, 2003, p.148, grifos do autor).

A autora nos faz refletir que o discurso da educação intercultural para os grupos minoritários, nesse caso os povos indígenas, se apresenta com diversas faces, dependendo dos interesses sociais caracterizados nos discursos das relações de poder constituído no imaginário social.

No entanto, no documento dos Referenciais para a Formação de Professores Indígenas, Grupioni (2002, p. 87) entende que a interculturalidade “é uma educação onde se faz presente a diversidade de culturas e a riqueza de conhecimentos, saberes e práticas a ela associadas”. Para o autor, a educação intercultural acontece nos ambientes em que várias culturas se relacionam, interagem e desenvolvem-se, por meio da troca de saberes.

De outra forma, Tassinari (2001, p. 197) afirma que, “por ser um tema recente na bibliografia sobre os povos indígenas no Brasil, a educação intercultural nos centros urbanos é um dos assuntos mais urgentes e requer imediata atenção dos atores sociais envolvidos”. A autora coloca a educação escolar que atende sujeitos indígenas como um espaço de fronteiras, não no sentido de espaço geográfico, mas por entender que no espaço da escola as culturas transitam e os limites existentes são demarcados pelos conflitos nas relações entre a cultura indígena e a não indígena.

Nessa direção, buscamos os conceitos de Laraia (2001) para dar conta das reflexões e análises a respeito de cultura. As discussões desses estudos dão subsídios para descrever a cultura escolar, analisar a dinâmica de formação que se constitui por meio das relações entre os sujeitos e a incorporação de outras culturas vivenciadas nos diversos espaços sociais e em determinados contextos históricos.

Nesse sentido, Laraia aponta que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA 2001, p. 31).

Esse conceito leva-nos a compreender as proposições do autor ao expressar a ideia de que a cultura é vivida com isso incorporada à vida dos sujeitos em um processo dinâmico de renovação permanecendo latente por alguns períodos e diluindo-se em outros. No entanto, é um sistema complexo que perpassa as culturas apreendidas e as silenciadas.

Para descrever e analisar a constituição do processo histórico da instituição escolar e do seu cotidiano nos fundamentamos nas contribuições de Gatti Junior (2002), Nosella e Buffa (2002, 2009), Saviani (2005, 2008) e Sanfelice (2006), por serem os teóricos que se ocupam dos estudos referentes à História da Educação e das instituições escolares no Brasil e em outros países, e que discutem as categorias que serão analisadas nessa pesquisa.

Para descrever a origem da instituição escolar, seu cotidiano, os eventos e outros aspectos, buscamos os estudos de Nosella e Buffa (2002, 2009) que apontam as categorias que podemos considerar para registrar as memórias, tanto do ambiente escolar, quanto dos sujeitos envolvidos. Evidenciamos também que a pesquisa de Gatti Júnior (2002) aponta a mesma direção em relação à história das instituições escolares, ou seja, com o mesmo campo investigativo. Os autores argumentam que a partir dos anos 1990 houve um avanço significativo das pesquisas voltadas para a descrição da história das instituições escolares como forma de registro da memória social.

[...] história das instituições integra uma tendência recente da historiografia, que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das precipitadas análises de conjunto que, sobretudo a área educacional, faziam-se presentes. (GATTI JÚNIOR, 2002, p.4).

Dessa maneira, corroboram as discussões referentes às relações entre memória e história nos objetos investigados referente à observação e descrição da escola, do cotidiano, das práticas escolares e da cultura escolar, evidenciando os elementos que permitem compreender as instituições escolares e suas inter-relações.

Com o objetivo de estabelecer os nexos entre os autores que se debruçam sobre os estudos das instituições escolares e a educação brasileira buscamos a compreensão em Saviani (2005,2008). Nesse autor encontram-se as discussões a respeito da História da Educação no Brasil em uma perspectiva política, filosófica, histórica e crítico-social. O autor expõe as

trajetórias dos processos educacionais, destacando os pontos de fragilidade, os avanços, os retrocessos, as práticas e a cultura produzida nesse sistema em cada contexto histórico.

Nesse trabalho, a teoria de Saviani (2005, 2008) é importante, pois analisa e situa a relação da escola com a sociedade, porque argumenta sobre as questões dualistas existentes na escola, ambiente onde se legitima o reforço do preconceito e da “marginalização social através da marginalização cultural” e considera que a educação atual é o reflexo do processo histórico social pelo qual o país passou.

Sanfelice (2006) segue na mesma perspectiva teórica ao fazer a análise da constituição e do processo educacional, apresentando as características e as transformações vividas na história social em sua totalidade, para poder compreender as singularidades.

Nesse movimento, buscamos também as contribuições dos autores Peter Burke (1992, 2008), Verena Alberti (2008) e Jacques Le Goff (1982) para estabelecer os procedimentos de investigação e estruturação das análises dos relatos da história oral dos sujeitos entrevistados, a fim de compreender os elementos a serem considerados, tais como: espaço geográfico, a cultura da comunidade e aspecto sócioeconômico.

Esses autores tratam da historiografia, abordando elementos que se apresentam na construção do presente e do passado. Burke (1992, 2008), por exemplo, coloca a história como uma ciência da natureza e analisa a cultura presente no cotidiano e no imaginário social, produzida e reproduzida por meio das memórias que podem ser coletivas ou individuais. Sobre isso, o autor assevera que:

Essas imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística: englobam também o universo das imagens mentais. E se é verdade não haver pensamento sem imagem, tampouco deveremos deixar-nos afogar no oceano de um psiquismo sem limites. As imagens que interessam ao historiador são imagens coletivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e que se formam, modificam-se, transformam-se. Exprimem-se em palavras e em temas. (LE GOFF, 1994, p. 16).

Para o pesquisador, a memória tanto coletiva quanto individual se modifica com o tempo, conforme as convenções sociais no imaginário dos sujeitos, por isso a importância do registro da história oral, compreendendo a análise da história nos aspectos macro, micro e suas nuances.

Verena Alberti (2013), por sua vez, contribui com o Manual da História Oral. Como o próprio título sinaliza, a autora descreve as orientações a serem seguidas pelo pesquisador iniciante, abordando principalmente métodos, técnicas, materiais, tratamento dado às

informações e demais aspectos que são necessários para a realização do trabalho de pesquisa oral. Portanto, essa obra, de cunho técnico e metodológico, é de suma importância para o pesquisador que usa o recurso da história oral em seus trabalhos.

Assim, a leitura e estudo das obras desses autores foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, em que coletamos os dados por meio de entrevistas semiestruturadas com três (3) grupos de sujeitos, a saber: grupo dos docentes indígenas e não indígenas, dos (as) diretores (as) e dos indígenas. O último grupo foi subdividido em liderança local (cacique ou líder comunitário) e dois (2) moradores da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, com maior tempo de residência, que participaram ou vivenciaram as lutas e enfrentamentos dessa população para criação e implantação da escola, bem como que tenham filhos ou netos que estudem ou tenham estudado na unidade de ensino.

Na entrevista com os moradores da aldeia urbana, estes, responderam a um total de dez (10) perguntas semiestruturadas, seguindo um roteiro que está no (Apêndice C). Os relatos foram gravados e posteriormente transcritos e analisados. Todos os entrevistados tiveram acesso à leitura e às informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), conforme o cumprimento das exigências documentais em consonância com a legislação do Conselho de Ética em Pesquisa-CEP e do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP postadas na Plataforma Brasil, cujo parecer (Anexos A e B), aprovado, autoriza a realização da pesquisa. As assinaturas dos participantes foram colhidas de acordo com o aceite de participação na pesquisa.

Em outra etapa, as entrevistas foram realizadas com o grupo de três docentes que participaram, seguindo a seguinte ordem: um (1) com maior tempo na escola, que faz ou tenha feito parte do quadro efetivo de funcionários da instituição; apenas um docente indígena participou das entrevistas, visto que os docentes indígenas não efetivos; um (1) com tempo médio de atuação na escola e um (1) com tempo de atuação mais recente.

Os docentes responderam um total de 13 (treze) perguntas (Apêndice D) e também assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. O grupo dos (as) diretores (as), sendo um(a) (1) ex-diretor(a) e o (a) (1) diretor(a) atual, responderam 15 (quinze) perguntas e também assinaram os documentos necessários exigidos pela Plataforma Brasil para realização desta pesquisa.

Após a realização das entrevistas, os dados coletados foram analisados de acordo com os objetivos estabelecidos confrontados com as memórias dos sujeitos participantes da pesquisa. Assim, de posse das contribuições e dos registros de suas histórias orais tanto, do cotidiano no ambiente escolar, quanto da formação acadêmica, bem como as percepções dos

entrevistados em relação à escola e a comunidade detenho-me em construir as análises referentes à constituição histórica da escola e o papel dos sujeitos entrevistados nessa construção.

Em relação à metodologia, Ivani Fazenda (1991, p.32) afirma que “[...] as decisões metodológicas são pura decorrência do problema formulado e este só se explica devidamente em relação ao referencial teórico que deu origem a ele”. Dessa perspectiva, a partir da análise dos relatos das fontes orais, descrevemos aspectos da cultura presente na escola e da comunidade local, a fim de compreender suas singularidades, sua origem o contexto político e social no qual se deram as lutas e conquistas do povo Terena para efetivar a construção da escola e a sua maneira de ressignificar o seu *modus cultural*.

Por esse viés, o estudo pautou-se nas contribuições dos estudiosos Nosella e Buffa (2005) que utilizam como categorias de análise os seguintes tópicos para as instituições escolares:

[...] o *contexto histórico e as circunstâncias* específicas da criação e da instalação da escola; seu *processo evolutivo*: origens, apogeu e situação atual; *a vida da escola*; *o edifício escolar*: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; *os alunos*: origem social, destino profissional e suas organizações; *os professores e administradores*: origem, formação, atuação e organização; *os saberes*: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; *as normas disciplinares*: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; *os eventos*: festas, exposições, desfiles e outros. (NOSELLA, BUFFA, 2005, p. 4, grifos do autor).

Dessa forma, os tópicos propostos pelos autores Nosella e Buffa (2005) se constituíram, como fundamentais para a análise das categorias ‘contexto histórico e as circunstâncias’, ‘o processo evolutivo, o cotidiano escolar’ e ‘os eventos’, além de outros aspectos que fazem parte da cultura da referida escola.

Desse modo, as análises das categorias de Nosella e Buffa, principalmente no que se refere ao espaço físico assim como outras podem trazer elementos que sejam capazes de compreender e responder os seguintes questionamentos: Como se deu a constituição e o processo histórico da Escola Sullivan Silvestre Oliveira? Qual a importância da escola para a comunidade Terena? Como o alunado vivencia o cotidiano escolar?

Nessa perspectiva, Buffa (2001) nos esclarece que:

Há que se investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (os elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização do uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar, os professores, a

legislação, as normas e a administração da escola. Essas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade. (BUFFA, 2001, p. 84).

As afirmações da autora nos possibilitam compreender as categorias em estudo e fazer análises conforme os diversos aspectos culturais e sociais em que a instituição está inserida quais sejam: como ela se configurou, como se constituiu naquele espaço geográfico, como formou seu desenho cultural, de que maneira os atores escolares contribuem para a formação desses processos culturais.

Em contexto de análise, Fazenda (1991) também pontua que:

O estudo do cotidiano escolar se coloca como fundamental para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, seja na transmissão dos conceitos acadêmicos, seja na veiculação das crenças e valores que aparecerem nas ações, interações, nas rotinas e nas relações sociais que caracterizam o cotidiano da experiência escolar. (FAZENDA, 1991, p. 39).

A autora discute procedimentos metodológicos característicos de uma pesquisa de cunho etnográfico no cotidiano escolar, bem como as técnicas que podem/devem ser usadas em uma pesquisa de modo que seja capaz de explicitar os diversos aspectos que constituem a realidade do objeto estudado, neste caso a história da escola, compreendendo o seu cotidiano escolar.

1.1 Revisão bibliográfica

O movimento feito em busca do que já foi produzido provoca uma sensação de angústia, principalmente para o pesquisador iniciante, que, ao ler cada trabalho encontrado, se depara com um mar de conhecimentos e ideias sobre um mesmo assunto, porém com focos e abordagens diferentes.

Isso faz com que, em alguns momentos, fuçamos do tema proposto, movidos pela vontade de obter mais conhecimento ou pela simples curiosidade. No entanto, o tempo não espera, simplesmente corre, corre... E, quando percebemos, os meses se foram os prazos se aproximam e o “senhor desespero” marca presença frequente no cotidiano do pesquisador.

Tanto conhecimento em pouco tempo de estudo solitário faz com que nos sintamos confusos e perdidos, devido à falta de maturidade no campo da pesquisa, tendo em vista que esse processo não é uma tarefa fácil. Por outro lado, à medida que realizamos as leituras, constatamos a importância dessas “garimpagens” que, ao final, proporcionam não só novos

conhecimentos na área estudada, mas também a compreensão de um mesmo assunto, a partir de uma nova vertente de acordo com a visão dos teóricos e autores. Em cada contexto histórico social assim como as tendências dos temas pesquisados em determinados períodos, de acordo com o interesse político, econômico e sociocultural em que a sociedade está imersa essas reflexões, que resultam das investigações desses teóricos, fundamentam e aprofundam a análise dos dados do tema pesquisado.

O trabalho de levantamento das produções acadêmicas foi realizado nos bancos de dados dos programas de pós-graduação da CAPES e em outros sites, como Google Acadêmico e nos programas de curso de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado das universidades dentro e fora do Estado. Em outros sites também foram encontradas revistas e demais materiais, pesquisadas por meio da internet que, na contemporaneidade, facilita muito a realização de trabalhos acadêmicos.

Nas buscas pelas produções, os temas aparecem de forma escrita e também em outros formatos, tais como áudio, fotografias e imagens, no entanto, além dos teóricos mencionados, essa pesquisa se pauta também em artigos, dissertações e teses.

Nesse levantamento, identificamos que cada pesquisador se pauta em um referencial teórico e na revisão bibliográfica e, conforme sua visão de mundo, elaboram diferentes textos dentro de uma mesma temática, imprimindo sua marca na forma de escrever, defendendo assim novas ideias, novas produções.

Nesse aspecto, a revisão de literatura é muito importante, porque aponta um caminho a ser seguido pelo pesquisador, principalmente referente à escolha das produções acadêmicas que podem contribuir na elaboração do trabalho dissertativo.

Nessa perspectiva, Therrien e Jaques (2004) defendem que:

Geralmente, a revisão da literatura se apresenta como um encadeamento das categorias do trabalho, didaticamente organizadas enarradas em capítulo ou subcapítulo, constituindo um texto que traz a base teórica de sustentação para a análise dos dados. Deste modo, fornece ao estudante/pesquisador referenciais para interpretar e explorar o seu tema de investigação. (THERRIEN, JACQUES, 2004, p.11).

Neste sentido acadêmico-investigativo, o levantamento dos trabalhos referentes à educação escolar indígena realizado no site de Bancos de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, teve como os descritores: história das instituições escolares indígenas e educação escolar indígena.

Obtivemos um quantitativo de cento e sessenta e dois mil duzentos e treze (162.213) trabalhos no período de 2007 a 2017. Em seguida, realizamos outras buscas, usando os

descritores com o filtro para Campo Grande/MS. Encontramos duzentas e trinta e sete mil cento e onze (237.111) produções. Muitos trabalhos apareceram duas vezes, tanto no geral quanto no filtro para Campo Grande/MS.

Feita a seleção de vinte pesquisas, os resumos foram lidos e não identificamos nenhuma relação com a história da instituição escolar indígena. A maioria era relacionada com os temas currículo escolar, formação de professores indígenas, criança indígena, cultura indígena de determinada etnia, outras relacionadas às terras indígenas, à mulher indígena, às doenças indígenas, à educação infantil indígena, à alfabetização, à língua indígena, à educação especial, às políticas públicas, ao ensino de Ciências, à Educação Física na escola indígena entre outros. Dessa maneira, depois de fazer a leitura dos resumos, constatamos que todos se distanciavam da proposta do objeto investigado.

Após esse procedimento, concentramos as buscas nos bancos de dados dos programas de pós-graduação de Mestrado e Doutorado das universidades de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e, na sequência, em Campo Grande/MS, estabelecendo o mesmo período (2007 a 2017) e usando os descritores ‘história da instituição escolar indígena’ e ‘educação escolar indígena’.

No banco de dados da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, foram encontradas duas (2) dissertações; na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD/MS, quatro (4) dissertações e na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, treze (13), totalizando dezenove (19) produções visualizadas.

Após o levantamento desses trabalhos, elencamos um total de cinco (05) produções que, de certa forma, mais se aproximam do objeto investigado no que se refere à história dos povos indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul. São pesquisas que discutem a cultura de modo geral, com destaque nos aspectos relacionados à etnia Terena e nos itens de deslocamentos, tratam da língua e da escolarização dos povos indígenas.

Assim, das cinco (05) produções, identificamos três (3) que tratam da história de escolas não indígenas, em uma perspectiva intercultural. Os temas não têm relação direta com este estudo, mas compreendem alguns aspectos que devem ser considerados para a produção desta dissertação.

Com foco na leitura dessas três produções, encontramos uma pesquisa de grande relevância para a escrita deste trabalho. Trata-se da pesquisa de dissertação de mestrado de Carlos Magno Naglis Vieira (2008), pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, intitulada “O que interessa saber de Índio?": Um Estudo a partir das Manifestações de Alunos de Escolas de Campo Grande sobre as Populações Indígenas do Mato Grosso do Sul.

Essa pesquisa aborda aspectos importantes como a relação entre identidade e diferença cultural da criança indígena e não indígena e como essas relações se reproduzem, circulam e se estabelecem nos contextos dos ambientes escolares no espaço urbano. Outro ponto é a discussão da formação de uma cultura escolar estereotipada e preconceituosa em relação aos povos indígenas.

A segunda pesquisa, também com referência à temática da educação indígena, tem muita proximidade com o tema em estudo. É a tese de doutorado do mesmo autor acima citado, Carlos Magno Naglis Vieira, pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, intitulada “A Criança Indígena no Espaço Escolar de Campo Grande/MS: identidade e diferenças”. A pesquisa apresenta, com riquezas de dados um estudo sobre os índios Terena na educação escolar constituindo-se, dessa forma, em um referencial de grande importância, haja vista que parte da pesquisa foi realizada no interior da escola em estudo, envolvendo os sujeitos da comunidade escolar e da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, principalmente as relações interpessoais entre os estudantes indígenas e os professores.

Vieira apresenta dados referentes à origem da instituição, abordando os conflitos e as tensões produzidas no ambiente escolar devido às diferenças culturais nas relações sociais entre os sujeitos indígenas e não indígenas. Além disso, descreve aspectos do processo de formação da escola e da Aldeia Indígena Urbana, tópico que se insere neste estudo e o cotidiano da instituição referente às práticas pedagógicas e às relações com a diversidade social e cultural estabelecida entre os docentes e os estudantes. O pesquisador se valeu da pesquisa bibliográfica, etnográfica, por meio da observação e de entrevistas com sujeitos da comunidade escolar e local.

Na mesma direção, a terceira pesquisa elencada foi a tese de Vanderléia Paes Leite Mussi, intitulada “As Estratégias de Inserção dos Índios Terena: da Aldeia ao Espaço Urbano (1990-2005)”. A autora apresenta grandes contribuições que têm relação direta com a temática em curso. Isso se evidencia na parte em que discute a origem dos índios Terena, sua organização social, a língua materna, os percursos de deslocamento dos Terena da aldeia de origem para os centros urbanos dentro do estado de Mato Grosso do Sul. Discute ainda a cultura, a socialização, os meios de subsistência, as características das aldeias urbanas em Campo Grande, em específico os dados referentes à Aldeia Urbana Marçal de Souza, em que contextualiza os aspectos da origem e da formação da escola Sullivan Silvestre Oliveira.

A partir das reflexões dos autores, debruçamo-nos sobre os estudos a respeito da história da migração dos índios Terena das aldeias para os centros urbanos e a escolarização desses povos, um dos pontos marcantes investigado pelos pesquisadores.

A quarta produção selecionada foi de Marcela Guarizo da Silva, pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, intitulada “Presença de Crianças Indígenas em Escolas Municipais não indígenas de Dourados-MS: a educação na perspectiva intercultural (2013)”. Nessa pesquisa, a autora discute as relações interculturais entre alunos indígenas e professores não indígenas e as barreiras encontradas nas escolas municipais não indígenas que atendem crianças indígenas na cidade de Dourados-MS.

Apesar de a pesquisa ter sido realizada em um espaço geográfico bem diferente da capital do Estado, ou seja, Campo Grande. A autora descreve a história da instituição escolar e contextualiza a escola não indígena que recebe alunos indígenas, e discute as relações pessoais que se estabelecem naquele contexto. Nesse ponto, o estudo é convergente com a escola investigada.

A quinta e última dissertação selecionada tem como título “A Educação Infantil Indígena em Escola Urbana do Município de Itaporã-MS” e foi desenvolvida por Vera Lucia Amador Alves, apresentada ao programa de Mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, em 2017.

A pesquisadora aborda as práticas de ensino e as relações sociais e culturais estabelecidas em uma escola municipal urbana não indígena, que atende alunos de uma reserva indígena no município de Dourados/MS. As relações interculturais e as práticas pedagógicas naquela instituição de ensino correspondem a uma das propostas de investigação deste trabalho.

A relação do referido estudo com o objeto por nós investigado se dá pelas semelhanças do público e a especificidade das duas escolas em oferecer uma educação intercultural pautada no respeito às diferenças e à inclusão dos diferentes sujeitos no contexto escolar.

Ao término do levantamento das fontes bibliográficas, constatamos que as pesquisas referentes à temática relacionada à história das instituições escolares indígenas, tendo como foco a escola, ainda são incipientes. Dessa maneira, descrever o processo histórico de uma escola que se constitui de forma diferenciada dentro de uma aldeia indígena urbana e compreender sua dinâmica de atendimento, as relações entre os sujeitos, bem como o formato do desenho cultural dessa instituição, é um tanto desafiador.

No entanto, o pesquisador que se reveste de ânimo e coragem para enfrentar esse desafio, no final do processo tem como prêmio o prazer de obter e gerar mais conhecimentos, abrindo caminhos para futuras pesquisas. Nesse sentido, a temática em estudo, devido a sua singularidade, é um campo fértil para pesquisadores desenvolverem estudos sobre vários

aspectos e assim, contribuirão com a história de instituições escolares que compreendem a diversidade cultural e suas especificidades.

1.2 Povos indígenas no Brasil, aspectos gerais

Com base no ainda pequeno conhecimento que temos sobre a história dos povos indígenas no Brasil adquirido durante o percurso de estudo na formação acadêmica sabemos que antes da chegada dos europeus às terras brasileiras, estas já eram habitadas pelos povos nativos, que a partir do contato com os portugueses passaram a ser denominados índios. Esses povos pertenciam a uma grande sociedade, porém com diferentes grupos étnicos. Cada um, com seus valores culturais, seus costumes, hábitos e línguas, fazia parte das terras brasileiras e vivia como tal.

De acordo com os estudos de Melatti (2007), a partir da colonização feita pelos europeus, outras formas de ver e viver em sociedade foram impostas a esses povos. Com isso, seus saberes e suas crenças foram completamente ignorados, prevalecendo os conhecimentos dos europeus desde o primeiro contato com os nativos em solo brasileiro e das Américas.

Devido ao domínio dos colonizadores cuja intenção, desde o início, era a obtenção de lucro e poder os nativos de todas as regiões do país foram explorados, escravizados, subalternizados em detrimento da cultura europeia. Esse é um fato que podemos constatar até nos tempos atuais, porque, na atualidade para sair do formato cultural imposto pelos europeus, os povos indígenas lutam para manter sua identidade e sua cultura.

Nesse sentido, os estudos de Melatti (2007) apontam que, desde o momento em que os portugueses aportaram às terras da América do Sul por “engano”, pensando estar em solo indiano, os povos nativos desse continente passaram a ser alcunhados de índios! Com isso, desde o início os povos indígenas travaram muitas lutas para manter a posse de seus territórios, seus costumes, seus hábitos e a sua cultura. Ao longo de muitas décadas os indígenas sofreram um processo de subalternização que perdura até os dias atuais.

Os povos nativos não tinham qualquer ambição em adquirir bens materiais e de consumo muito menos acumular propriedades individuais ou coletivas, o interesse pelas riquezas da terra era apenas como meio de produção para subsistência dos grupos. Diferentemente os portugueses, impulsionados pelo mercantilismo, chegaram ao continente com o propósito de buscar especiarias para comercializar segundo estudos de Melatti (2007) e Aguilera Urquiza (2013).

Os nativos habitavam a América do Sul e cada grupo tinha as suas particularidades e singularidades étnicas, sua forma de organização social, territorial e cultural própria das sociedades indígenas.

Nessa direção, Melatti (2007) aponta:

Fazia milhares de anos que estava inteiramente ocupado por uma população que se apresentava distribuída por inúmeras sociedades, organizadas das mais diferentes maneiras, fossem pequenos grupos de caçadores e coletores, aldeias agrícolas autônomas ou politicamente articuladas ou, ainda, estados sustentados por técnicas de plantio intensivos. (MELATTI, 2007, p.17).

De outra maneira, os nativos tinham vida própria. Existiam muitas riquezas naturais e culturais nas diferentes sociedades indígenas com características próprias e variedades linguísticas.

Segundo os antropólogos citados, durante a colonização, muitas etnias indígenas foram dizimadas por doenças e moléstias causadas pelo contato com os não indígenas e também por lutas, conflitos internos com grupos rivais e guerras externas com outros povos devido à disputa por territórios. Os índios foram feitos escravos pelos europeus e, por consequência, em todas as regiões brasileiras diversos grupos étnicos desapareceram.

Nesse contexto, Melatti (2007) afirma que na primeira metade do século XIX “[...] no Sul, os bandeirantes destruíram as missões dos jesuítas espanhóis no noroeste do Paraná, aprisionando e levando seus índios Guaranis como escravos para São Paulo”. (MELATTI, 2007, p.242). Dessa forma, os povos indígenas eram levados de uma região para a outra conforme os interesses dos fazendeiros, para servirem de mão de obra escrava. Assim, foram escravizados, massacrados e hostilizados, sofrendo todo tipo de preconceito e imposições feitas pelos donos de terras. Porém, o domínio não foi um processo tranquilo e rápido, houveram muitas resistências por parte dos povos indígenas.

Esses bandeirantes sempre com o objetivo de adquirir poder e posse aprisionavam os povos indígenas para dominá-los, escravizá-los e ficarem com o controle de grandes extensões de terras. Segundo Aguilera Urquiza (2013) e Melatti (2007), os principais fatores que contribuíram para o enfraquecimento da luta dos indígenas em relação aos não indígenas foram a desconstrução da cultura, dos hábitos, dos costumes e a negação de suas línguas. Os indígenas tiveram muitos conflitos e batalhas com os não indígenas, sempre com o propósito de reconquistar ou preservar as terras de seu povo.

Conforme Aguilera Urquiza (2013):

[...]os povos indígenas no Brasil foram vistos, ao longo destes séculos, ora como posse (tentativa de escravidão e trabalho forçado), ora como povos selvagens que deveriam sofrer os efeitos da evangelização e civilização, ora como empecilhos ao desenvolvimento do país (massacres praticados pelos bandeirantes e pelas frentes de expansão das fronteiras agropastoris), só mais recente em 1910, com a criação do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) o estado brasileiro estabelece, pela primeira vez uma política para atender a questão indígena. (AGUILERA URQUIZA, 2013, p. 17,18).

E assim, sem uma política de proteção e leis que assegurassem os seus direitos, os indígenas sofreram com massacres dos donos de grandes latifúndios. Por isso, muitos conflitos entre índios e fazendeiros aconteciam por interesses e obtenção de mais lucros por meio da posse de grandes extensões de terras.

Os autores, registram ainda que os territórios indígenas eram invadidos para formar pastos para criação de animais e para o cultivo da cana-de-açúcar, bem como, em anos seguintes, o plantio do café. Em determinadas regiões, como o Norte e o Centro-Oeste, as invasões objetivavam exploração do ouro e a extração da borracha, além de outras riquezas das terras, dependendo da produção de cada região do país.

Dessa maneira, os indígenas saíram do domínio dos colonizadores e da igreja e passaram a disputar terras e ser mão de obra para os donos de latifúndios, que se utilizavam de variadas estratégias para tentar moldar os indígenas conforme os seus interesses econômicos, de maneira que atendessem às necessidades e características do modelo político, social, ideológico e cultural estabelecido naquele contexto histórico.

Com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, tida como Constituição cidadã, foram garantidos aos povos indígenas o direito à posse permanente de suas terras e o usufruto exclusivo das riquezas, do solo, dos rios e lagos nelas existentes. Também estão estabelecidos no Capítulo VIII – Da Ordem Social, Dos índios – preceitos que asseguram o respeito à organização social, aos costumes, às crenças, às tradições e o reconhecimento da cultura desses povos, dos seus modos de vida, de organização social, de produção, reprodução e modo de viver.

Dessa forma, a Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988 foi um marco de conquistas dos direitos para os povos indígenas. Tanto que o Art. 215 garante o respeito à utilização de sua língua materna e o Art. 210 assegura processos próprios de aprendizagem. Após a Constituição vieram outros dispositivos legais seguindo os mesmos preceitos, como por exemplo, a Lei nº 9394/96 que estabelece as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN que, com base na Constituição, segue garantindo educação escolar diferenciada, comunitária e intercultural para os povos indígenas.

Garante, dessa forma, sua especificidade no ato de educar, contemplando contextos culturais, língua materna e bilinguismo e suas ações educativas, alinhadas aos códigos culturais, à história e à tradição dos povos indígenas. Garante também os processos de formação específica para os professores que atuam nas escolas indígenas, assim como a elaboração e a divulgação de materiais didáticos específicos e diferenciados a partir das vivências desses povos.

Da mesma forma, a Lei nº 11.645 de 10 março de 2008, representou outro avanço significativo quanto ao reconhecimento da cultura indígena, alterando a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada ainda pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, em que dispõe sobre a inclusão e a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial de ensino.

Quanto à população, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) informa que desde 1500, até os anos de 1970, a população indígena brasileira sofreu uma queda acentuada, além de muitos grupos étnicos terem sido considerados extintos. No entanto, a partir de 1990 o IBGE passou a incluir os indígenas no censo demográfico nacional e, a partir de então, aumentou para 150% (cento e cinquenta por cento) a porcentagem de brasileiros que se declararam indígenas nos anos de 1991 em diante. O ritmo de crescimento foi seis vezes maior que o da população em geral.

A população indígena, que era de 2% (dois por cento) em 1991 em relação aos não indígenas em 2000, saltou para 4% (quatro por cento) de crescimento em relação à população em geral, totalizando setecentas e trinta e quatro mil (734.000) pessoas com um aumento anual de 10,8% da população, a maior taxa de crescimento dentre todas as categorias.

A atual população indígena brasileira, segundo resultados preliminares do Censo Demográfico realizado pelo IBGE, em 2010 é de oitocentos e dezessete mil, novecentos e sessenta e três (817.963) indígenas, dos quais quinhentos e dois mil setecentos e oitenta e três (502.783) vivem na zona rural, e trezentos e quinze mil, cento e oitenta (315.180) habitam as zonas urbanas brasileiras.

A atual população indígena brasileira, segundo resultados preliminares do Censo Demográfico realizado pelo IBGE, em 2010 é de oitocentos e dezessete mil, novecentos e sessenta e três (817.963) indígenas, dos quais quinhentos e dois mil, setecentos e oitenta e três (502.783) vivem na zona rural, e trezentos e quinze mil, cento e oitenta (315.180) habitam as zonas urbanas brasileiras.

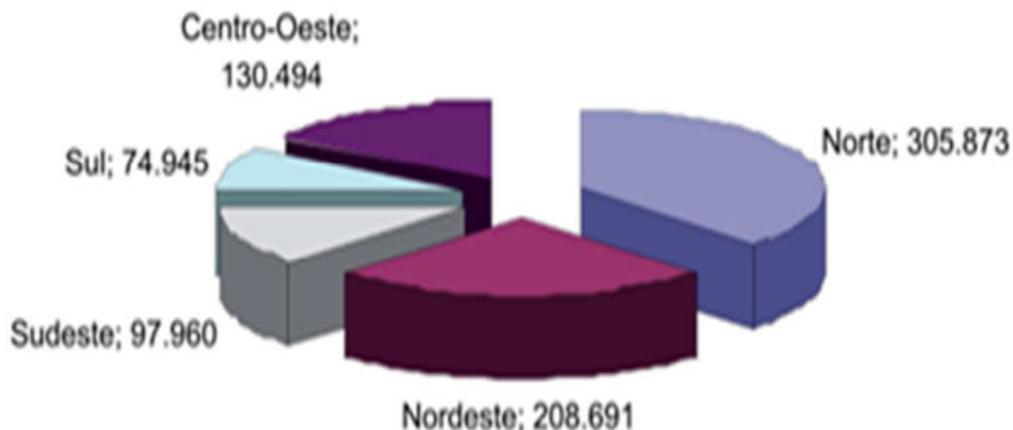
Assim, de acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE (2010), por conta da auto declaração, em todas as regiões brasileiras houve

um crescimento significativo das populações indígenas, algumas com maior número que em outras, sendo que dados da Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2015) indicam que a região Norte é a mais populosa, com 60%, e a segunda com maior contingente é a região Centro-Oeste. Além dessas populações, existem lugares em que algumas etnias consideradas extintas estão ressurgindo em busca dos seus direitos, exemplo um são os Kinikinau.

Conforme a FUNAI (2015), os indígenas recebem três tipos de classificação: os isolados – grupos que têm contatos eventuais com o não indígena, os que estão em processo de integração – são os que têm mais convívio com a sociedade não indígena, porém não incorporaram muito bem a cultura do não índio e os integrados – aqueles que, apesar de não esquecerem a sua cultura, passaram a incorporar o tipo de vida e os costumes da sociedade não indígena.

O Gráfico 1 abaixo mostra dados do último Censo, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com a distribuição da população indígena nas regiões do Brasil, sendo as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste as mais populosas.

Gráfico 1 – População Indígena nas Regiões do Brasil
Distribuição da população indígena - IBGE - 2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.

O Censo revelou que em todas as regiões, há populações indígenas, entretanto, apesar de o gráfico mostrar a região Centro-Oeste com a terceira população, Aguilera Urquiza (2010, 2013), Mussi (2006) e Vieira (2015) afirmam em seus estudos que no estado de Mato Grosso do Sul se concentra a segunda maior população indígena do país.

A Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2015) também registra sessenta e nove(69) referências de indígenas ainda não contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

Com base nos registros do IBGE existe um êxodo desordenado, causando grande concentração de indígenas nas cidades, ou seja, deslocamentos das terras indígenas para os centros urbanos. Dados mais recentes do Censo realizado em 2010 registram a população brasileira em um total de cento e noventa milhões, setecentos e cinquenta e cinco mil, setecentas e noventa e nove (190.755.799) pessoas em geral, sendo que oitocentos e dezessete mil, novecentas e sessenta e três (817.963) são indígenas, representando trezentos e cinco (305) diferentes etnias. Foi registrado no país um total de duzentas e setenta e quatro (274) línguas indígenas.

Segundo Melatti (2007) estudioso e pesquisador das sociedades indígenas existem variantes em todas as regiões do país o que dificulta o registro de dados dessa população de forma mais precisa. Para o autor, os fatores são diversos, desde a grande extensão territorial do país, onde existem lugares longínquos e de difícil acesso, até a falta de contingente profissional com qualificação para fazer o recenseamento, além da falta de conhecimento em relação aos costumes, à cultura e à variedade linguística dos grupos indígenas, dificultando a comunicação. Outro entrave é o pouco recurso que chega às muitas localidades isoladas.

Em sentido contributivo, Melatti (2007) assevera que:

[...] os dados demográficos sobre os índios atuais são muito precários. É verdade que os censos gerais do Brasil, que se realizam periodicamente, incluem parcialmente a população indígena. Não o faz integralmente porque os recenseadores não visitam os povos indígenas isolados, e mesmo no caso da maioria – que são os que mantêm contato com os brancos – muitas aldeias estão em lugares de difícil acesso. Também é difícil localizar os que moram em cidades, onde nem sempre se identificam como índios [...].(MELATTI, 2007, p. 44).

O autor aponta que seria necessário um censo indígena, com entrevistadores especialmente treinados e com tempo suficiente para se fazerem entender, pois existem etnias que não falam o português e que, devido às diferenças culturais, não entenderiam determinadas perguntas. Em outras palavras, falta um censo que demonstre atualmente com precisão a quantidade real da população indígena nas regiões brasileiras. “Se é difícil dispor de dados demográficos relativos aos índios atuais, pode-se imaginar como é temerário estimar a população indígena de quinhentos anos atrás”. (Melatti, 2007, p.44).

Os apontamentos do pesquisador levam-nos a refletir sobre a situação do indígena no contexto histórico atual. Se fizermos uma comparação com o que já estudamos nos livros nos

bancos escolares, houve pouca evolução em relação ao respeito para com esses povos. Dessa forma, é possível constatar que houve descaso na obtenção dos dados dessa parcela da população brasileira.

Estudos evidenciam que durante um longo processo histórico de ocupação das terras do Estado por imigrantes e posseiros, no período político histórico social denominado de Estado Novo, muitas etnias indígenas perderam seus territórios e foram incorporados como mão de obra nas fazendas de gado, nas usinas de cana-de-açúcar e em atividades urbanas, principalmente na construção civil.

Os estudos de Brand e Nascimento (2006) pontuam:

As populações indígenas de Mato Grosso do Sul, são marcadas por um processo histórico de contato interétnico e violento, no bojo do qual foram constantemente desafiados a moldar e remoldar sua organização social, construir e reconstruir sua forma de vida e desenvolveram complexas estratégias, alternando momentos de confrontos direto, permeados por enorme gama de violência, com negociações, trocas e alianças. (BRAND e NASCIMENTO, 2006, apud AGUILERA URQUIZA, 2012, p.149).

Dessa maneira, devido aos constantes conflitos e perdas dos seus territórios, esses grupos indígenas ficam confinados a pequenos espaços de terras. Diante das condições de vida a que estão sujeitos, saem de suas aldeias para as cidades em busca de outros meios de sobrevivência, expondo-se a diversos tipos de violências presentes nos centros urbanos – preconceitos, drogas, prostituição, mendicância entre outras.

1.3 Povo Terena em Mato Grosso do Sul

Em seus estudos (Vieira, 2015), que se baseia nas pesquisas da antropóloga Marta Amaral de Azevedo, descreve os dados referentes à demografia da população indígena no Brasil. Segundo a autora houve nos últimos anos um significativo crescimento demográfico da população indígena brasileira, com um número superior a 225 (duzentos e vinte e cinco) etnias distribuídas em vários estados da federação. Em de 2011, foram registradas 232 (duzentos e trinta e duas) etnias indígenas, sendo a região Norte a detentora da maior concentração desses povos, ficando Mato Grosso do Sul, localizado na região Centro-oeste com a segunda maior população indígena do país.

Segundo a pesquisadora, isso ocorre devido a dois (2) fatores: 1 – o elevado crescimento de pessoas que passaram a assumir a identidade indígena, que antes se assumiam como pardas ou negras. 2 – o crescente número da população indígena em contexto urbano que é de aproximadamente 315 mil.

Vieira (2011) aponta que,

[...] nos últimos 20 anos, a população indígena do Estado teve um aumento superior a 50%, fato observado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA. A população indígena do Mato Grosso do Sul que em 1991 era de aproximadamente 32.752 (trinta e dois mil e setecentos e cinquenta e dois) índios passou a registrar em 2011 um total de 72.000 (setenta e dois mil) indígenas (aldeados e urbanos). (VIEIRA, 2011, p.03).

Ainda de acordo com o autor, Mato Grosso do Sul é considerado um “estado brasileiro com grande diversidade demográfica e de muitos *ethos* culturais”. (VIEIRA, 2011, p.05). Dessa maneira, concentra grande número de migrantes de todas as regiões brasileiras e até mesmo de outros países.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2010, estima-se uma população indígena de setenta e três mil, duzentos e noventa e cinco (73.295) pessoas no Estado. Entre esses povos, destacamos as populações: Kaiowá, Guarani, Kadiwéu, Laiana, Guató, Ofaié, Kinikinau, Atikum e Terena.

No entanto, conforme (Aguilera Uruiza, 2010), os indígenas da etnia Terena, se destacam, pois em questões numéricas constituem-se em uma das mais importantes populações do país. Originários da família Aruak, que em tempos primórdios se localizava no altiplano andino, nas planícies da Colômbia, Venezuela e nas várzeas do Equador, os Terena é a segunda maior população indígena de Mato Grosso do Sul, que devido à ocupação espanhola nesses territórios, migrou para a região sul do Mato Grosso, no Pantanal, mais especificamente para a área do Chaco paraguaio.

No movimento da saída da aldeia para os centros urbanos, os Terena migraram para a cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, tendo em vista a possibilidade de melhor qualidade de vida e principalmente, para ter acesso a níveis mais avançados de estudos para os filhos como, por exemplo, ao ensino superior.

Aguilera Uruiza (2010) afirma que dentre os povos indígenas que habitam o estado de Mato Grosso do Sul, os Kaiowá, Guarani e Terena, são os últimos os que se apresentam,

[...] com o maior contingente populacional. Considerados umas das mais importantes do país, registros apontam que os Terena viviam no Chaco Paraguai a partir do século XVI e conhecidos como índios Guaná e também Txané. Outra informação importante é que após a Guerra do Paraguai ocorreram grandes perdas do seu território. (AGUILERA URQUIZA, 2010, p.76).

O autor nos apresenta ainda que a etnia Terena, dependendo da região em que habitava, recebia outras denominações. Entretanto, sempre se diferenciou das demais pelo seu

aspecto de organização social e pelo espírito de luta diante do enfrentamento de batalhas, como a Guerra do Paraguai, que ocasionou perda significativa de seu território.

[...] Com pouca terra e muita pressão de invasores, criadores de gado, muitas famílias viram-se obrigadas a trabalhar para eles. Outras tiveram a sorte de conseguir voltar a plantar suas pequenas roças e comercializar seus produtos nas cidades próximas às aldeias. Outras famílias decidiram tentar a vida na cidade, enfrentando os infortúnios do preconceito, da pobreza e do abandono. (AGUILERA URQUIZA, 2010, p.61).

O pesquisador enfatiza características dessa etnia, como o fato de serem índios agricultores, por isso lutam pela terra, por ser sua principal fonte de renda e subsistência. Os Terena procuram se adaptar ao meio social e, sendo assim, deslocam-se com facilidade, habitando vários municípios do estado, tais como: Miranda, Sidrolândia, Aquidauana e Anastácio, além de outras cidades, transitando pelas aldeias dessas regiões e no contexto urbano enfrentando todo tipo de sorte.

Mussi (2006), por sua vez, afirma que:

Os grupos do Tronco Aruak, de modo geral, assim como os Terena, possuem um sistema específico na ocupação do espaço destinado ao preparo do solo para o plantio. Antes de começar o cultivo, primeiramente derrubavam matas nativas e, no espaço da derrubada, plantavam as suas lavouras; só onde a terra era suficientemente úmida e fértil que servia para a plantação do milho ou da mandioca, principal produto cultivado pelos grupos. (MUSSI, 2006, p.93).

A autora destaca, pois, alguns aspectos culturais da etnia Terena no que se refere à organização familiar, à forma como o trabalho é realizado e o sistema de utilização da terra nas lavouras.

Nessa perspectiva, Aguilera Urquiza e Vieira (2012), contribui com esse estudo, esclarecendo que:

Esses índios, em sua grande maioria mulheres, viram na cidade a oportunidade de melhorar suas condições de vida, principalmente no tocante aos laços de parentescos, às relações de trabalho, à falta de terra, aos problemas políticos na aldeia e à educação. (AGUILERA URQUIZA e VIEIRA, 2012, p. 23).

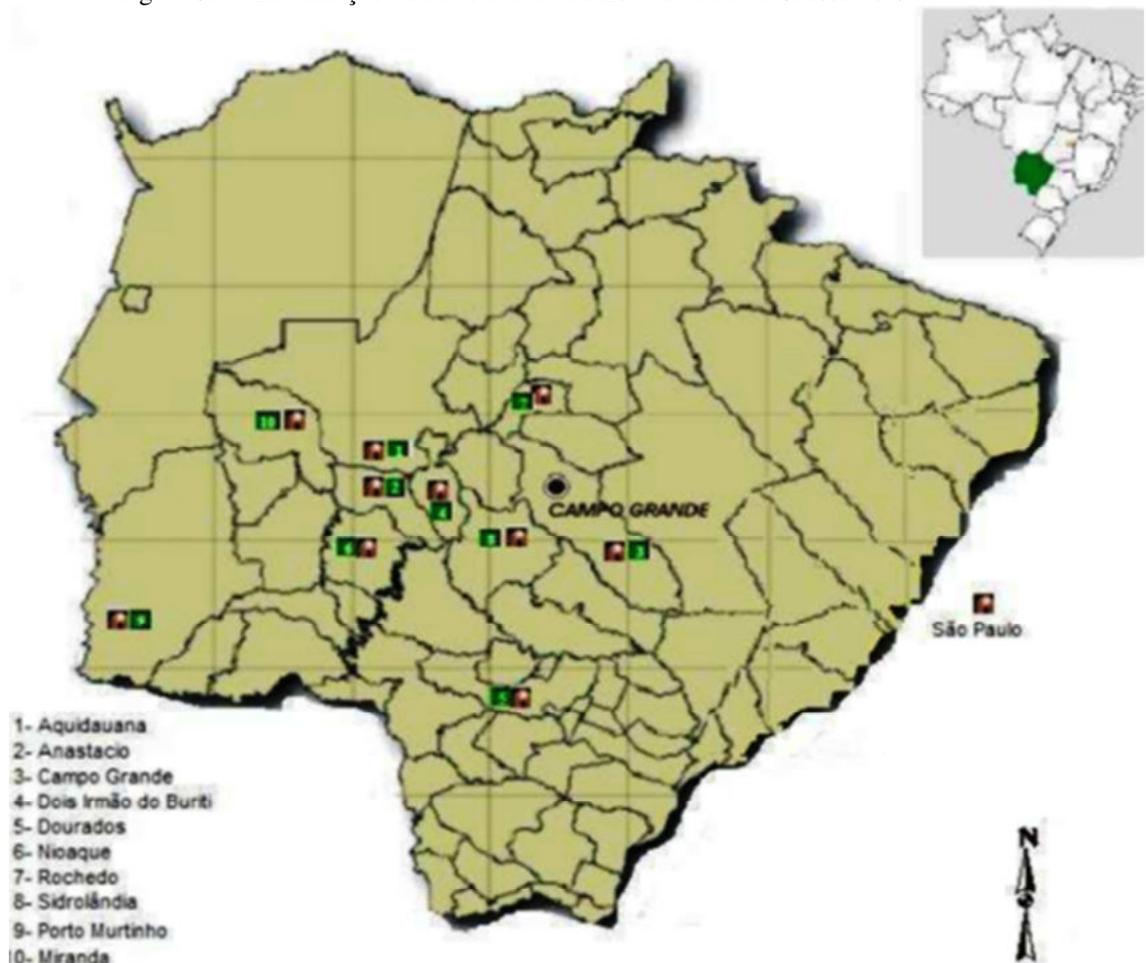
Para esses estudiosos, a falta de terras para plantar é um dos principais fatores que impulsionam os Terena a saírem de suas aldeias para a cidade em busca de melhorias de vida para sua família, tanto à procura de bens materiais quanto de estudos e educação. Dessa forma, organizam-se em aldeias urbanas para não perderem o vínculo com a cultura e os hábitos de seu povo. Sobre esse aspecto, Mussi (2006) evidencia que em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, a população indígena urbana está distribuída em 5

aldeias quais sejam: Marçal de Souza, Água Bonita, Tarsila do Amaral, Darcy Ribeiro e Núcleo Industrial. A Marçal de Souza foi à primeira aldeia constituída no contexto urbano, ainda em 1999 na cidade de Campo Grande/MS.

De acordo com Mussi (2006) podemos refletir que o povo Terena, mesmo desaldeado, organiza-se na luta pela conquista de melhorias para sua gente no espaço urbano. Esses avanços se constataam por dados que registram um crescimento populacional expressivo dessa etnia, haja vista as estatísticas figuradas anteriormente sobre sua migração para o espaço urbano: “[...] em comparação com os dados anteriores, e se levarmos em consideração o número de índios no espaço urbano, é possível perceber que houve um aumento gradativo do número de crianças indígenas e de adultos na cidade” (VIEIRA, 2015, p. 105).

No mapa abaixo (Figura 01) podemos visualizar as regiões no estado de Mato Grosso do Sul onde o povo Terena está localizado

Figura 01 – Localização do Povo Terena no Estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado por Cíntia Nardo Marques e Claudete Cameschi de Souza, 2017.

Por meio da leitura do mapa podemos constatar o movimento dessa etnia que, almejando melhores progressos, se desloca de suas aldeias de origem para as cidades do Estado, passando a estabelecer maior contato com a sociedade envolvente, tendo que enfrentar grandes desafios, inclusive o preconceito, vivendo à margem da sociedade.

Com base em Vieira no livro de Aguilera Urquiza (2013), a história dos Terena tem sido descrita a partir de quatro grandes momentos. O primeiro, denominado de tempos antigos, marcado pela saída desse povo do Chaco, na região do Pantanal, devido à pressão feita pelos colonizadores europeus por conta das minas de prata existentes no local. De acordo com Azanha (2005), esse período foi marcado regionalmente pela aliança e troca recíproca, por meio do comércio e da convivência pacífica.

Outro momento foi a guerra do Paraguai (1864-1870), que afetou integralmente a população Terena, atingindo diretamente seus territórios e a maioria de suas aldeias localizadas na região dos conflitos. O conflito alterou radicalmente as bases de convivência dos indígenas com a população local mais heterogênea e oportunista que se fixou no local com o fim da guerra. O referido conflito provocou resultados de duas ordens:

Em primeiro lugar, a guerra acarretou uma mudança radical no *modus vivendi* destes grupos indígenas com a população local. [...] A desmobilização das tropas fixou na região pessoas aventureiras e ambiciosas, que haviam participado de uma guerra violenta e quase sem comando (como a descreveu Taunay) - e dispostas a lutar para iniciar a ocupação de uma região devastada do ponto de vista político e social. Em segundo lugar, a guerra com o Paraguai teve como consequência [sic] a dispersão das aldeias Terena por uma vasta região. E este fato poderia ter sido um evento passageiro, e sem poder suficiente para abalar e transfigurar, como o fez, inapelavelmente a estrutura social Terena, não fosse a perda das suas bases territoriais tradicionais. Findo o conflito, quando começaram a retornar aos seus territórios tradicionais, estes já haviam sido tomados em grande parte por terceiros. (AZANHA, 2005, p. 78).

O segundo momento, tempos de servidão, foi o período que terminou a Guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai e os Terena começaram uma batalha pela sobrevivência, “pois, além de muitos indígenas terem sido dizimados, na sequência sofreram com uma onda migratória de pessoas aventureiras e ambiciosas que se instalaram nas proximidades das aldeias provocando muitas alterações socioeconômicas na vida desses povos”. (AGUILERA URQUIZA, 2013, p. 29).

O pós-guerra é a época em que se inicia a reorganização do espaço territorial na zona do conflito, com a regularização fundiária em prol dos novos ocupantes. Este grande empreendimento de reordenação territorial e consolidação da fronteira só foi possível graças à "liberação" das terras indígenas e o uso compulsório da sua mão-de-obra. E os Terena contemporâneos conhecem esse período - que para eles se

estenderia do pós-guerra imediato à criação das reservas - como o tempo da servidão. (AZANHA, 2005, p. 79).

O terceiro denominado de situação de reservas, foi o período em que ocorreu a demarcação das primeiras reservas indígenas, quais sejam: Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Lalima, no Município de Miranda.

Vieira no livro de Aguilera Urquiza (2016, p. 64) encontra-se o conceito de tempo de “despertar” como quarto e último momento sugerido por Miranda (2006), em que, “ressalta as profundas mudanças que ocorreram no seu meio externo imediato (sociais, políticas e ambientais) e a ruptura entre a sociedade tradicional terena, momento marcado pela inserção dos patrícios Terena nos espaços que antes não eram ocupados por eles.” O autor se refere a cargos como, representante da FUNAI, técnico agrícola e professores indígenas.

Cabe pontuar que Vieira (2015) aponta com base nos estudos de Roberto Cardoso de Oliveira (1968) que o fluxo migratório para a cidade teve seu início na década de 1920 e intensificou-se na década seguinte com a informação de que nem todos os indígenas eram oriundos, na sua integralidade, das aldeias, sendo que muitos se deslocaram de fazendas e outros municípios. A migração mais intensa em Campo Grande deu-se na década de 1960.

Analisando o deslocamento dos indígenas, principalmente os Terena, é possível verificar que o contexto urbano revela um novo mundo a esse grupo, possibilitando a reorganização de um modo de vida. O “estar na cidade” traz a possibilidade de uma alternativa econômica, por meio de outras fontes de rendimento (venda de produtos oriundos da aldeia e emprego em atividades informais). A cidade parece ter certo prestígio para alguns grupos locais, principalmente aqueles que ocupam algum cargo administrativo na FUNAI, na FUNASA e outras instituições que trabalham diretamente no atendimento as populações indígenas. (VIEIRA, 2015, p. 133).

Apesar de muitas décadas de lutas, as conquistas ainda são poucas. A cultura e os costumes indígenas foram desvalorizados durante muitos séculos. Essa exclusão ainda se faz presente em nosso contexto social atual, ainda marcado por processos de negação e exclusão dos conhecimentos indígenas em relação a outros não indígenas.

O deslocamento guarda correspondência com situações conjunturais, tais como, problemas de saúde e busca pela escolarização. Entretanto, é importante compreender que a construção da sociabilidade desses indígenas está vinculada ao território, entendido enquanto espaço não apenas geográfico, mas onde a identidade se constrói e se ressignifica.

No entanto, nas últimas décadas os povos indígenas vêm conquistando visibilidade e conseguindo espaço nacionalmente, por meio dos estudos e da qualificação profissional, além de conhecer os seus direitos como cidadãos e lutar por eles. O ethos tribal está estreitamente vinculado ao território e as negociações sociais, políticas e econômicas são estratégias de

sobrevivência dos Terena. A urbanização coloca-os nesse panorama, isto é, a busca por outros espaços de sobrevivência integra a estratégia de superação dos limites impostos. A escola, instrumento de incorporação dos elementos culturais de outros povos será estudada nessa perspectiva negociada entre as culturas.

Conforme os estudos de Vargas e Castro (2015),

Os povos indígenas têm construído novos contextos, nos quais a escola tornou-se o lugar a partir do qual formulam respostas e argumentos para a defesa e conquista de direitos, enfim, para realizar os seus enfrentamentos com o Estado brasileiro. Nesse sentido, a escola e a universidade têm contribuído significativamente para os avanços nas discussões em torno dos direitos indígenas. (VARGAS; CASTRO, 2015, p. 143).

Dessa maneira, os povos indígenas com mais conhecimentos se sentem seguros e reflexivos para buscar melhores qualidades de vida, de ensino, e com isso poder vislumbrar um futuro melhor para as gerações seguintes, com menos preconceitos e mais respeito.

Nesse sentido, os povos indígenas, principalmente da etnia Terena, são os que conseguem se relacionar com mais facilidade, inserir-se e conviver com outras culturas não indígenas, sem esquecer seus costumes e hábitos. Dessa maneira, as autoras pontuam que:

[...] podemos dizer que a escola vem se tornando um objeto de apropriação e ressignificação indígena, tornando-se um importante mecanismo para as reflexões políticas dos Terena, propagadora e legitimadora de suas ações, junto à própria comunidade, uma vez que ela participa ativamente de suas discussões e, principalmente, junto à sociedade envolvente [...]. (VARGAS E CASTRO, 2015, p. 146).

Essas autoras nos levam a refletir que um dos fatores que sustentam a confiança é a firmeza atitudinal dos povos Terena diante dos enfrentamentos, dos desafios que surgem na sociedade nacional. De outra perspectiva, em relação ao ensino sistematizado e à obtenção do conhecimento, a escola, indígena ou não, vem cumprindo a sua função social, contribuindo para que os povos indígenas por meio do estudo independente de qual seja a etnia possam vislumbrar uma ascensão social e por meio disso, melhor qualidade de vida, de ensino e aprendizagem para os seus filhos e para as gerações futuras de maneira justa. Dessa forma, tornam-se aptos para competir de igual para igual como cidadãos de direito na sociedade nacional, vencendo os enfrentamentos naturais característicos das sociedades humanas, impostos a todos os sujeitos.

Diante do exposto e com o propósito de compreender importância simbólica, material e cultural da escola para essa etnia (Terena) nessa construção, apresentaremos no próximo

capítulo a gênese da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”.

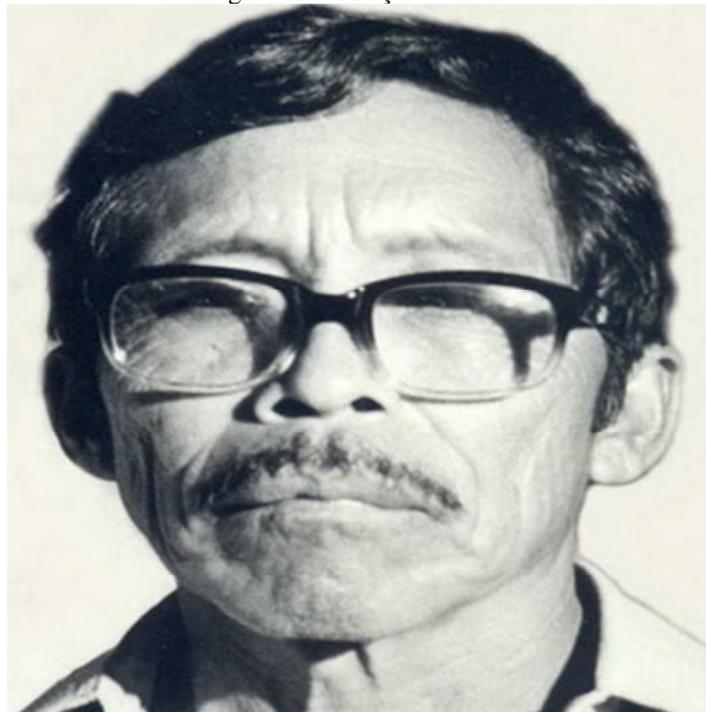
CAPÍTULO 2

NASCE UMA ESCOLA PÚBLICA NO CORAÇÃO DA COMUNIDADE MARÇAL DE SOUZA: UMA RELAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIAS TERENA

Neste capítulo, descrevemos o processo histórico da implantação da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” mencionando aspectos relacionados à comunidade indígena urbana Marçal de Souza tais como: a homenagem a Marçal de Souza, um líder indígena Guarani; o processo de ocupação da área do Desbarrancado pelos indígenas; as lideranças locais notadamente a luta da Cacique Enir da Silva Bezerra; a origem da aldeia urbana; os aspectos culturais da comunidade Marçal de Souza; O Memorial da Cultura Indígena e a implantação da escola.

Para tanto, evidenciamos os aspectos referentes às instalações do prédio, o currículo escolar, os sujeitos da escola que fizeram e que ainda fazem parte dessa unidade de ensino. Abordamos, ainda, como as relações sociais e culturais se estabelecem nesse espaço educativo, a filosofia da escola preconizada no Projeto Político Pedagógico-PPP/2015, os eventos festivos que são realizados nessa unidade de ensino, em especial a Feira Indígena Cultural-FIC, as relações da comunidade nesse espaço e a cultura que permeia a referida instituição de ensino. Abaixo a foto do indígena líder Guarani Marçal de Souza.

Figura 02 – Marçal de Souza



Fonte: Google acesso em 15/06/2018.

Os Terena denominaram o local de aldeia urbana e nomearam de Marçal de Souza para homenagear um líder da etnia Guarani que lutou pelos povos indígenas de Mato Grosso do Sul. Um homem indígena reconhecido por eles como destemido que não se conformava com o descaso, como abandono da sociedade e do poder público em relação a esses povos. Marçal de Souza nasceu no município de Caarapó no estado de Mato Grosso do Sul no dia 24 de outubro de 1920 e faleceu em 25 de novembro de 1983. Teve uma trajetória de vida marcada por muitas lutas, conflitos e denúncias das atrocidades, crimes e violências cometidas contra os povos indígenas. Angustiado por sede de justiça e melhorias de vida para sua gente, não se calava diante dos poderosos, o que culminou com seu assassinato de maneira cruel em 1983.

2.1 Aldeia urbana Marçal de Souza, origem e aspecto cultural

A Aldeia Urbana Marçal de Souza foi conquistada conforme dados da proposta pedagógica da escola Sullivan por indígenas que se deslocaram principalmente de municípios como Aquidauana, Sidrolândia e Miranda. A localidade foi ocupada no ano de 1995 em uma área de cinco hectares. As pessoas vieram das aldeias indígenas das cidades próximas da capital. Eram indígenas de diversas etnias: Terena, Guarani, Kadiwéu entre outras, além de alguns não indígenas, que tinham convívio com essas etnias ou que se infiltraram no meio do grupo.

A ocupação do espaço geográfico em que está localizada a aldeia urbana e a escola evidencia a história de lutas pela resistência física e cultural de uma comunidade indígena com histórias de enfrentamentos, conflitos que ficaram marcadas na mente dos indígenas. Em entrevista uma indígena Terena moradora da aldeia urbana Marçal de Souza relata que:

Na década de 1970, quando foi doado à FUNAI um terreno em Campo Grande que seria para a construção da casa do indígena. Mas nada tinha sido feito no espaço, posseiros entraram na terra com a intenção de ganhá-lo na justiça. Foi quando surgiu a ideia de invadir. Em 09 de junho de 1995. Às 4 horas da manhã, 20 famílias Terena ocuparam o local, número que em poucos dias subiu para 70 famílias. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA em 12/08/18).

Um dos moradores entrevistados relata que os indígenas se estabeleceram na área conhecida como desbarrancado, nome dado a um córrego existente na época nesse local e pertencia a Fundação Nacional do Índio-FUNAI. Atualmente a referida aldeia faz divisa com

o loteamento Dalva de Oliveira no bairro Tiradentes, zona leste da capital, Campo Grande/MS.

Em relação ao início da formação da aldeia, foi possível constatar, no relato das memórias de uma das moradoras, aspectos importantes sobre o início da formação da aldeia indígena urbana Marçal de Souza,

Então, foi o seguinte, Enir Bezerra, foi candidata à vereadora, e como candidata ela ficou andando a cidade atrás de votos, principalmente dos índios, foi aí que ela descobriu que existiam várias famílias em Campo Grande e em vários bairros, e existia também famílias nas piores condições e eu me lembro de que uma vez eu fui com ela lá no Sayonara, hoje não sei, é no Sayonara, e tinha umas três famílias que moravam lá e era época de chuva e entrava água dentro dos barracos, as crianças estavam doentes sabe, era assim, uma coisa de louco, aí minha mãe ficou assim muito indignada com aquela situação que aquelas famílias estavam vivendo e nessa andança ela também descobriu essa área que hoje é o Marçal de Souza. Essa área tinha 10 hectares, a área era da prefeitura na época do prefeito Mendes Canale, o prefeito pegou essa área, doou para a FUNAI fazer a casa do índio. A casa do índio seria uma espécie de, que hoje é a SESAI em que o índio vem para cidade se tratar e ali ele fica hospedado por um tempo e ali ele tem assistência, e minha mãe conheceu essa área, ficou sabendo, foi atrás ver a que pé estava, ela viu que na época tinha invasores, pessoas não índios estavam invadindo essa área, loteando, estava sob júdice, ela procurou um juiz, e o juiz disse que se ele fosse índio ele ia entrar nessa área, porque se continuasse como estava o invasor não índio ia ganhar a causa. E aí ela organizou o movimento popular, ela tinha vários contatos com movimentos populares da cidade que foram atrás de caminhão, foi atrás das famílias e perguntou se elas topavam vir para fazer essa retomada, e fizeram, chegaram no dia 09 de julho de 1995, chegaram na área que até então não tinha nome. Era porque aqui por causa do córrego desbarrancado, era área do desbarrancado e a área original que era de 10 hectares os loteamentos vizinhos, principalmente o Dalva de Oliveira foi adentrando, foi reduzindo a área que hoje é o Marçal de Souza. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA em 12/08/18).

De acordo com o relato da moradora acima citada, muitas famílias vieram de terras indígenas, se instalaram na área e permaneceram, vivendo em situações precárias, sem água, morando em barracas de lonas e restos de madeiras, passando todo tipo de necessidade. Com o passar do tempo, depois de muitas lutas e reivindicações, determinação e resistência desses indígenas, as famílias juntamente com as lideranças e representante da comunidade Terena, conseguiram junto ao então prefeito do município naquele ano, André Pucinelli a regularização da área e a construção de 163 casas naquele espaço para as famílias que ali viviam.

Figura 03 – Casas em forma de oca 2007



Fonte: Google acesso em 15/06/2018.

Conforme o relato abaixo,

No início as casas eram favelinhas, chamava de favela porque umas eram feitas de madeira, de resto de madeira, até papelão, lona, bem simples assim, bem rudimentar porque era a condição que eles tinham, fizeram um grande mutirão de construção da prefeitura e da comunidade em geral que ajudaram também com material de construção, foi uma coisa muito de parceria a prefeitura e a sociedade em geral, e os moradores indígenas fizeram o trabalho de construção, construíram as moradias em formato de morada indígena que é a construção específica deles lá com o telhado diferenciado, é uma oca redonda, ficou muito bonitinha, todas as casas padronizadas. (EX-DIRETORA DA ESCOLA SULIVAN. Em 14/08/18).

Segundo dados do Projeto Político Pedagógico da escola, a Aldeia Urbana Marçal de Souza², possui uma área de quatro (4) hectares e nove mil e trezentos (9.300m²) metros quadrados e foi doada à FUNAI no dia 25 de janeiro de 1973, pelo prefeito Antônio Mendes Canale, pela Lei Municipal de número 1.416, conforme Mussi (2006, p.05). No entanto, os assentados só tomaram posse da área em 1995, e receberam as casas do prefeito André Pucinelli em 1999. As casas foram construídas com material de alvenaria (tijolos), com a

² Sobre outras aldeias urbanas existentes no município de Campo Grande ver a tese de Carlos Magno Naglis Vieira (2015) referenciada ao final deste trabalho.

arquitetura, a fachada e o telhado em forma de oca, com a disposição das casas dando uma característica de aldeia de maneira que prevalecessem os aspectos culturais de moradias dos indígenas, respeitando a sua tradição, como podemos constatar na imagem da Figura 03.

Atualmente a maioria das casas não tem mais esse formato, pois passaram por transformações. As ruas asfaltadas e as moradias, assim como o aspecto geral da aldeia urbana, perderam um pouco da característica inicial, conforme relata uma moradora.

O que eu percebo dentro da comunidade é que se perdeu um pouco dessa cultura indígena, mesmo sendo indígena, mas se perdeu um pouco dessa cultura, até a gente vê que as crianças hoje elas estão tão inseridas na cidade, que é uma vida mais urbana que elas perdem um pouco da cultura, até o modelo das casas foram modificados, isso a gente percebe que hoje a comunidade já perdeu muito da cultura indígena e tem que resgatar isso. (MORADORA DA ALDEIA INDÍGENA URBANA MARÇAL DE SOUZA em 12/08/2018).

Assim, os indígenas incorporam outros códigos culturais e valores, devido ao convívio com a cultura não indígena e também para atender as necessidades que surgem no espaço urbano.

Atualmente, a Aldeia Urbana Marçal de Souza é habitada por uma maioria indígena da etnia Terena. Para quem não conhece, em um contato rápido pode-se pensar que o dia a dia das famílias dessa comunidade é parecido como da maioria das famílias de outros bairros da mesma classe social. No entanto, no período de doze anos em contato contínuo com os Terena pudemos observar as especificidades e características dos costumes dos moradores dessa comunidade.

Assim, em um simples movimento de caminhada pelas ruas da aldeia indígena urbana, é possível perceber alguns aspectos que se diferenciam dos bairros em seu entorno. Existe uma calma, uma tranquilidade naquele local muito perceptível, que envolve até quem anda pelas ruas, parece que ali não existe pressa. Os adultos têm um semblante sereno, a maioria das vezes os idosos ficam na varanda das casas cuidando das crianças que vivem brincando nas ruas, correndo sem medo (os carros que desviem!). Nesse sentido, Lima (2008) pontua que:

A educação indígena Terena, de responsabilidade da comunidade como um todo é repassada através da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração. Uma das características deste processo educacional é a observação. Na aldeia não são ditas muitas palavras para ensinar ou aprender, o olhar é a principal manifestação do amplo código social através do qual acontece o processo educativo dos indivíduos (LIMA, 2008, p. 20).

Os moradores atribuem esse comportamento das crianças ao fato de a aldeia ter permanecido por alguns anos sem asfalto, e com isso havia pouco trânsito de veículos. Outro motivo para os condutores de veículos terem atenção ao entrarem nas ruas da aldeia é devido às brincadeiras prediletas das crianças, que é soltar pipas, brincar de esconde-esconde, pega-pega, subir nas árvores, brincar na rua com seus animais de estimação (cão e gato) que geralmente os acompanham até a porta da escola. Muitas vezes os animais entram junto com os alunos e ficam no pátio durante a acolhida, tendo que alguém da escola colocá-los para fora do portão porque se deixar seguem junto com seus donos para a sala de aula, tendo que o professor chamar o monitor para tirá-los da sala de aula.

Para sustentar essa ideia me apoio em (LIMA, 2008. P. 81)

O tempo dos adultos dispensado para a criança indígena é muito valoroso, não existe pressa para terminar as atividades, e os adultos sempre estão dispostos a repetir o que se está ensinando, por muitas e muitas vezes, até mesmo porque todas as atividades que devem ser aprendidas possuem uma aplicabilidade na vida diária: (LIMA, 2008, P. 81).

No final da tarde, ao sair da escola, em dias de verão é normal vermos muitos jovens sentados em frente de suas casas tomando “tereré”³, em um clima de tranquilidade, tanto os homens quanto as mulheres fazem tudo ao seu tempo, falam baixo, são educados, não discutem, não maltratam ninguém nem com palavras, quando não gostam de determinada situação se calam e vão procurar os seus direitos. As crianças também têm as mesmas características, respeitam os seus pares e os adultos, principalmente os mais velhos.

Nesse sentido, em Lima (2008) encontramos a seguinte proposição,

Somos calmos, vivemos um tempo diferente, não há preocupações entre nós, estamos sempre andando um pouco mais devagar, porém aproveitando o máximo de tempo que temos, principalmente quando crianças e jovens. Queremos aproveitar tudo, sem ter as responsabilidades de fazeres e horários. Isso não é ruim, é bom, mas temos de viver novos tempos. O branco – já nasce preocupado com as contas, vive pensando no final do mês, vive no stress do dia a dia [,,] (LIMA, 2008, p. 123).

Os indígenas, mesmo convivendo com outras culturas, permanecem seguindo alguns de seus conceitos, dessa maneira valorizam muito a família, os costumes e têm uma educação

³ Tereré ou tererê é uma bebida típica da cultura regional do povo sul-mato-grossense que é servida gelada em uma cuia e tomada com uma bomba. De origem guarani, pode ser consumida com limão, hortelã, entre outros. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Terer%C3%A9>>. Acesso em 08/11/2018.

diferenciada dos não indígenas. Os pais não batem, não gritam e nem castigam os filhos. Na educação da criança indígena prevalecem os ensinamentos da oralidade e os exemplos passados pela sabedoria dos mais velhos da família que é valorizada, respeitada e seguida pelos jovens, e assim essa cultura passa para as gerações seguintes.

A esse respeito Lima (2008,) pondera:

[...] não se justifica a existência de um ato coercivo, punitivo. Para os Terena, a correção é oral e através da fala é que toda a aprendizagem acontece e, somente nos casos mais graves, em que a criança ou adolescente não responde positivamente, chama-se o responsável que, envergonhado, o repreende, permanecendo com o mesmo timbre e tonalidade da voz. (LIMA, 2008, p. 103).

Desse modo, a educação familiar é passada de geração em geração. Com base nos estudos da autora os indígenas Terena, principalmente aqueles com mais idade, têm orgulho de sua identidade, dos seus costumes, da sua língua. Corroborando, com os estudos de Le Goff encontramos a proposição de que historicamente os costumes são ressignificados, sofrem transformações devido o contato com culturas diferentes, no entanto, as principais características culturais de um povo prevalecem no imaginário dos sujeitos.

Le Goff (1992, p.475) enfatiza ainda que [...] “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimentos, das classes dominantes e das classes dominadas”. Nesse sentido, o autor nos leva a refletir sobre as transformações culturais e sociais ocasionadas pelo processo de esquecimento da memória individual e coletiva que acontece com o passar dos tempos na história da humanidade.

Para sustentar esse entendimento, buscamos os estudos de Laraia (2001), quando afirma: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. (LARAIA, 2001, p.36).

Isso ocorre, em parte, devido ao processo histórico da população indígena no país, em que o preconceito com os indígenas, ainda se faz presente na nossa sociedade. De outra forma, os jovens têm mais contato com outras culturas não indígena e assim, incorporam os costumes do meio em que vivem com mais facilidade, ou seja, diferente daqueles que vivem nas terras indígenas sem muita interferência da cultura nacional.

Nesse aspecto, os Terena, de um modo geral, convivem com facilidade com os elementos de outras culturas diferentes da sua. Aguilera Urquiza (2013, p. 99) argumenta que “[...] os Terena passaram a estabelecer maior contato com a sociedade envolvente e

aprenderam a abrir as portas do comércio, da escola urbana e da universidade, ainda que tivessem (e continuam tendo) de superar grandes desafios, inclusive o do preconceito”.

Apesar dos indígenas continuarem a sofrer todas as formas de preconceitos na sociedade, não deixam de lutar principalmente a etnia Terena que tem como lema: “Eu posso ser do jeito que você é sem deixar de ser quem eu sou” (frase de Marcos Terena). Essa etnia possui características peculiares por isso se diferencia dos outros grupos étnicos. Por esse viés, coadunamos com o entendimento de Laraia quando afirma:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2001, p. 45).

Nesse sentido, a comunidade indígena Marçal de Souza, se mantém unida, juntos na luta pelo alcance de melhorias para a coletividade, dessa maneira, contribuiu muito para a realização e efetivação dos seus propósitos. Nesse aspecto, Lima (2008, p. 20), enfatiza, [...] “a comunidade indígena, desde os primórdios, estabelece um processo de educação que lhe é própria, valores que são repassados oralmente de pai para filho ou de mãe para filha”[...].

De outra forma, apesar dos direitos explicitados na Legislação vigente e melhoria nas relações com a diversidade social e cultural, os povos indígenas são produto de uma história de muita exploração, abandono e expropriação, resultando em vários aspectos negativos ou coercitivos para se firmarem principalmente fora do espaço da aldeia. Os indígenas da Aldeia Urbana Marçal de Souza se inserem nesse contexto, sendo assim, no espaço urbano tentam preservar sua cultura e perpetuar os costumes e valores que são patrimônios dos quais se orgulham. Nesse percurso, há elementos simbólicos que reafirmam sua identidade, como o Memorial da Cultura Indígena, objeto de análise do próximo subitem.

2.2 Memorial da Cultura Indígena

A comunidade Marçal de Souza conquistou a construção do Memorial da Cultura Indígena para a divulgação de sua cultura principalmente por meio do seu trabalho com o artesanato. O desenho do memorial imita o formato de uma Ema, ave nativa da América do Sul e que no Brasil é encontrada em maior número na região do cerrado. Construído com bambu tratado, coberto com palha de bacuri, possui uma área total de 340 metros quadrados, destinados à exposição de acervos de artesãos da localidade e de outros Estados. O memorial

tem a colaboração do Museu Nacional do Índio do Rio de Janeiro (RJ) e recebe visitantes e pesquisadores nacionais e internacionais. Sua construção contempla também os visitantes com deficiência por possuir elementos que facilitam a acessibilidade e locomoção em suas dependências.

Dessa maneira, os povos indígenas principalmente de Mato Grosso do Sul desfrutam de um espaço em que podem expressar a sua arte, sua cultura e o movimento corporal por meio de danças e rituais. A Figura 04 ilustra o interior do memorial no momento de uma apresentação com as crianças indígenas tocando violino em comemoração a revitalização do memorial e na Figura 05 a fachada do Memorial da Cultura Indígena.

Figura 04 – Crianças indígenas tocando violino



Fonte: Google. Acesso em 15/06/2018.

Além da venda do artesanato, os indígenas realizam eventos, reuniões para discutir assuntos de interesse da comunidade. A produção dos artesanatos e a venda ajudam a melhorar a renda das famílias da Aldeia Urbana Marçal de Souza e de outras aldeias. Além de ser aberta a visitação local, receber turistas de outros estados da federação e de outros países, sendo que alguns desses países prestam/prestaram ajuda ao museu. O Canadá é um dos países que por meio de uma Organização Não Governamental-ONG em parceria com a prefeitura de Campo Grande/MS, contribuiu com a revitalização do Memorial, que durante um tempo ficou abandonado necessitando de reparos na estrutura física.

Figura 05 – Fachada do Memorial da Cultura Indígena



Fonte: Google. Acesso em 15/06/2018.

Esse espaço também é usado pelos Agentes de Saúde para vacinar a população indígena em campanhas e também outros procedimentos com as crianças (aplicação de flúor e vermifugação). Em suma, o Memorial da Cultura Indígena é um espaço de encontro entre os povos das nações indígenas e não indígenas. É um espaço onde acontecem as relações interétnicas, além de ser um local de apoio a outras necessidades.

Conforme o relato abaixo de uma moradora,

[...] a divisão dentro do memorial ficou assim: um espaço maior para venda de artesanatos e o espaço menor que pode ser utilizado para oficinas. Já teve várias oficinas no memorial, um incentivo para a produção de artesanato, fazer também conservas de alimentos, como feijão verde e pequi, fabricação de doces. Porque as mulheres índias elas são vendedoras, mas não sabem fazer conserva de pequi, feijão verde...Então, os cursos são com a intenção de aproveitar e reaproveitar tudo que se tem e vender até mesmo na comunidade e em outros locais para ajudar na renda das famílias [...]. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA, em 12/08/18)

Dessa maneira, além de contribuir com a geração de renda para as famílias da comunidade o memorial também é um ponto de referência para afirmação da identidade cultural e na preservação da memória coletiva e individual dos sujeitos nos termos propostos por Le Goff (2001). Contribuindo com esse entendimento, Aguilera Urquiza assevera que:

Um elemento importante a ser considerado neste longo processo histórico de relações interétnica entre os povos indígenas e os demais grupos de sociedade nacional foi a tentativa de “apagamento da história” e da desses povos para a constituição da identidade nacional. Diante disto, vem a importância dos bens culturais, como marcos da memória destes povos, que precisam ser novamente valorizados a partir de novas concepções de relação entre estes povos e o próprio Estado Brasileiro. (AGUILERA URQUIZA, 2016, p. 175).

Observamos nos autores, ideias semelhantes, sobre a importância de preservar a memória cultural de um povo em que também está imbricada na memória social. Buscamos também sustentação nos escritos de Le Goff quando o autor afirma que:

A história de perscrutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação, todas essas velhas falsidades sob as quais deve descobrir algo de real, as crenças humanas. Onde o homem passou onde deixou alguma marca da sua vida e da sua inteligência, aí está à história. (LE GOFF, 1982, p. 101).

Nessa perspectiva, a história do passado possibilita compreender a história do presente. As leituras de Le Goff levam-nos a compreender que com o tempo a constituição e a compreensão da história sofrem modificações, tanto no imaginário individual quanto no coletivo. Nesse aspecto, evidenciamos que na cultura indígena prevalece a oralidade, que com o tempo pode ser ressignificada. Os Terena procuram passar os ensinamentos para as crianças e jovens da sua etnia mostrando o orgulho que têm pela história e cultura de seu povo. Ensinam também por meio da arte, do artesanato, da música, da dança, dos rituais, da culinária, dos desenhos e da pintura corporal. É uma cultura muito rica, porém com poucos registros escritos dentro da comunidade.

Dessa perspectiva, cabe salientar, que é impossível descrever a história dessa comunidade sem mencionar uma importante liderança do grupo, cuja presença era muito forte e tem relação com os processos simbólicos de afirmação identitária e de sobrevivência material, tendo como exemplo a construção do referido memorial. Assim, para lutar por seus interesses a comunidade elegeu como representante uma mulher indígena, em 2008. Enir da Silva Bezerra, que foi eleita a primeira cacique mulher de Mato Grosso do Sul e assim, com esse posto esteve à frente da comunidade durante mais de oito anos (08) na luta por várias conquistas. Duas das mais importantes foram a construção da Aldeia Urbana Marçal de Souza e da escola Sullivan. No entanto, também foi a precursora na luta pela construção do Memorial da Cultura Indígena.

Ao perguntarmos a uma das moradoras como surgiu a aldeia, e a construção do Memorial, ela relatou que:

O memorial foi reivindicação da minha mãe também, foi depois, e não sei direito a data de inauguração do memorial, mas ele veio depois que a escola estava pronta, que o Marçal já estava sendo loteado, bonitinho, porque que ela fez esse pedido para o prefeito André Pucinelli, porque ela viu que tinha muita produção de artesanato. Índio terena produz seu artesanato, sua cerâmica e não tinha aonde vender, então ela dizia "uma oca, eu quero uma oca que sirva para o comércio para venda dos artesanatos" e assim o memorial saiu, veio o engenheiro ouviu de novo ela junto com uma comissão de moradores [...]. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA, em 12/08/18).

Na figura (06) um grupo de indígenas Terena presta homenagem a cacique da aldeia durante a dança do bate-pau.

Figura 06 – Enir da Silva Bezerra 2015



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Conforme relatos de um entrevistado, a comunidade se sentia muito bem representada por essa cacique que sempre foi muito atuante. Antes dela existia uma liderança na aldeia conhecida como senhor Ênio, porém segundo informações dos moradores, ele nunca foi eleito cacique, embora fosse muito respeitado e considerado por ser mais velho e por ser um dos moradores mais antigos da comunidade. A cacique era muito presente e vigilante em tudo que acontecia na comunidade, sempre preocupada em conseguir melhorias de vida para o seu povo e estudos para as crianças indígenas.

Contribuindo, Aguilera Urguiza e Vieira (2012) enfatizam que:

Os indígenas da aldeia urbana Marçal de Souza tem características muito diferentes daquelas de anos anteriores, pois conta com um número maior de famílias, é

diferente de qualquer outra aldeia, tem como liderança forte, atuante, guerreira uma “mulher cacique” representando essa comunidade indígena. (AGUILERA URGUIZA; VIEIRA, 2012, p.38).

Dessa maneira, mesmo com a saúde frágil por conta da doença que a deixava muito debilitada, continuava participando das decisões em assuntos que envolviam a comunidade indígena. Assim, quando a cacique faleceu, várias notícias e reportagens foram veiculadas nas mídias referente ao ocorrido. Naquele contexto, o jornal Campo Grande News (2016), expressou a seguinte mensagem:

A morte de Enir Terena deixou muito mais que saudades aos indígenas que moram na aldeia Marçal de Souza, em Campo Grande. Enir era uma das principais lideranças indígenas no Estado, quem lutava por melhorias para a comunidade da aldeia urbana. Agora, sem ter quem interceda junto ao Poder Público, os índios se sentem esquecidos. (www.campograndenews, em 11/07/16).

Segundo relatos de familiares, a índia Enir, como gostava de ser chamada era um rosto muito conhecido no Estado de Mato Grosso do Sul, em outros estados brasileiros, assim como em outros países. O Memorial da Cultura Indígena foi a sua última conquista juntamente com a comunidade.

A cacique Enir da Silva Bezerra, nasceu em 8 de março de 1955 na Aldeia Limão Verde, no município de Aquidauana/MS, filha de Vicência Correa da Silva e Amador Rocha da Silva, ambos da etnia Terena. Aos oito (8) anos de idade sua família veio para Campo Grande, em busca de melhores condições de vida. Casou-se aos quatorze (14) anos de idade, e teve sete filhos. Em 1992 foi candidata à vereadora, quando iniciou a sua luta pelos direitos à cidadania dos povos indígenas.

Depois de muitos anos de militância foi eleita em 30 de novembro de 2008 pela comunidade como cacique da aldeia indígena urbana Marçal de Souza, sendo assim, a primeira mulher cacique de Mato Grosso do Sul e permaneceu com esse título até o ano de seu falecimento em junho de 2016. Deixou um legado histórico de lutas e conquistas como um referencial para seus filhos e netos e exemplo para o seu povo. Tanto que depois do seu falecimento a comunidade elegeu o seu filho Daniel da Silva como seu sucessor.

2.3 Origem e construção da escola Sullivan Silvestre Oliveira

A história da criação da escola se confunde com a criação da Aldeia Urbana Marçal de Souza e do Memorial da Cultura Indígena, por estarem localizados no mesmo espaço geográfico, além de as lutas pelas conquistas terem objetivos semelhantes e uma história está

relacionada com a outra, possibilitando que tudo acontecesse em períodos simultâneos. Portanto, os três elementos quase sempre são mencionados nos textos conjuntamente. No entanto, neste subitem apresentamos a descrição do processo histórico da origem e construção da Escola Sulivan Silvestre Oliveira, antes apenas Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”. Essa unidade de ensino originou-se de um anexo com apenas duas salas de aula pertencentes à Escola Municipal Professora Oliva Enciso, implantado no loteamento Desbarrancado na Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, atendendo crianças em idade escolar, filhos dos indígenas que se fixaram nessa área, na época pertencente à Fundação Nacional do Índio-FUNAI.

O anexo funcionou por quatro anos e oferecia ensino da pré-escola e primeiro ano do Ensino Fundamental I, sendo que uma sala funcionava a pré-escola e na outra o primeiro ano. Não foi possível obter dados da quantidade de alunos que estudavam no anexo. No ano de 1998, o prefeito deu início à construção da escola Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”. Segundo o Projeto Político Pedagógico, a instituição foi construída com recursos vindos do projeto “Brasil 500 anos” da Rede Globo em parceria com a Prefeitura Municipal de Campo Grande e empresário da construção civil, sendo inaugurada no ano seguinte 1.999. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p. 20).

Figura 07 – Professora com alunos no anexo



Fonte: acervo da escola Sulivan.

No início a escola funcionava no anexo de acordo com imagem acima. Conforme informações dos professores mais antigos, o anexo era dividido em duas (02) salas de aula,

um banheiro, um espaço que tinha várias utilidades e um abrigo. O lanche dos alunos assim como outros materiais, era fornecido pela a Escola Municipal Oliva Enciso.

Figura 08 – Anexo da escola Oliva Enciso



Fonte: acervo da escola Sulivan.

O anexo foi construído para atender as crianças do loteamento, na Figura 07 professora com alunos e Figura 08 a fachada do anexo da escola Oliva Enciso. Depois de muitas reivindicações as lideranças e os moradores da aldeia indígena, conseguiram junto às autoridades (prefeito) a construção da escola denominada a priori, Escola Municipal Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” localizada dentro do loteamento indígena na Aldeia Urbana Marçal de Souza, na Rua Terena s/n, bairro Tiradentes, próximo ao conjunto habitacional Dalva de Oliveira e Residencial Flamboyant. A criação da escola se deu por meio do Decreto nº 7.790 de 21 de janeiro de 1.999. Conforme relatos da ex-diretora da escola.

[...] A escola foi parceria da Rede Globo com a prefeitura, construíram duas escola em Campo Grande em comunidades que eles consideram carentes. Antes da construção da escola Sulivan tinha duas salas de aula que funcionava como anexo da escola Oliva Enciso. Nesse período só estudava criança indígena no anexo, aí quando inaugurou a escola que começou atender também a criança não indígena, atendendo os bairros adjacentes [...]. (EX-DIRETORA DA ESCOLA SULIVAN, em 07/08/180).

Na Planta original da construção da escola consta que o terreno cedido pela Prefeitura naquele lugar mede 2.452,50m² e a área construída é de 754,59m². Um ano depois foram construídas as áreas da quadra coberta de esportes e o parque infantil com mais 208,80m².

totalizando 3.415,89m² de área construída. Na Figura 09 a seguir vemos imagem do início da construção da referida escola.

Figura 09 – Construção da escola



Fonte: acervo da escola Sullivan.

A escola surgiu da luta dos assentados da aldeia com o propósito de conseguir junto com as autoridades também as suas moradias, bem como a escolarização para os seus filhos. Dessa forma, os dados registram que 100 famílias ocuparam essa área em 09 de junho de 1995, sendo 353 indivíduos (158 adultos e 195 crianças), totalizando 706 pessoas.

Conforme o Projeto Político Pedagógico, (2015),

Estas famílias, assentadas em barracos construídos com restos de madeira, lonas plásticas, buscavam melhorias habitacionais. Com a ajuda de grupos sociais organizados, reivindicaram e conseguiram a regularização fundiária com a criação do Loteamento Indígena Marçal de Souza. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p.20).

Conforme o Projeto Político Pedagógico, essas famílias indígenas viam nas terras da área do desbarrancado uma oportunidade de se estabelecer no local em definitivo. Para isso, a comunidade junto com seus representantes lutou em busca de apoio das autoridades governantes para construir suas moradias de maneira que oferecessem dignidade para as famílias e junto com essa conquista a construção de uma escola que atendesse as suas crianças de forma segura e próxima as suas residências.

O que podemos confirmar por meio da fala do atual cacique da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza em resposta a pergunta: Quais as suas memórias sobre a criação da escola? é que:

Em 1994, antes da criação da aldeia a minha mãe (Enir), liderança na época foi candidata à vereadora em Campo Grande, e nas suas andanças, ela conheceu essa área, que foi uma área doada a FUNAI, e estava a se perder em um prazo de cinco, seis anos o terreno que era estimado em cinco hectares ia ser devolvido para a União. Devido a não construção de nada benéfico para a comunidade indígena. Então, a minha mãe pleiteou junto ao prefeito naquele ano, a construção de moradias para a comunidade indígena em Campo Grande. E a escola, veio num processo de um sonho para a líder Enir e todas as famílias que vieram com ela que residiam aqui em busca de melhores qualidades de vida e de ensino para os seus filhos. Aonde fizemos os barracos e veio o anexo da escola Oliva Enciso e em cima disso, em 1999, a minha mãe foi participar do projeto Brasil 500 anos da Rede Globo de Televisão e a comunidade já se constituía em Campo Grande e recebeu prêmio e foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas - ONU como primeira aldeia urbana do Brasil, e através desse trabalho surgiu a escola Sullivan, uma escola que tem qualidade na educação para os indígenas e para os demais da região. (ATUAL CACIQUE DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA em 20/08/18).

Dessa maneira, a comunidade Terena conquistou a área, construíram suas casas em parceria com o governo daquele contexto político e posteriormente conseguiram a criação da escola Tumune Kalivono -“Criança do Futuro” na língua Terena. Assim, conforme o Projeto Político Pedagógico (2015),

De acordo com o termo de ajuste que celebraram e assinaram entre si, de um lado o município de Campo Grande e de outro a FUNAI, o terreno da escola que pela Lei nº 1921 de 30/09/80 pertencia à FUNAI foi revertido em patrimônio municipal, e, pelo Decreto nº 7.790 de 21/01/1999 foi criada a ‘Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono - Criança do Futuro’, iniciando suas atividades em 12/02/1999. Nesse processo, a Prefeitura Municipal buscou parcerias com empresários locais e com a TV Morena (afiliada da Rede Globo de Televisão) e construiu a escola, como parte do projeto Brasil 500 anos. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p. 20).

A Figura 10 a seguir, mostra a escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira na sua forma original. Na frente do lado direito do pátio uma casinha que simbolizava a morada do povo Terena. Essa casinha foi construída pelos moradores da comunidade para que as crianças tivessem um local em que pudessem brincar na escola e com isso também ter um pouco mais de contato com os símbolos da cultura indígena. Os alunos, tanto os indígenas quanto os não indígenas, gostavam muito de brincar na casinha na hora da entrada, no

intervalo e no término das aulas. Na maioria das vezes os pais tinham que ir buscar os filhos dentro da casinha, principalmente os pequenos da pré-escola.

Figura 10 – Vista frontal da antiga escola 2015



Fonte: Acervo da escola Sullivan.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a primeira denominação da escola foi Escola Municipal Tumune Kalivono que na língua Terena significa “criança do futuro”, esse nome foi escolhido pela comunidade indígena junto com a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande-SEMED.

A denominação, Escola Municipal Tumune Kalivono “Criança do Futuro” foi alterada para Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” por meio do Decreto Municipal nº 7799 de 17 de fevereiro de 1999 para homenagear o seu patrono, Sullivan Silvestre Oliveira o então presidente da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, depois do seu falecimento no mês de janeiro de 1.999 em um acidente aéreo. Conforme o Projeto Político Pedagógico, (2015, p.20) a homenagem se deu devido ao “[...] relevante papel social e público ocupado no país como presidente da Fundação Nacional do Índio-FUNAI.”

Sullivan Silvestre Oliveira nasceu em 15 de janeiro de 1963, em Paranavaí-Paraná. Bacharel em Direito, dentre os diversos títulos também era Coordenador do Núcleo de Defesa do Meio Ambiente da Procuradoria Geral da Justiça, além de lutar pelas causas indígenas. Abaixo as imagens de Sullivan Silvestre Oliveira, o patrono da escola durante uma visita junto com autoridades, o prefeito, a secretária de educação, a liderança local e demais integrantes da comunidade Marçal de Souza, juntamente com os atores da unidade de ensino.

Figura 11 – Sullivan Silvestre Oliveira



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 12 – Patrono, cacique e prefeito



Fonte: acervo da escola Sulivan.

O formato e a estrutura da Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira segue o modelo padrão das escolas públicas, todas com arquitetura semelhante. A instituição é pequena, arejada, com espaços de terra nos fundos e nas laterais do terreno, como se fosse um

quintal, com imensos abacateiros, mangueiras, goiabeiras, limoeiros plantados, proporcionando sombras agradáveis nos dias quentes. Além disso, tem uma horta cultivada e mantida pelos alunos e professores, oportunizando às crianças o contato com a natureza. Em tempos de goiaba e de manga, as crianças maiores sobem nas árvores para pegar as frutas para comer ou levar para suas casas. Com isso, a escola proporcionar uma educação voltada para a preservação e o contato com um pouco da natureza, o que provoca um bem estar nos estudantes.

Nesse aspecto, cabe destacar o quanto os indígenas Terena trazem em seu ser os sentimentos e a necessidade de colocar em prática o que sabem fazer de melhor com e pela natureza. Nesse sentido, Lima (2008, p.35) enfatiza que “[...] Uma das características do Terena é deixar o espaço propício ao uso da agricultura, adaptar, melhorar o ambiente para que a família possa desenvolver e permanecer, entrar em profundo diálogo com o meio e com a natureza [...]”. De modo que, uma moradora da aldeia urbana durante a entrevista, relata: “[...] no sentimento dos Terenas, a escola é da comunidade. Assim, os indígenas não tiveram dúvidas em plantar suas frutas prediletas na escola. A agricultura e a natureza fazem parte da vida dos Terenas, da sua cultura, do seu ser”. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA).

Nesse aspecto, a maioria do alunado tem uma relação próxima com espaços rurais devido à cultura indígena e assim, mediados pelas interferências e ações dos sujeitos internos e externos os hábitos e os costumes se redesenham nesse ambiente escolar formando características culturais próprias desse estabelecimento de ensino.

Nessa perspectiva, a escola dialoga com as diferentes culturas e denomina-se como multicultural não só por atender uma diversidade étnica, mas também por se relacionar e respeitar as singularidades dos sujeitos, ou seja, o que é próprio tanto da comunidade interna quanto da externa, trabalhando conteúdos no decorrer dos bimestres que compreendem as diversas dimensões culturais, principalmente a cultura indígena.

Por esse viés, Padilha, (2004) defende que:

Fazer uma educação intercultural significa agir num espaço em que experiências culturais diferentes se encontram em diálogo para realizar um trabalho reconstrutivo de conhecimentos, na perspectiva do encontro de várias pessoas e das várias ciências, que também se entrecruzam como acontece com a própria cultura das pessoas. (PADILHA, 2004, p.239).

Nessa direção, o reconhecimento das culturas e as trocas nas relações sociais são importantes para a formação de sociedades menos preconceituosas, haja vista que a escola é

um ambiente propício, uma ponte para melhorar as relações interétnicas, por ser um espaço de convivência das diferentes culturas, de formação intelectual e do caráter dos sujeitos.

Segundo informações da Secretaria da unidade de ensino, a escola oferece a Educação Infantil (pré-escola I e II) e Ensino Fundamental I do 1º ano ao 5º ano, atendendo um total de 385 (trezentos e oitenta e cinco) alunos nos dois turnos. Conforme as informações obtidas na secretaria da escola, o percentual de alunos indígenas matriculados na escola se evidencia mediante as declarações dos pais indígenas no momento da matrícula de seus filhos. Portanto, estima-se que aproximadamente 30% (trinta por cento) de seus estudantes fazem parte da comunidade indígena, outro percentual denomina-se afrodescendente, porém, não existem números precisos desse percentual, e o restante origina-se da etnia branca de outras comunidades, ou seja, não indígena. Entretanto, a secretaria da escola não tem uma estatística com dados precisos do porcentual referente ao quantitativo de alunos por grupos étnicos que frequentam a instituição. Um fator que torna difícil mensurar o quantitativo é a negação da etnia no preenchimento da auto declaração para fazer a matrícula.

De outra maneira, Tassinari (2001, p. 49) defende que a escola (indígena) se caracteriza como “[...] espaços de fronteiras, entendidos como espaços de trânsito, articulação e troca de conhecimentos, assim como espaços de incompreensões e de redefinições [...]”. Dessa maneira, o Projeto Político Pedagógico-PPP, (2015, p. 24) pontua, “[...] garantimos uma educação intercultural de qualidade onde todos os alunos aprendam adequadamente os conteúdos historicamente colocados e desprovidos de preconceitos, visando a construção de valores, morais, éticos, religiosos, ambientais [...]”. Com essa visão, a escola trabalha em uma perspectiva de educação intercultural por atender populações de várias etnias de estudantes, respeitar e interagir com a diversidade cultural existente nesse estabelecimento de ensino.

Nessa direção, a escola se apresenta como as demais instituições da Rede Municipal de Campo Grande. Porém, o que a qualifica como uma instituição diferenciada é o fato de ser a única que inseriu no plano curricular as disciplinas de Arte Cultura e Língua Terena, em que as crianças podem vivenciar a arte indígena e a língua materna, o que as insere na comunidade local em aproximação com as famílias. De outra forma, os estudantes não indígenas também podem obter conhecimentos da arte cultura e da Língua Terena. Dessa maneira,

[...] As famílias constroem um vínculo forte com o local, por se sentirem respeitadas pela sua simplicidade, forma de ser e viver e essa aproximação se traduzem como um referencial para que a diversidade existente no local não represente barreiras nas interações com crianças não indígenas nos espaços partilhados (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p. 60).

Nesse sentido, a escola procura sempre manter o contato direto com as famílias dos estudantes, solicitando suas presenças regularmente na escola e sua participação em atividades e eventos realizados em datas comemorativas, bem como em decisões que impliquem melhorias para a comunidade escolar, o que se pode constatar pelo relato de uma professora da escola em resposta a pergunta: de que forma a escola contribui com essa comunidade?

A escola está sempre aberta. A escola é aberta para comunidade, se tem qualquer evento na comunidade a escola está à disposição, abre a cozinha, a quadra, a gente sempre está participando, então acho que é a parceria que a escola tem com a comunidade. As famílias estão sempre presente. (PROFESSORA DA ESCOLA em 15/08/18).

Assim, a escola atende uma diversidade cultural em uma relação de respeito pelos sujeitos e pelas suas culturas, hábitos e costumes em um ambiente denominado intercultural.

Nesse sentido, o relato de uma professora indígena evidencia os aspectos que diferencia essa unidade de ensino das demais. Quando foi perguntada sobre quais os aspectos que diferenciam a escola Sullivan das outras escolas a entrevistada respondeu:

Acho que o principal é isso, a valorização da arte e cultura e a língua Terena que hoje está na grade curricular... Esses eu vejo os maiores aspectos que diferencia de qualquer outra escola do município, e que eu penso o seguinte, que não precisa ser uma escola indígena para trabalhar a questão da língua da cultura, da boa convivência da cultura indígena, da cultura negra, seja de que cultura for, não precisa ter a denominação escola indígena, se tem uma boa administração consegue fazer esse trabalho. (PROFESSORA INDÍGENA DA ESCOLA em 12/08/18).

Assim, a escola atende a comunidade em uma relação de respeito pelos sujeitos, pelas suas culturas e pelos seus hábitos e costumes em um ambiente de trocas de saberes.

No ano de 2017, a escola passou por reformas e mudanças, tanto no seu interior quanto na fachada, ficando com aspecto diferente da fachada anterior.

A figura a seguir mostra a vista frontal da instituição atualmente, depois de ter passado por algumas reformas, porém a parte estrutural da arquitetura do prédio continua a mesma.

Figura 13 – Fachada atual da escola 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Como podemos observar pela imagem, a unidade de ensino ganhou um novo visual. Até mesmo a casinha, símbolo da morada dos Terena foi modificada totalmente, na ocasião dessa foto a casinha ainda estava em reforma. Assim, essa escola pública é, estruturalmente, igual as demais da rede municipal de ensino, o que a diferencia é o currículo modificado, que tem uma parte diversificada com duas disciplinas voltadas para a Arte Cultura e Língua Terena.

Apesar de não se diferenciar nos demais aspectos, ou seja, seguir a mesma sistemática e padronização curricular das escolas da prefeitura, a título de registro, descrevemos as ações contempladas no Projeto Político Pedagógico-2015 da referida instituição, como por exemplo, a realização de determinados projetos, quais sejam: Valores; Liderança; Recreio orientado; Educação, sexista, não! Inclusiva, Sim! Respeito à diversidade – igualdade e equidade de gênero; Reconstruindo a escola; Eu atinjo as minhas metas; além de outros, alguns realizados com a ajuda de colaboradores como a Justiça Restaurativa, professores dos projetos de xadrez, mosaico, balé e o Programa Educacional de Resistência as Drogas-PROERD este último somente com os alunos dos 5º anos.

Conforme o Projeto Político Pedagógico,

Os projetos acima mencionados já estão em prática, alguns desde o início do ano letivo e outros que começaram no 2º bimestre que se constituem em espaço de inclusão, valorização do ser humano atendendo seus interesses, necessidades e linguagens próprias das faixas etárias dos estudantes. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p. 15).

Entre os projetos mencionados e desenvolvidos durante todo o ano letivo, está o Projeto Valores, que enfoca o respeito e as boas maneiras “[...] com o objetivo de melhorar as práticas educativas promovendo a educação para a paz” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO 2015, p. 21), que se constitui em uma das razões que nos levaram a compreender e refletir sobre a história e a formação desse espaço escolar, bem como as relações sociais e culturais da escola com a comunidade.

Por meio de ações estabelecidas no Projeto Político Pedagógico, a Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira se preocupa em oferecer um espaço que acolha as diferenças de classes e as diversas condições etnicorraciais identificadas quando da elaboração de projetos voltados para a inclusão social.

A proposta da instituição considera a perspectiva da educação intercultural, evidenciada no Projeto Político Pedagógico (2015), com a seguinte afirmação, “garantimos uma educação intercultural de qualidade onde todos os alunos aprendam adequadamente os conteúdos historicamente colocados e desprovidos de preconceitos, visando à construção de valores, morais, éticos, religiosos e ambientais”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, p. 24)

De acordo com Candau (2011), a educação intercultural se propõe a:

Promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2011, p.27).

Essa afirmação nos leva a compreender que a educação escolar é um dos principais mecanismos que podem contribuir para a formação de sociedades democráticas, em que os pares convivam, respeitem as diferenças culturais, os costumes, e dialoguem com os diversos grupos étnicos sociais.

Nesse aspecto, a instituição escolar tem função primordial para a formação de identidades culturais e conceitos, elaborando conhecimentos que possam dar subsídios para que os indivíduos se tornem menos preconceituosos e mais acolhedores e democráticos, construindo assim uma sociedade mais plural. A autora afirma que de fato,

A educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. (CANDAU, 2008, p. 54).

As contribuições da autora são pertinentes para compreendermos os conceitos de interculturalidade e entendermos os processos que realmente se efetiva na prática docente de maneira que haja o desenvolvimento de uma educação intercultural de fato, que envolva todos os grupos sociais considerando suas diferenças. Nesse sentido a escola Sullivan no cotidiano escolar desenvolve práticas pedagógicas visando um ensino/aprendizagem que contemple o reconhecimento e o respeito da igualdade e diferença dos sujeitos. De maneira que a visão de educação proposta no Projeto Político Pedagógico da instituição tem consonância com as proposições referente à interculturalidade citadas pela a autora acima.

2.4 Espaço físico, ambientes e liderança da comunidade

A relevância da descrição dos espaços e ambientes da instituição constitui-se no registro dessa história. Assim, no caso de ocorrerem mudanças ou reformas na sua estrutura física futuramente, as gerações seguintes de estudantes poderão saber como era a escola original. Nessa perspectiva, a escola Sullivan permite que os indígenas da comunidade retratem um pouco a sua cultura indígena e a representem nos muros da unidade, tanto na parte de fora quanto na parte de dentro, bem como em outros ambientes do seu interior, possibilitando assim, a cada etnia mostrar as formas dos seus grafismos com suas cores.

Na arte dos Terena predomina a cor “telha”, marrom avermelhada e desenhos com formas mais arredondadas e pequenas, bem juntas uma da outra, geralmente pintada de branco. Já a pintura Kadiwéu predomina cores vivas e variadas e os desenhos no formato triangular. O grafismo Guarani evidencia a forma de círculos e usam com mais destaque as cores vermelha e azul. Os desenhos e grafismos dessas 03 (três) etnias, Terena, Guarani e Kadiwéu e suas pinturas, são as mais presentes nos ambientes da escola. Sendo que para os indígenas cada desenho tem um significado, o que não cabe detalhá-los nessa pesquisa. A seguir os grafismos das três (03) etnias mencionadas acima. (Figura 14).

Figura 14 – Grafismo no muro



Fonte: acervo da escola Sulivan.

E assim, a escola se apresenta. Em 2017, muitas mudanças aconteceram, a começar pelo portão de entrada, que antes era com tranca manual, atualmente ganhou uma nova imagem, um portão automático com mais modernidade e segurança para os estudantes. Logo na entrada, dentro da escola, tem uma área com uma parte coberta que também ganhou um toldo novo, porque o outro já estava danificado devido ao tempo de uso. O toldo serve para as pessoas se abrigarem do sol e da chuva, principalmente na hora da entrada e saída dos alunos.

Na parte aberta tem um estacionamento para bicicletas, no meio uma elevação construída para dar sustentação ao mastro com as bandeiras do Brasil, de Mato Grosso do Sul e de Campo Grande, geralmente hasteadas nas segundas-feiras, dia em que se cantam os hinos, principalmente o Hino Nacional. No mesmo espaço, a direção colocou um banco grande em uma lateral junto à parede do corredor para que as famílias que esperam ou acompanham os filhos possam esperar tranquilas sentadas, à frente com entrada para os fundos, uma casinha feita com toras de madeira e bambu, coberta com palhas de acuri, simbolizando a morada do povo Terena (Figura 15), local em que as crianças indígenas e as demais gostavam de brincar.

Figura 15 – Morada Terena



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Em 2017, a casinha, que simbolizava a morada do povo Terena, foi reformada e passou por alterações tanto no visual quanto na estrutura física, bem como na sua utilidade.

Figura 16 – Mercadinho



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Depois da reforma a casinha virou um mercadinho, na Figura 16 a vista frontal do mercadinho e na Figura 17 o interior do mercadinho, decisão tomada pela diretora junto com

a equipe da coordenação pedagógica da escola que, em outro momento, deu a oportunidade para os alunos escolherem o nome do mercadinho, por meio de uma votação.

Figura 17 – Interior mercadinho



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Entre tantos nomes que a coordenação indicou, ganhou com maior número de votos a denominação, mercadinho “Sulivan”.

O objetivo da criação do mercadinho era de ser usado como uma estratégia pedagógica, visando o ensino e a aprendizagem de modo especial da disciplina de matemática de forma lúdica, por meio de brincadeiras e da manipulação de objetos e de produtos que também são recicláveis encontrados e vendidos nos supermercados tais como: embalagens de leite, café, iogurte, de ovos, de óleo, de sucos, de doces, refrigerantes, material de higiene e limpeza e outros.

São diversos objetos comuns geralmente consumidos ou usados pela maioria das famílias da própria comunidade no dia a dia que, utilizados nesse espaço, oportunizam aos alunos, principalmente os que estão em processo de alfabetização, aprenderem, de maneira divertida, diversos conteúdos de matemática e de ciências com materiais concretos de forma diferente da sala de aula, além de contribuir para a formação da autonomia da criança na hora da compra e na escolha dos produtos. Nessa área também temos acesso a quadra de esporte coberta e ao parquinho com brinquedos e areia para as crianças da Educação Infantil.

As imagens acima nos fazem refletir sobre as mudanças que ocorreram na escola tanto na organização dos ambientes quanto na utilidade dos mesmos e tudo nos leva a crer que essas mudanças estão relacionadas com o imaginário social e cultural dos sujeitos, dos atores que fazem parte do contexto escolar nas relações de poder. Sobre esse pensar, ao se analisar a materialidade de uma instituição educacional, Nosella e Buffa (2009,p.67) pontuam que “ [...]é preciso atentar para as novas características que a sociedade adquiriu [...]”. Neste contexto as mudanças visam adequar as realidades e necessidades de aprendizagens dos sujeitos em processo. Nesse sentido, a direção entende que para atender melhor as necessidades dos estudantes a escola precisava passar por várias mudanças e reformas internas e externas. Com isso, alguns ambientes perderam-se um pouco dos valores simbólicos da cultura indígena, (a casinha por exemplo).

Dessa maneira, ocorreram mudanças desde a área da entrada, primeiro ambiente onde encontramos um pátio central que dá acesso a todos os outros ambientes. Esse pátio anteriormente era usado para a recreação dos alunos. Atualmente é um espaço, com mesas e bancos dispostos nas laterais para os alunos fazerem as refeições na hora do lanche que acontece junto com o recreio.

Próximo a esse espaço do pátio bem ao centro, se localiza uma sala que antes era a sala de reforço escolar que foi reformada e atualmente é a sala da Diretora com janelas e porta de vidro transparente. Essa estrutura de vidro possibilita um acesso mais rápido a sala da diretora , bem como que a mesma tenha como visualizar todo o trânsito da escola tanto dos funcionários quanto do alunado de maneira que possa observar ou resolver as situações que venham a acontecer.

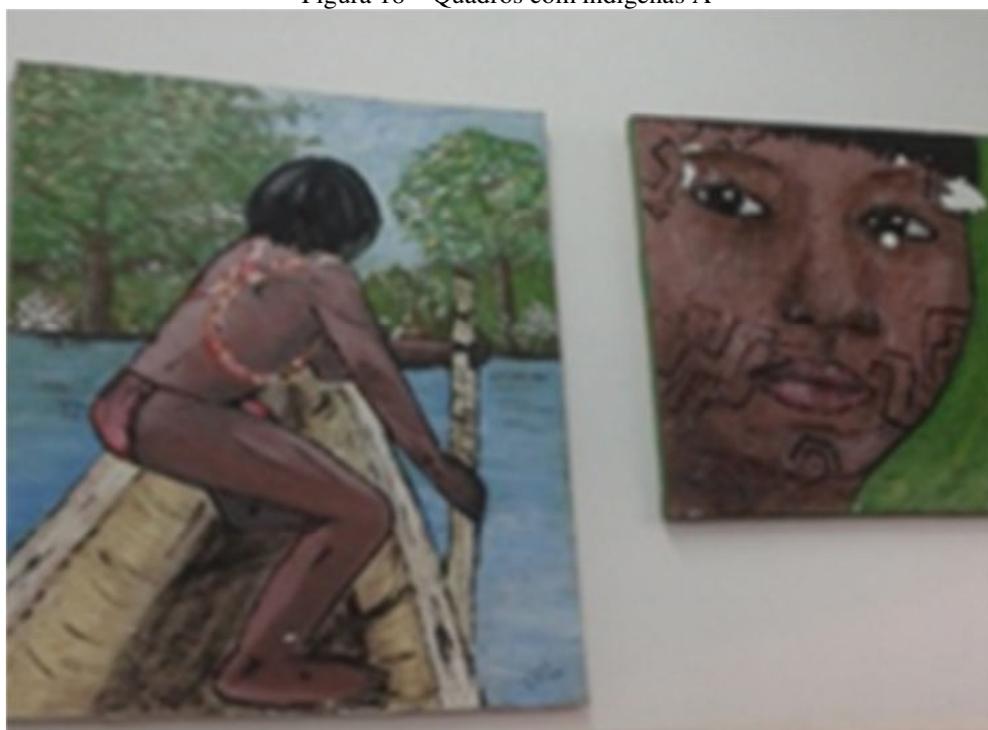
Do lado direito do pátio, 4 (quatro) salas de aulas, 1 (uma) sala que era de recurso, atualmente é a sala da psicopedagoga que atende, tanto os alunos do Sullivan quanto os que são encaminhados de outras escolas, ou seja, a escola é um polo de atendimento de alunos com deficiência ou necessidades especiais da Educação Especial.

Mais a frente, na mesma direção se localiza a cozinha, ao lado um (1) banco de cimento onde sempre ficam algumas funcionárias sentadas. Do lado esquerdo do pátio, ficam a secretaria, duas (2) salas de aula comuns com capacidades para no máximo 35 alunos, dois (2) banheiros para os alunos, um (1) para o gênero masculino e outro para o feminino e um (1) banheiro para alunos especiais. No corredor do lado esquerdo, logo no início, encontra-se a sala da coordenação, seguida da sala dos(as) professores(as) com um (1) banheiro no final do corredor para as professoras. Na mesma direção, fica a sala de orientação educacional com um (1) banheiro dentro, nessa sala anteriormente funcionava a sala da diretoria.

Em seguida há um corredor que dá acesso a três (3) salas de aulas que ficam na parte do fundo da escola, onde ficam também a biblioteca, a sala de informática e no meio entre as salas de aula, um corredor e um jardim com mesinhas e bancos onde os estudantes gostam de sentar para lanche. Há ainda um espaço de terra com pés de plantas (abacateiros, goiabeira), um (1) contêiner que serve de depósito, duas (2) salas de aula e uma horta no fundo próxima ao muro. Na outra lateral no fundo da escola fica a área de serviço e uma pequena área destinada ao estacionamento, bem como o portão de saída, que dá acesso a rua lateral.

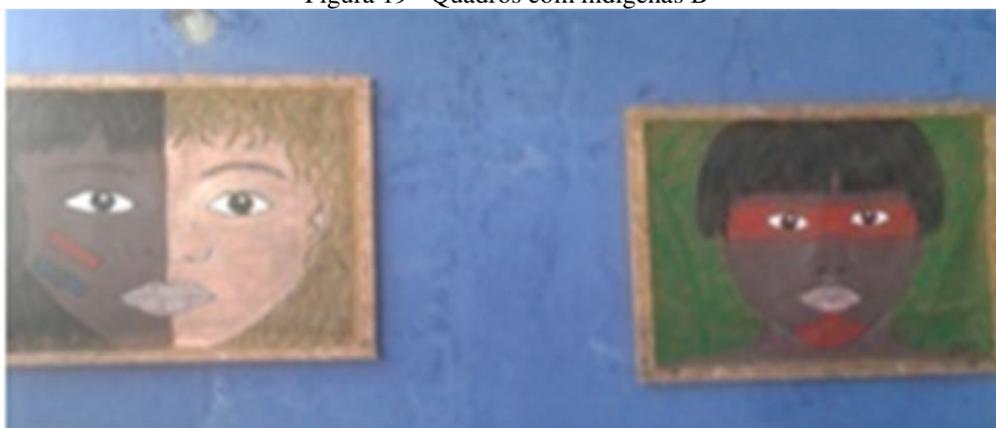
Nas paredes dos corredores são expostos quadros com imagens de indígenas, desenhos e grafismos pintados com as cores das etnias.

Figura 18 – Quadros com indígenas A



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 19 - Quadros com indígenas B



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 20 - Grafismo



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Os ambientes são distribuídos e organizados da seguinte forma: uma (1) sala apropriada para a Educação Infantil com banheiro dentro da sala para crianças da pré-escola com os vasos sanitários adequados ao tamanho das crianças e pias no formato de um tanque com várias torneiras para os alunos lavarem as mãos; vinte e cinco (25) cadeirinhas e mesas em tamanhos e altura dentro dos padrões determinados para o ensino dessa faixa etária; dois (2) armários para os professores guardarem os materiais didáticos e os brinquedos, solário e espaço com uma porta de saída para uma área de lazer com plantas diversas. Um pequeno jardim; seis (6) salas de aulas com capacidade para trinta e cinco (35) alunos do primeiro ao quinto ano, todas com dois armários para os professores; duas (2) salas com quadro branco, uma (1) do 4º ano e outra do 5º ano; dois (2) banheiros para alunos sendo um (1) para o gênero feminino e outro para o masculino.

A escola possui também uma (1) sala de informática com vinte e cinco (25) computadores e a mesma quantidade de mesas; mais um (1) quadro branco; uma (1) sala para a biblioteca; uma (1) sala para os professores, uma (1) sala para Orientação Educacional; uma (1) sala para Supervisão Escolar, uma (1) secretaria; um (1) banheiro para atender aos professores; uma (1) cozinha com dois depósitos e um (1) banheiro masculino para os professores e outros funcionários; uma (1) área de serviço.

No ano de 2004, foi construída uma quadra de esportes coberta juntamente com um parque infantil coberto com brinquedos próprios para os alunos, tais como, balanços, gangorras e areia. A escola possui 20 ambientes no total.

Quanto ao currículo, consideradas as proposições contidas no Projeto Político Pedagógico da escola predomina o propósito de educação inclusiva, que pode ser evidenciada, por exemplo, no próprio currículo, em ações direcionadas à valorização das crianças indígenas e não indígenas, ao acolhimento de seus saberes e à afirmação da identidade cultural dos estudantes por meio de atividades diferenciadas desenvolvidas em sala de aula pelos professores das disciplinas de Arte cultura e Língua Terena e das demais também. Existem também projetos desenvolvidos pela equipe pedagógica que estabelecem metas, objetivando elevar o índice de aprendizagem principalmente de alunos com baixo desempenho, já no início do ano, com aulas de reforço no contraturno e atividades diferenciadas em sala de aula.

A partir dessa perspectiva, o Projeto Político Pedagógico, 2015, p. 28 enfatiza:

Nossa equipe escolar esta empenhada, na busca de soluções buscando aproximar o aluno de escola, fazendo-o apropriar-se da importância que a escola terá em sua vida, estabelecendo rotina diária a seus afazeres escolares, propondo-lhes atividades diversificadas, prazerosas, sistematizadas onde todos tenham oportunidades iguais.

Portanto, o documento considera fundamental que todos os educadores aprimorem seus conhecimentos acerca da pedagogia e das novas leis nacionais e mundiais, e destaca ainda (PPP, 2015, p.28) que “não podemos negar a multiculturalidade existente no nosso meio a partir dos próprios educadores, cada um com sua identidade e diferença em sua cultura, etnia, raça e gênero”.

Sendo assim, para compreender a cultura que permeia a escola, a maioria dos professores participam de formações realizadas pelos técnicos da Secretaria Municipal de Educação/SEMED. Além disso, os docentes que ministram aulas do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental, também participam do Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa/PINAIC fora do seu turno de trabalho. Assim, imbuídos da vontade de colaborar, toda a comunidade escolar, desde os guardas municipais até a direção têm a sua parcela de contribuição nos projetos que são desenvolvidos pela escola, quais sejam: álcool e trânsito – Decreto 6.117/2007 e Lei nº 11.705.2008 e o Parecer/MS nº 91/2008 que tem como objetivo o enfrentamento coletivo relacionado ao consumo do álcool associado com a violência e causas de morte no trânsito.

Outro projeto é o Programa Educacional de Resistência às Drogas-PROERD, em parceria com a Polícia Militar do Estado de Mato Grosso do Sul, que disponibiliza um policial militar que faz parte do projeto, desenvolvendo atividades e palestras, uma vez por semana nas salas de aulas dos alunos dos 5ºs anos, no período do terceiro ao quarto bimestre com a culminância em dezembro. Esse programa tem como proposta a conscientização de todos os estudantes para o não uso de drogas e outros temas relacionados à violência e ao Bullying por meio de palestras e outras dinâmicas.

O projeto referente à Educação Ambiental preconizado na Lei 12.608/2012 que institui a política Nacional de Proteção a Defesa Civil e em suas diretrizes, aponta que as escolas públicas devem incluir nos currículos os princípios da proteção e defesa civil e a educação ambiental, como demonstrado na Figura 21 em que uma professora da pré-escola desenvolve uma atividade com os seus alunos. É um projeto desenvolvido durante todos os bimestres por meio de temas que são trabalhados nas disciplinas de história, geografia e ciências, bem como disseminando os conhecimentos das práticas do cotidiano, ensinando cuidados com a vida, com a saúde e com o ambiente em que os estudantes vivem.

Figura 21 – Educação ambiental – alunos da pré-escola 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Assim, os professores com mais frequência os da pré-escola procuram trabalhar bastante temáticas envolvendo o meio ambiente e a natureza, levando os alunos a terem um contato direto com as plantas e com a terra, conscientizando-os para a preservação da natureza e do cuidado com meio ambiente.

Outro programa bem sucedido desenvolvido na escola foi o PIBID/Interdisciplinar: Laboratório de Apoio à Ação Docente para a Educação das Relações Étnico-raciais, Diversidade Sexual e de Gênero e Educação Ambiental, Mato Grosso do Sul, Brasil. Na Figura (22) abaixo uma acadêmica do PIBID participa, junto com a professora de um projeto de reforço paralelo na sala de aula com o objetivo de corrigir distorções de aprendizagem dos alunos principalmente de Língua Portuguesa e Matemática. Além dessas atividades de reforço, os acadêmicos participavam na elaboração dos eventos e auxiliando os professores nos conteúdos previstos no planejamento.

Figura 22 – Aula de reforço desenvolvida por uma acadêmica do PIBID 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

A seguir, apresentamos o projeto “Eu Atinjo as Minhas Metas” também de muita relevância porque envolve os alunos e a família que é chamada a participar nas responsabilidades escolares. O envolvimento de todos culmina na melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem de todos os alunos.

Nessa perspectiva, o Projeto Político Pedagógico (2015) enfatiza que:

O ambiente escolar deverá ser acolhedor, onde todos se respeitem, onde todos sejam ouvidos e atendidos em suas necessidades básicas. Uma escola acolhedora, limpa, organizada, onde todos os alunos se sintam bem e sejam protagonistas da sua história escolar. Cidadãos atuantes nessa sociedade [...]. (PPP, 2015, p. 30).

Todo esse fazer pedagógico nos possibilita afirmar que os profissionais da instituição são habilitados para o exercício de suas funções e têm o compromisso de garantir educação de qualidade aos alunos, atendendo a diversidade cultural e social, respeitando seus saberes tradicionais no processo de apropriação do conhecimento científico sistematizado e acumulado pela humanidade.

Quanto à filosofia da escola, esta é pautada na concepção intercultural e a perspectiva curricular que está inserida no Projeto Político Pedagógico/2015, segue as sistematizações metodológicas das concepções educacionais sociointeracionistas, construtivista e progressista. Dessa maneira, a base teórica que fundamenta o projeto da escola baseia-se nos autores: Vygotsky, Kramer, Piaget, Freire, Teberosky e toda Legislação e Diretrizes da Educação Básica e da Educação Infantil, assim como os Referenciais Curriculares da Rede Municipal de Ensino, proposto pela Secretaria de Educação/SEMED com a prerrogativa de prestar serviço de educação e ensino de qualidade, bem como toda a legislação referente à educação nacional.

Nesse sentido, a LDB 9394/96 no Art.32 dispõe que a formação básica para a cidadania, a partir da escola dê condições de aprendizagem que possibilite formar:

Homens com pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Homens capazes de compreenderem o ambiente natural, social, sistema político e tecnológico, artístico e valores sociais. Formar homens que tenham o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores, de fortalecer vínculos familiares, laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, p. 2).

De outra forma, a concepção de educação infantil que a escola Sullivan Silvestre Oliveira propõe é a de “Ler e Escrever” na Educação Infantil com significado em consonância com o que propõe o Referencial Curricular da Educação Infantil, volume 01, p. 23:

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para a aprendizagem que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas

aprendizagens de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo. Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015, P.37).

Dessa maneira, com base nos referenciais e na legislação referente à Educação Infantil os professores desenvolvem as atividades, criam estratégias de ensino e atendem aos alunos conforme suas necessidades e as especificidades dessa etapa. Assim, as crianças aprendem brincando e desenvolvendo suas habilidades, conforme podemos observar nas figuras as crianças aprendendo uma brincadeira indígena (Figura23), alunos na roda de leitura ao ar livre (Figura 24), professora fazendo uma dinâmica de contação de história musicada (Figura 25).

Figura 23 – Brincadeira indígena 2016



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Nessa perspectiva, o foco da instituição de ensino é o desenvolvimento intelectual, bem como a formação voltada para a preservação dos valores sociais, culturais e das relações interétnicas do seu alunado.

O Projeto Político Pedagógico reconhece a escola como bilíngue e valoriza as identidades étnicas, raciais e culturais na perspectiva intercultural de atendimento à diversidade. Para tanto, incluí na sua matriz curricular duas disciplinas, Língua Terena e Arte Cultura que colocam os alunos indígenas em contato com a sua língua materna e a sua cultura.

Figura 24 – Roda de leitura 2016



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 25 – Contação de história 2016



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Dessa maneira, diferencia-se de outras instituições que atendem alunos indígenas, pois garante, no currículo escolar (Figura 30), a parte diversificada.

Figura 26 – Matriz Curricular

Prefeitura Municipal de Campo Grande
 Estado de Mato Grosso do Sul
 Secretaria Municipal de Educação
 Superintendência de Gestão, Normas e Relações Comunitárias / Divisão de Monitoramento e Normas
MATRIZ CURRICULAR/ENSINO FUNDAMENTAL - A PARTIR 2014 - Fundamentação Legal : LEDBEN -LEI 9394/96
 Módulo: 40 semanas/ano Carga Horária: 20 aulas/semana/90 minutos – 800 HORAS/ANO
 “Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono “Criança do Futuro””

BASE NACIONAL COMUM E PARTE DIVERSIFICADA	ÁREAS DE CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA ANOS INICIAIS				
			1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
LINGUAGENS	ARTE		2	3	2	2	3
	ARTE CULTURA		1	1	2	1	1
	EDUCAÇÃO FÍSICA		3	2	2	2	2
	LÍNGUA TERENA		1	1	1	2	1
	LÍNGUA PORTUGUESA		4	4	4	4	4
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA		4	4	4	4	4
CIÊNCIAS HUMANAS	HISTÓRIA		2	2	2	2	2
	GEOGRAFIA		1	1	1	1	1
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS		2	2	2	2	2
TOTAL	SEMANAL EM HORAS		20	20	20	20	20
	ANUAL EM HORAS AULA		960	960	960	960	960
	ANUAL EM HORAS		800	800	800	800	800

Aulas destinadas ao professor titular - 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental
 APROVADO DMN/ SEMED EM 30/12/2013
 Profª. Tânia Mariz Terra Serra dos Passos
 Chefe da Divisão de Monitoramento e Normas/SUGENORC/SEMED

Fonte: acervo da escola Sulivan.

Isso se evidencia na resposta da professora ao ser indagada por meio da seguinte questão: No seu cotidiano na sala de aula, quais as ações que você realiza com os alunos que podem contribuir para conscientização do respeito e da valorização da cultura e dos costumes dos povos indígenas?

Acho que quando a gente vem relacionando por, exemplo um conteúdo de história e geografia que vem falando do campo e da cidade aí você vai relacionar, eles tem vivências porque eles vão pra aldeia então eles falam como é feito o plantio, como que colhe, como que vende, quando vai falar de profissões, quais são as profissões, quando fala do artesanato, então a gente vai... Num texto de português, então pra gente já está muito entranhado, já estamos acostumados a fazer isso no cotidiano, todo dia e como tem as duas disciplinas isso faz parte você entra na sala está lá escrito em Terena o texto do professor, está a arte Terena, então a gente já está acostumado com isso. (PROFESSORA DA ESCOLA SULIVAN, em 20/08/18.)

Nesse sentido, o objetivo é preservar tanto a arte cultura quanto a língua Terena para que os jovens tenham conhecimento e acesso aos seus bens culturais e linguísticos.

A esse respeito a autora conceitua cultura afirmando que:

Toda cultura é dinâmica, ou seja, vai se transformando com o passar do tempo e através do acúmulo de experiência através da história. Isso contradiz algumas ideias muito divulgadas sobre as culturas indígenas, como a de que são “paradas no tempo” ou que vão perdendo traços a partir do contato até desaparecerem ou tornarem-se aculturadas. (TASSINARI, apud. AGUILERA URQUIZA, 2016, p.157).

Sendo assim, a cultura da comunidade Terena muda no decorrer dos tempos devido ao contato interétnico por meio do qual incorpora elementos culturais que não são indígenas, bem como ao valorizar os aspectos da cultura da etnia ressignificam esses elementos adquiridos com os dados culturais próprios que possuem.

Portanto, o ensino da Arte Cultura e Língua Terena para os estudantes indígenas, assim como também de outras culturas, é importante para que as gerações possam conhecer sua cultura e as mudanças no decorrer dos tempos dependendo da evolução social, e refletir sobre o processo de ressignificação.

Figura 27 – Ex-diretora Lucimar e cacique Enir 2016



Fonte: acervo da escola Sullivan.

É impossível descrever o processo histórico da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”, sem fazer referência a principal liderança dessa comunidade, cacique Enir da Silva Bezerra, que marcava presença diariamente no ambiente escolar. Além disso, conhecer sua atuação ajudará também o leitor a entender as relações de poder que se estabeleciam entre a direção e essa liderança local, bem como a cultura que permeia o entorno da comunidade escolar.

Desse modo, a Figura 27 foi tirada durante uma visita da cacique a unidade de ensino. a relação da cacique da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza e a ex-diretora da escola, Lucimar Trindade da Silva Azevedo Marques que assumiu a direção da escola no ano de 2005 era de muita parceria, como podemos evidenciar nas memórias da ex-diretora. Relate como foi a sua atuação na escola Sullivan?

[...] Foi muito aprendizado, um desafio que eu aceitei, porque todo mundo me assustava "a você vai trabalhar numa escola da comunidade indígena é muito difícil..." meu objetivo era estudar conhecer profundamente a história da cultura desse povo, para conseguir fazer um bom trabalho, ter um bom relacionamento com a comunidade. E foi nesse sentido que eu segui os meus 12 anos na escola Sulivan. Sempre procurando entender quais as reais necessidades daquela comunidade, como eles viam a escola porque a escola para eles era referência para tudo; as ações sociais, as festas de comemoração do dia do índio, até vacinação, tudo eles contavam com a escola, a associação dos moradores não tinha sede própria eles usavam a escola também, solicitava a escola para tudo. Então, era uma parceria muito bacana e que serviu para gente ter uma aproximação muito boa entre a escola, as lideranças e a comunidade. (EX-DIRETORA DA ESCOLA SULIVAN em 21/08/18).

A ex-diretora exerceu também um papel relevante entre a escola, a cacique e a comunidade. Durante sua gestão 12 anos a frente da instituição sempre manteve as portas da escola aberta para todos, inclusive para as universidades e para aqueles que quisessem contribuir de alguma forma com a escola. Sua gestão foi pautada na democracia e no respeito pelos sujeitos e pela diversidade, ouvindo e na medida do possível, atendendo os anseios da comunidade.

A fala de uma moradora da aldeia urbana, se referindo a um pedido que a comunidade fez oralmente para o prefeito que foi responsável pela construção da escola, constata que os indígenas ainda confiam muito na palavra das pessoas.

[...] O que é que a comunidade pediu e pediu muito, só que o índio não escreve e o que vale é o papel. Então foi pedido para o prefeito que sempre tivesse índio como professor, que tivesse o máximo de índio no quadro de funcionários... Porque a gente entende que índio é que entende de índio [...]. (MORADORA INDÍGENA em 16/08/18).

Dessa maneira, a cultura indígena por ser baseada na oralidade, não apresenta registros em Atas, ou em outro tipo de documento da instituição, que comprove a participação e interferência direta e indireta da cacique nas decisões em assuntos administrativos relacionados à escola.

No entanto, a cacique exercia grande poder de decisão e participava ativamente dos interesses e decisões da escola. Tinha poder de argumentação e articulação política com autoridades para conseguir seus objetivos, no que se refere a melhorias para a escola, exercendo, dessa forma, muita influência junto à gestão do estabelecimento. Assim, atuava em conjunto com a ex-diretora e com o apoio da comunidade local reivindicaram na SEMED durante sete anos para inserir as duas disciplinas específicas da Arte cultura e Língua Terena no currículo da escola. Antes essas disciplinas eram oferecidas apenas no contraturno para os

alunos indígenas, porque não contemplava a todos de forma significativa. Diante dessa interação com a líder da comunidade, a ex-diretora, quando questionada sobre quais foram às dificuldades encontradas no início da sua administração, responde:

[...] primeiro eu bebi da cultura deles, tive que conhecer, eu tive uma professora que foi crucial na participação minha como diretora na escola, que foi a cacique Enir, que na época nem era cacique ainda, mas ela era a líder, a grande líder da comunidade indígena Marçal de Souza. Eu bebi muito com ela esse conhecimento do povo, dos costumes, de como eu deveria tratar a comunidade, o que eles esperavam de mim, então assim ela me passou essas dicas que valeu muito na nossa convivência e foi muito importante para ter um entrosamento com a comunidade. (EX-DIRETORA DA ESCOLA SULIVAN em 21/08/18).

Essa parceria foi muito importante na solução de dificuldades da escola. A luta conjunta para aprovar um currículo escolar de forma diferenciada contemplando as duas disciplinas: Língua Terena e Arte Cultura foi bem sucedida e proporcionou à escola um ganho expressivo para valorização da cultura indígena, tanto para os alunos quanto para os professores da etnia Terena que ministravam aulas no contraturno. Assim, a comunidade indígena Marçal de Souza conquistou um espaço para a efetivação de seus valores culturais garantidos primeiramente pela Constituição Federal de 1988 e posteriormente estabelecidos em outras leis que versam sobre a temática, ou seja, a educação indígena.

A partir de então, todos os alunos ganharam mais conhecimentos referentes à História das Artes Indígenas e da Língua Terena com o oferecimento das disciplinas no horário normal das aulas nos períodos matutino e vespertino, cumprindo um calendário com carga horária estabelecida pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED, (PPP/2015 p.27).

Nessa perspectiva a escola está em consonância com a Constituição Federal do Brasil de 1988 no Artigo 231 - que estabelece “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. Dessa maneira, seguindo os mesmos preceitos da Constituição Federal de 1988 a Lei 9394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN, também garante esses direitos para educação escolar dos povos indígenas.

Desse modo, os estudantes que estão em processo de alfabetização e outros níveis diferentes de aprendizagem têm acesso aos códigos da Arte Cultura e Língua Terena na forma escrita e oral. Para que os professores possam desenvolver a alfabetização e os conhecimentos básicos da língua materna e da Arte Cultura indígena. Dessa maneira, em todas as salas há um

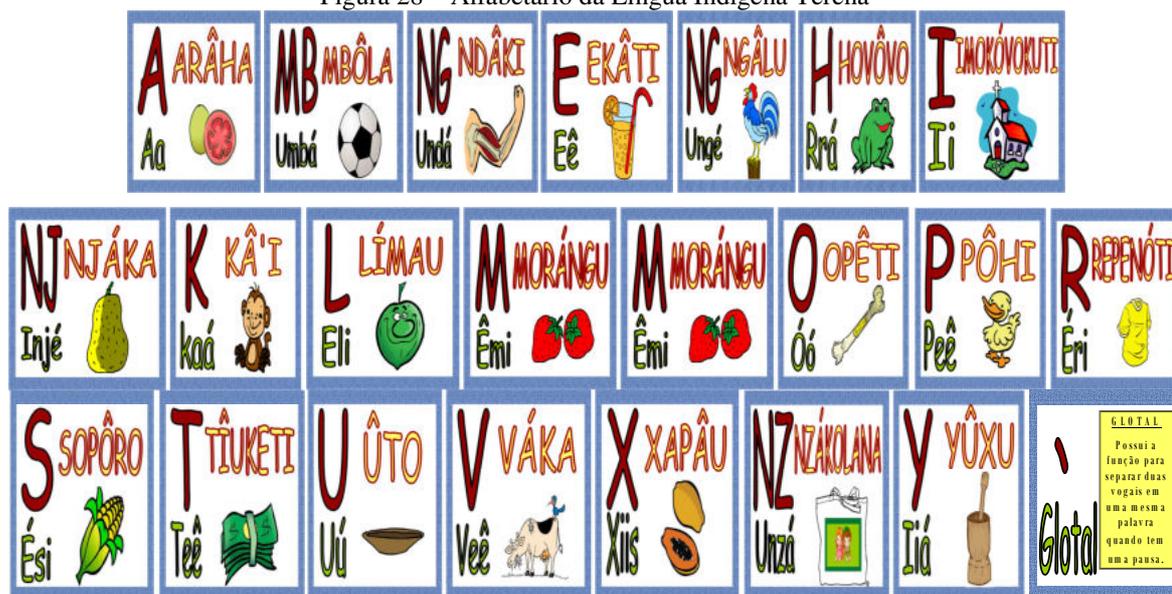
alfabetário da Língua Terena que fica exposto nas paredes, conforme a Figura 32. No entanto, apesar da SEMED ter autorizado um currículo escolar diferenciado, há mais de uma década, segundo os professores que ministram as aulas, ainda não foi elaborado um plano de ensino para as duas disciplinas, os professores usam os materiais didáticos elaborados pelas e para as escolas das aldeias indígenas das cidades mais próximas da Capital, principalmente da aldeia Limão Verde, em que a realidade social e cultural do estudante indígena da aldeia é diferente do estudante indígena urbano. Sobre essa questão, constatamos na fala do atual cacique da aldeia quando perguntamos se houve avanço ou retrocesso referente ao ensino na escola que:

Hoje eu posso dizer que tenho dois pontos de vista, porque a escola Sullivan surgiu de um anexo, nós avançamos além das escolas municipais de Campo Grande, é que a diferenciação foi a manutenção da nossa Língua Terena e da nossa Cultura, essa foi a nossa diferenciação na época e acontece até hoje, nós não temos em Campo Grande tal escola que se iguale ao Sullivan. Mas estacionamos, não temos uma sequência, a escola Sullivan só tem do primeiro ao quinto ano e estacionamos aí [...] só que, o que você ver no pré você ver no quinto ano na questão cultura indígena e Língua Terena, que é a nossa predominância na comunidade. Foi um diferencial há vinte anos atrás e se mantêm a 20 anos depois. Não tivemos retrocesso, mas também não tivemos avanços. (CACIQUE DA ALDEIA MARÇAL DE SOUZA em 20/08/18).

A colocação do atual líder indígena se refere aos conteúdos que são ministrados para os alunos nas duas disciplinas, Arte Cultura e Língua Terena. Ele argumenta que depois de vinte anos essas disciplinas não têm referenciais e nenhum plano de ensino e que os conteúdos não seguem uma sequência conforme os níveis de escolaridade dos alunos, tendo em vista que os mesmos conteúdos que os professores ensinam na pré-escola são ensinados até o quinto (5º) ano. Apenas com grau diferenciado de dificuldade.

Dessa forma, as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, estão em contato semanalmente com a escrita e a fala do idioma da etnia Terena, por meio de conteúdos que foram divididos de acordo com os níveis de escrita de cada turma. Outros instrumentos didáticos foram introduzidos para ampliar o interesse dos alunos tais como: toca CD, TV e DVD, contribuindo com as letras de músicas e cantigas da Língua Terena e de outras etnias. Todos os alunos indígenas ou não indígenas têm contato com a Língua Terena.

Figura 28 – Alfabetário da Língua Indígena Terena



Fonte: acervo da escola Sulivan.

As primeiras aulas de Arte Cultura e Língua Terena no ano de 1999, foram desenvolvidas por meio de um projeto de ensino, oferecido no contraturno das aulas regulares. Somente no ano de 2012 as duas disciplinas foram incluídas na matriz curricular da escola. A partir desse período, os professores das duas disciplinas passaram a ministrar as aulas em conjunto no período regular das aulas. Dessa maneira, elaboravam atividades integradas, confeccionavam os bichos e outros materiais que pudessem proporcionar um bom desenvolvimento das práticas de ensino. Para facilitar a compreensão e alfabetização na língua Terena, esses professores confeccionavam os bichos e outros materiais de suporte da mesma maneira que faziam quando crianças. A partir de 2015, as disciplinas passaram a ser ministradas separadas, tanto em relação aos conteúdos, quanto em horários e dias diferentes. Os dois professores indígenas (Figura 29) foram os pioneiros na escola.

Figura 29 – Pioneiros



Fonte: acervo da escola Sulivan.

A professora de Arte Cultura com habilidade de artesã produzia cerâmicas, desenhos e artesanatos indígena variados, não só das etnias do Mato Grosso do Sul, mas também de outras regiões do Brasil e principalmente a etnia Terena. O professor de Língua Terena, pesquisava muito as lendas, o folclore, as músicas e os Hinos do Brasil, de Mato Grosso do Sul e outros, ensaiados pelos estudantes na Língua Terena para apresentação na escola e em eventos. Em suma, levando para a sala de aula, a arte dos indígenas e a Língua Terena, numa perspectiva intercultural.

2.5 Os atores da escola

Formalmente, não existe nenhuma exigência ou pré-requisitos para trabalhar em uma escola com as características da Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” no entanto, quando um servidor inicia seu trabalho na instituição, em conversa informal a direção informa como são as relações estabelecidas entre a escola e as famílias dos estudantes da comunidade. Para que o profissional entenda a cultura da escola. Não é uma exigência legal, mas se faz necessário que principalmente o professor busque um pouco de conhecimento referente à cultura indígena, devido a especificidade do público e da comunidade em que a escola está inserida, bem como para não desenvolver práticas pedagógicas negativas por falta de conhecimento.

Nesses doze anos de docência nessa instituição, conhecemos muitos professores que foram lotados no Sulivan e depois de alguns meses pediram remoção para outra escola, alegando que não tinham se adaptado. O que é louvável, melhor do que permanecer e ter atitudes excludentes com os alunos indígenas, pelo fato de não ter conhecimento da cultura indígena e de outras etnias dificultando o bom exercício das práticas pedagógicas junto aos estudantes.

Para compreendermos o funcionamento da Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” demonstramos a composição do quadro de funcionários (Figura 30) que trabalham nessa unidade e vivenciam o cotidiano dos sujeitos escolares. O quadro dos profissionais que atuam na instituição é composto por: uma (1) Diretora; uma (1) Coordenadora; uma (1) Orientadora; um (1) Secretário; dezoito (18) Professoras Pedagógicas; três (3) Professoras de Arte; três (3) Professores de Educação Física; um (1) Professor de Língua Terena com formação em Letras; uma (1) Professora de Arte e Cultura indígena com formação em Pedagogia; duas (2) Merendeiras; três (3) Monitores de alunos; duas (2) Auxiliares de secretaria; seis (6) Auxiliares de serviços diversos; quatro (4) professoras readaptadas; um (1) bibliotecário; um (1) Professor da sala de tecnologias; uma

(1) Professora Intérprete de Língua de Sinais; dois (2) Professores auxiliares da educação especial; dois (2) Professores de projetos; dois (2) Guardas Municipais; três (3) serviços gerais da limpeza.

Figura 30 – Equipe Sullivan 2015



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Até 2017 a maioria dos professores docentes era convocada, por isso alguns que estão na figura acima não fazem mais parte do quadro de servidores da “equipe Sullivan”. A partir do ano de 2018, todos os docentes passaram a ser concursados, permanecendo como convocados apenas alguns quais sejam: um (01) professor de Arte, um (01) de Educação Física, os professores de Arte Cultura e Língua Terena e também os auxiliares de educação especial e intérprete de Língua de sinais. (os dois últimos por não haver nesse período concurso específico para essas especialidades).

A escola passou pela administração de quatro (4) diretoras quais sejam: a primeira diretora - Ana Lia Monvailier Vendas Righet, no período de 1999 a 2000. A segunda diretora – Luciana Munhoz Pereira Leite esteve na direção da escola somente no ano 2000. A terceira gestora foi Francisca Ovando Venega dos Santos, que atuou no período de 2000 a 2004. A quarta diretora Lucimar Trindade da Silva Azevedo Marques (Figura 31), que administrou a escola de 2005 a 2016, sendo a que permaneceu por mais tempo na direção da instituição. Atualmente, Onilda Camargo Dichoff (Figura32) está na direção da referida unidade de ensino a partir do ano de 2017.

Figura 31 – Ex-diretora Lucimar 2015 Figura 32 – Diretora atual Onilda 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Fonte: acervo da escola Sullivan.

Cabe ressaltar que a administração anterior foi pautada no acolhimento, no respeito pela diversidade cultural e social. A gestora se envolvia muito com a arte e a cultura dos povos indígenas, tanto que sua sala era decorada com quadros com imagens de rostos de indígenas de várias etnias, além da cerâmica e o artesanato que comprava ou ganhava de presente dos moradores da comunidade indígena Marçal de Souza e de outras comunidades. A esse respeito uma moradora não indígena, relata que:

Além do currículo, o diferencial dessa escola é o acolhimento dos professores, a atenção e envolvimento da diretora com as famílias e com os alunos. A escola em si, da diretora a faxineira, eles são muito acolhedores tratam as crianças muito bem e se preocupam muito não só com a criança dentro da escola mais com a criança fora da escola também, eu acho isso muito importante e é o que diferencia das outras escolas. (MORADORA DA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA em 16/08/18).

Nesse sentido, a direção estava sempre com as portas da escola abertas para a comunidade e para os profissionais que iam procurar uma oportunidade de emprego. Tinha muito respeito pelo trabalho dos professores e lhes dava autonomia para desenvolvê-los. Acreditando no potencial do ser humano e tinha como meta um ensino e aprendizagem de qualidade. Portanto, se preocupava em fazer com que a escola fosse um ambiente harmonioso e acolhedor para todos que adentrassem naquele ambiente, mantendo uma relação de alteridade com os moradores da comunidade e pais dos estudantes.

Nesses doze anos de docência junto a essa comunidade, foi possível evidenciar que os estudantes vêem na escola uma extensão de suas casas e famílias. Devido a esse perfil

diferenciado, a maioria dos estudantes cultivam junto aos docentes uma relação afetiva principalmente os estudantes indígenas que respeitam muito o professor. A esse respeito uma ex-professora da escola Sullivan relata:

Eu trabalhei 35 anos no Colégio Maria Auxiliadora como professora de Língua Portuguesa, aí trabalhei no estado e no concurso da prefeitura eu acabei ficando na escola Sullivan, e eu gostei muito dessa população indígena porque são alunos assim bem disciplinados, os pais são responsáveis e eu gostei muito de trabalhar com essa turma Terena com essa etnia terena, os alunos respeitam muito o professor. (EX-PROFESSORA DA ESCOLA SULIVAN em 18/08/18.)

Os docentes com mais tempo na escola conhecem os estudantes e acompanham o seu desenvolvimento da pré-escola ao quinto ano. Assim, conhecem também as famílias e suas realidades, portanto, acabam tendo uma relação mais próxima com a comunidade.

2.6 Os eventos

Os elementos simbólicos de uma instituição escolar, dentre eles, as festividades e as comemorações sinalizam o que as escolas consideram relevantes em seu processo identitário. Assim, cumpre identificá-los a fim de apreender de que forma os sujeitos revelam o seu *modus* cultural, os seus significados e os seus valores. A escola Sullivan como a maioria das instituições públicas de ensino cumpre o calendário escolar, organiza eventos e festas nas principais datas comemorativas tais como: São João, Festa da Primavera, Dia da família (antes dia do pai e da mãe), Dia das crianças, Natal e entre outras.

A escola também cumpre com todos os eventos que constam no calendário escolar. No entanto, detenho-me a descrever e enfatizar o evento realizado nessa unidade de ensino, considerado de muita importância para a comunidade escolar e local denominado de Feira Indígena Cultural-FIC, que ocorre todos os anos, geralmente no mês de abril, em comemoração ao Dia do Índio em uma homenagem aos povos indígenas. A feira tornou-se uma tradição na escola, faz parte da cultura e está prevista no calendário da instituição.

A origem desse evento se deu um ano depois da inauguração da escola em 2000, quando a diretora da época resolveu fazer uma Feira Indígena Cultural – FIC, com o intuito de prestar uma homenagem aos indígenas em comemoração ao dia do Índio. No início, o objetivo era apenas comemorar a data naquele ano em que os alunos produziram trabalhos referentes ao tema e a coordenação junto com os alunos e demais funcionários organizaram exposições dos trabalhos para apresentar aos pais e a comunidade em geral. No entanto, a

repercussão positiva da realização da feira levou seus organizadores a estendê-la aos anos seguintes. Ocorreu, no entanto, que cada vez mais as feiras foram se aprimorando e a direção começou a convidar e receber autoridades da SEMED, representantes do prefeito, Secretaria de Cultura, acadêmicos e representantes de universidades, além de outras instituições, artistas, escolas indígenas das aldeias das cidades próximas e de outros estados como de Salvador, Estado da Bahia. Dessa forma, o sucesso da feira consolidou-a como evento permanente da instituição.

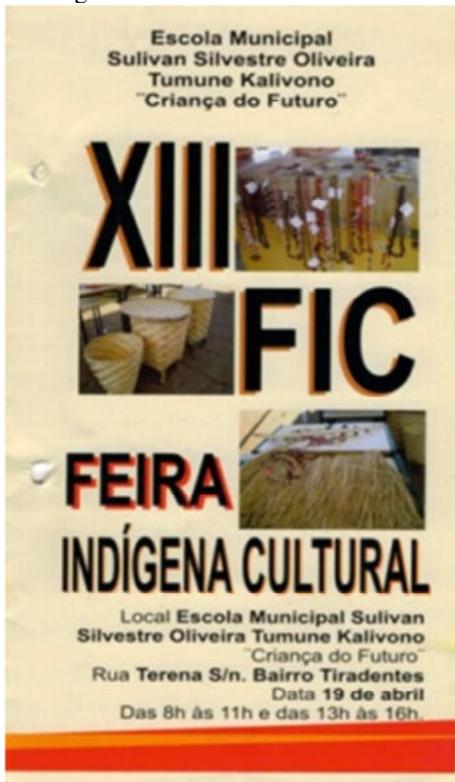
Assim, todo início de ano a direção, os professores e toda equipe pedagógica se reúnem e decidem o tema que vai ser trabalhado na Feira Indígena Cultural daquele ano. O tema é dividido em subtemas e cada professor trabalha na sala de aula com seus alunos no decorrer dos bimestres. Assim, no decorrer do ano a escola desenvolve em sala de aula conteúdos e trabalhos artesanais ligados à temática e aos subtemas elencados para exposição na feira indígena, com atividades direcionadas para a cultura indígena bem como para a comemoração do dia do Índio. A culminância acontece com a apresentação dos trabalhos produzidos pelos alunos durante os bimestres que antecedem a Feira Indígena Cultural. Somente a partir de 2004 é que se ampliaram as FICs com objetivos maiores, firmando-se como projetos anuais com temas relevantes e foco na cultura e valorização da história dos povos indígenas, usos e costumes, vestimentas, culinária e trabalhos de artesanatos, profissões das mulheres indígenas, educação das crianças indígenas, participação dos artistas indígenas, bem como o significado dos grafismos indígenas, a agricultura Terena e outros.

No entanto, esses trabalhos produzidos pelos professores e alunos da escola que se configura como uma riqueza de conhecimento, principalmente da cultura indígena, acabam se perdendo ano a ano pela falta de valorização da produção artística, cultural da escola e por não visualizar a importância de ter um acervo da instituição. Em que constem registros para o conhecimento e sirva de fonte de pesquisa para os estudantes. E também para manutenção, conservação dos trabalhos produzidos na/pela escola, principalmente nas FICs por ser uma prática cultural dessa unidade de ensino. Devido a isso, pouco material foi encontrado durante a coleta de dados para a realização dessa pesquisa. Muitas fotos, desenhos, pinturas, instrumentos de caça e pesca além das cerâmicas produzidas pelos indígenas das etnias Kadiwéu e Terena, dos anos anteriores, e que eram expostos durante as feiras e em outros eventos, não foram encontrados na Instituição.

Em todas as feiras foram produzidos convites, no entanto, algumas feiras tiveram maior relevância, dependendo do tema e dos recursos empregados no evento. Assim, para este

trabalho escolhemos os convites das feiras que tiveram maior expressividade. Na Figura 33, convite da FIC ano 2011, Figura 34, convite da FIC ano 2012.

Figura 33 – Convite XIII FIC 2011



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 34 – Convite XIV FIC 2012



Fonte: acervo da escola Sullivan.

No entanto, a FIC do ano de 2015, foi considerada de muita importância devido a sua repercussão na SEMED, na Secretaria de Cultura e Desporto e nos meios sociais. Essa feira foi planejada para homenagear a Cacique Enir da Silva Bezerra por reconhecer suas lutas e conquistas pelas causas indígenas como uma merecedora homenagem e valorização da escola que ela também ajudou a nascer. Nessa edição do evento compareceram autoridades, artistas de outros Estados com apresentação de danças e teatro, além dos povos indígenas das aldeias que vieram prestigiar a líder.

Todo planejamento da FIC/2015 foi pensado, trabalhado e dividido em temas para cada ano escolar, desde as crianças da Educação Infantil até os alunos dos quintos anos. Cada turma trabalhou temáticas referentes à vida da Cacique Enir. Para isso, muitas atividades foram propostas para os alunos, bem como a realização de entrevistas com a cacique nas salas de aulas. A partir dos seguintes questionamentos: Como eram seus brinquedos e brincadeiras de sua infância? Quais histórias ela ouvia das pessoas adultas de sua Aldeia? Em que Aldeia ela morava e onde ficava? Como era sua escola? E até que ano estudou? Com quantos anos se

casou? Como era sua família? Quais sonhos ela havia conquistado? E por onde ela andou como líder de uma aldeia urbana? Dessa maneira, foram gravados áudios e vídeos dos alunos entrevistando a cacique, em outro momento plantaram árvores em sua homenagem, entregando-lhe flores, além de outras atividades. Cada dia a cacique visitava uma sala de aula, conforme a agenda e planejamento da professora. Os registros nas figuras a seguir evidenciam diversos momentos da cacique Enir na escola e na comunidade.

Figura 35 – Entrevista ao jornal



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 36 – Boneca de pano



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 37 – Entrevista com alunos 2015



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Também para a feira de 2015, os alunos dos quintos anos fizeram em parceria com os Correios um selo com o rosto da cacique da comunidade indígena Marçal de Souza. O que pode se confirmar no relato de uma professora que realizou as atividades com os seus alunos do 5º ano.

[...] Eu na minha sala de quinto ano fizemos uma parceria com os Correios para que fizéssemos o selo da cacique. As crianças se animaram com esse trabalho, os alunos colaboraram, escrevendo cartinhas para ela e foi muito bom, porque no fim, fizemos a culminância desse trabalho na Feira Indígena Cultural, com várias pessoas autoridades da prefeitura, professores. Cada professor teve uma função nesse trabalho. Fizemos o selo comemorativo dela, com a foto dela, aí os Correios foram lá para carimbar o selo naquele dia, fizemos várias homenagens para a cacique, e foi muito bom conhecer mais de perto a etnia Terena. A função dela como cacique, uma pessoa muito respeitada pela comunidade, isso me marcou muito na escola. E no dia a dia também da escola, foi muito importante. [...]. (EX-PROFESSORA DA ESCOLA SULLIVAN em 18/08/18).

As atividades apresentadas nessa Feira Indígena Cultural foram muito elaboradas e a escola recebeu recursos e apoio da SEMED para realização do evento, de forma que ficou marcado na memória dos sujeitos que participaram. As figuras abaixo mostram um pouco do que foi essa homenagem. Na figura 38 apresentamos o convite da FIC de 2015, na figura 39 o selo da cacique, na figura 40 uma mandala com o rosto da cacique produzida pelos alunos do 5º ano orientados pela professora de arte, ao centro na figura 41, a cacique na escola descontraída olhando um mural com suas fotos feitas pelos alunos. Nessa feira os indígenas

fizeram também uma homenagem à diretora da escola naquele ano, assim na Figura 42 podemos visualizar a homenagem feita pelos indígenas em um ritual da dança do Bate-pau⁴.

Finalmente na Figura 43 o painel da cacique exposto na entrada da escola. O tema da Feira Indígena Cultural de 2015 foi reverente a vida da cacique. Esse evento teve muita repercussão e contou com a presença de pessoas de vários seguimentos da sociedade e de autoridades do Município, da Secretaria Municipal de Educação e outros. No seguinte em 2016, a cacique faleceu.

Figura 38 – Convite XVII FIC 2015



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 39 – Selo 2015



Fonte: acervo da escola Sulivan.

⁴ A Dança da Ema, popularmente conhecida como a Dança do Bate-pau é uma tradição cultural de expressão da identidade do povo Terena. Disponível na internet: <http://pibidletrascpaq.blogspot.com/2015/08/a-danca-do-bate-pau-uma-cultura-que.html#!/2015/08/a-danca-do-bate-pau-uma-cultura-que.html>

Figura 40 – Mandala



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 41 – Mural 2015



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 42 – Homenagem 2015



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 43 – Painel 2015



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Uma das atrações de todas as FICs é a apresentação da dança da Ema, popularmente conhecida como dança do Bate-pau, uma das expressões culturais da etnia Terena. O povo Terena atribui o nome da dança da Ema (kohixoti-kipáe) na Língua Terena aos seus antepassados que confeccionavam as suas vestimentas usando penas de Ema, costume que abandonaram com o passar dos anos por questões ambientais, passaram a usar palhas de acuri e outros elementos da natureza. A coreografia da dança consiste em imitar os passos dessa ave muito encontrada na região do cerrado. Apenas os homens participam da dança, e as mulheres a dança da Siputrema.

Na Figura 44 a partitura com a melodia que é tocada durante os movimentos da dança da Ema ou Bate-pau.

Figura 44 – Partitura
Dança da Ema (kohixoti-kipáe)
(Dança do Bate-pau)

Transcrição: Maestro Weimar Cezaretti

Lento

♩ = 80

Flauta

Tambor

Taquara ou Bambu

Repetir 9 vezes

Ritmo

13

20

Fonte: Arquivo musical do maestro Weimar Cezaretti

Com outra perspectiva, na Feira Indígena Cultural de 2017 foi trabalhado o tema: A importância da terra para os povos indígenas “Agricultura Terena”.

Nessa edição foram desenvolvidos nas salas de aulas assuntos referentes às plantações, em que os alunos plantaram sementes e mudas em caixas de madeiras, dispostas no espaço do jardim, com os produtos cultivados pela etnia Terena (mandioca, milho, guavira, pequi, quiabo, maxixe, jiló, abóbora), assim como temperos e ervas para fazer chá.

As figuras a seguir mostram alguns momentos dessa feira.

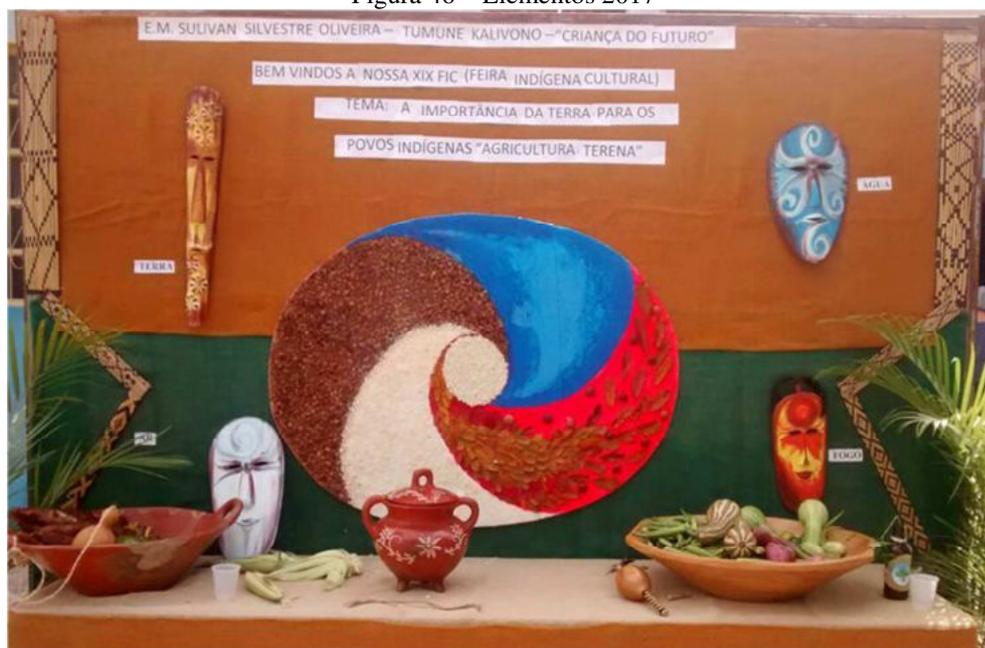
A Figura 45 - mostramos o convite da XIX FIC - 2017 com o tema: “A importância da terra para os povos indígenas: Agricultura Terena”. Na Figura 46 - o painel montado em um aparador com os elementos da natureza, Terra e da agricultura dos povos indígenas.

Figura 45 – Convite XIX FIC 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 46 – Elementos 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

A Figura 47 - demonstra uma atividade produzida pelos alunos denominado Terra o planeta azul. A Figura 48 retrata os alunos apresentando um ritual de uma dança indígena.

Figura 47 – Planeta azul FIC XIX 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 48 – Dança indígena – FIC XIX- 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Todos os eventos que são realizados nessa unidade de ensino são importantes e evidenciam a cultura Terena na comunidade, entretanto a Feira Indígena Cultural tem um significado cultural e simbólico relevante para os indígenas principalmente da etnia Terena por ser maioria.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” oportuniza a todos os sujeitos em formação a

convivência com a diversidade cultural, oportunizando novos conhecimentos nesse processo e ter conscientização do respeito e valorização das diferenças étnicas, a cultura e a sabedoria dos povos indígenas e não de maneira plural.

CAPÍTULO 3

COTIDIANO ESCOLAR CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Esse capítulo tem como objetivo descrever e analisar o cotidiano escolar na Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” enfocando a construção do sentimento de pertencimento que se constitui nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos escolares e não escolares nesse espaço diferenciado de ensino e aprendizagem. Assim, precisamos compreender como se configura o desenho cultural nessa instituição que se efetiva por meio da vivência diária com a diversidade étnica, com a comunidade escolar e com os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem por meio das práticas pedagógicas e educacionais. Essas práticas visam à formação intelectual e social dos estudantes, em uma perspectiva intercultural com vistas ao que está proposto no Projeto Político Pedagógico da escola que tem como pressuposto a educação inclusiva e a formação para a cidadania dos sujeitos em processo.

Desse modo, os relatos dos sujeitos contribuem com as suas memórias, fontes orais coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, tendo em vista que são narrativas que se configuram como subsídios para dar sustentação às descrições referentes ao cotidiano da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” Sendo assim, relatamos aspectos relevantes que conseguimos apreender do dia a dia no referido estabelecimento, bem como os seus significados e a importância dos saberes e fazeres para o alunado e conseqüentemente para a comunidade local onde a escola está inserida.

Nessa direção, os relatos dos sujeitos foram transcritos e posteriormente analisados com base nos estudiosos do campo da educação, da história, da antropologia, da história oral e da história das instituições escolares.

Ao discorrer sobre a escrita da História, Gwyn Prins (1992) se detém sobre a História Oral, analisando seus limites, seus alcances e pondera que “a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados para operar em harmonia.” (PRINS, 1992, p. 194).

Esse estudioso defende essa forma de abordagem, na história social, dada a importância das experiências comuns de vida dos indivíduos, os seus hábitos, valores culturais individuais, de um grupo ou de uma comunidade, em outras palavras, o conhecimento social tanto das elites quanto das classes populares.

De acordo com (BURKE, 2011, p. 23), “uma razão para a dificuldade de definir a história da cultura popular é que a noção de “cultura” é algo ainda mais difícil de precisar que

a noção de “popular”. Esse autor nos leva a refletir sobre a dinâmica e a amplitude do conceito de cultura de um povo, de uma sociedade, de um grupo independente de ser popular ou não.

Os estudos do autor nos revelam também a importância de capturar a dinâmica dos movimentos dos sujeitos nas relações sociais, no dia a dia, como se efetiva e o papel da escola na formação desses sujeitos por meio do conhecimento adquirido.

Nesse aspecto, a escola Sullivan se caracteriza como intercultural pelo fato de conviver com diferentes culturas e se pautar pelo respeito à diversidade cultural dos sujeitos, contribuindo, dessa maneira, para a formação e afirmação de identidades culturais nas relações sociais.

Nesse movimento buscamos os conceitos de interculturalidade à luz dos pesquisadores anteriormente referidos. Assim, para Candau a interculturalidade é pautada no direito a diferença e nos direitos humanos dessa maneira,

A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e *desigualdade social*. Tenta promover *relações dialógicas e igualitárias* entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade. *Não ignora as relações de poder* presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas pra enfrentá-los. (CANDAU, 2003, p.148, grifos do autor).

Acima a pesquisadora defende que a educação intercultural é pautada nos princípios da igualdade e diferença, no entanto, não ignora as relações de poder, mas luta contra as desigualdades sociais.

Na mesma vertente, por sua vez, sobre interculturalidade Fleuri afirma:

A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente *formativo*, ou seja, estruturante de movimentos de *identificação* subjetivos e socioculturais. Nesse processo, desenvolvesse a aprendizagem não apenas das informações, dos conceitos, dos valores assumidos pelos sujeitos em relação, mas sobretudo a aprendizagem dos *contextos* em relação aos quais esses *elementos* adquirem significados (FLEURI, 2003, p.32, grifos do autor).

Para este autor a interculturalidade passa por processos de interação nas relações sociais entre os sujeitos e suas culturas, com isso, contribui para a formação de identidades ou

para reafirmá-las de forma positiva, projetando novos desenhos de imagens dos grupos étnicos excluídos dos contextos sociais de maneira que a sociedade se torne menos preconceituosa e excludente.

Desse modo, entendemos que a escola em consonância com a interculturalidade nos termos definidos pelos autores, durante o processo de escolarização, propicia a formação dos sujeitos com vistas a posturas mais respeitadas e inclusivas no meio social. Com esse propósito, a escola Sullivan participa do movimento de conscientização dos sujeitos escolares para a formação de novas posturas sociais.

3.1 Rotina da escola

Quem participa diariamente da rotina da escola Sullivan pode ver que a escola é semelhante às outras unidades de ensino no sentido de cumprir toda a sistemática que envolve a administração e o encaminhamento que se pode dar a uma instituição de ensino. Segue uma rotina diária com conteúdos sistematizados, projetos semelhantes a serem desenvolvidos, regras externas e internas a serem cumpridas, resolver e conviver com problemas e conflitos de caráter diversos que se apresentam das mais variadas formas, devido ao movimento diário, seja em uma instituição de ensino pública ou privada. As escolas geralmente têm as mesmas características e funções formais, isto é, visa o mesmo objetivo, qual sejam o ensino e aprendizagem.

Sendo assim, a escola Sullivan cumpre as mesmas regras e rotinas das outras escolas, do município, porém devido a alguns aspectos culturais do seu público se diferencia das demais escolas públicas, fato que se evidencia na sua matriz curricular. Assim, pelo fato de mais ou menos 30% do alunado serem estudantes indígenas, a presença deles no espaço da escola requer um olhar mais atento por parte dos professores. Contudo, preza-se pela formação e preservação, de um ambiente interativo, inclusivo próprio dessa escola que atende e acolhe os sujeitos na diversidade cultural.

Dessa maneira, a rotina da semana inicia na segunda-feira e finaliza na sexta-feira, a não ser quando o sábado é letivo. O tempo de aula é assim distribuído: no período matutino das sete horas às onze horas e dez minutos e no período vespertino das treze horas às dezessete horas e dez minutos, ficando estipulado que em todas as segundas-feiras é o dia de cantar o Hino Nacional.

Portanto, após tocar o sinal, prazo máximo para iniciar o expediente na unidade de ensino, os alunos entram somente pelo portão da frente sem pressa, frequentemente muitos chegam atrasados, mesmo morando na rua ao lado ou no fundo da escola, tendo apenas que

atravessar a rua e andar poucos metros. Esse comportamento também faz parte da cultura da comunidade indígena que no seu imaginário, compreende que a escola deve se adaptar aos seus moldes. A equipe pedagógica tenta mudar esse hábito dos estudantes, chamando constantemente as famílias para conversar, porém, todos os anos esse fato se repete.

Os pais indígenas são muito presentes na vida das crianças, esse comportamento também é próprio da cultura indígena. Antes do início das aulas ficam encostados na grade do lado de fora da escola, acompanhando tudo o que acontece na acolhida, só saem do portão depois que termina, e os alunos seguem para as salas de aulas, existe pai/mãe que quer acompanhar os filhos até a sala de aula.

Assim, todos se reúnem no pátio para fazer a acolhida. Nesse momento, os professores organizam os alunos nas filas iniciando pela pré-escola e por último os 4ºs e 5º anos, seguindo a ordem de tamanho do menor para o maior, em seguida observam as posturas corporais e instruem caso estejam incorretas. Feito isso, inicia-se o canto do Hino Nacional, isso se repete todas as semanas, sendo que uma vez por mês cantam o Hino de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. Todos os Hinos são cantados também na Língua Terena. Em algumas ocasiões os militares das bandas de música do Exército e da Polícia Militar são convidados para tocarem o Hino Nacional e procederem ao hasteamento da Bandeira Nacional, participando desse momento de civilidade e patriotismo junto com a escola.

No segundo momento, a orientadora pedagógica ou na sua ausência, a diretora passa os recados do dia, chama à frente os aniversariantes da semana tanto os alunos quanto os professores e demais funcionários presenteia-os com maçãs e saúda-os cantando a música de parabéns.

Além disso, os militares do Exército, da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal a convite da direção, estão sempre à disposição da escola quando solicitados para desenvolver projetos como o do trânsito e o Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD, além de atividades educativas diversas com os estudantes. Essa escola se diferencia das demais não apenas por oferecer duas disciplinas na sua matriz curricular na parte diversificada e por ser bilíngue, mas também por expressar nuances que são próprias dessa comunidade escolar que atende estudantes de diversos grupos étnicos com culturas diferentes que se desvelam no convívio diário no cotidiano.

Nas figuras a seguir, visualizamos os alunos no momento da acolhida (Figura 49) junto com os professores, direção, equipe pedagógica e demais funcionários, cantando o Hino Nacional. Na figura 50 podemos ver os militares do Exército participando do hasteamento da Bandeira do Brasil na abertura de um evento.

Figura 49 – Estudantes cantando o Hino, 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 50 – Hasteamento da Bandeira 2017



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Após esse momento coletivo, todos seguem em fila para as suas salas juntamente com os respectivos professores para dar início às aulas. Nas salas de aula para desenvolver os conteúdos os professores usam dinâmicas e recursos pedagógicos diversos para facilitar o ensino e a aprendizagem dos estudantes. Portanto, a Figura 51 a seguir mostra os alunos desenvolvendo atividades de matemática com tampinhas de refrigerante para apreender as quatro operações matemática, principalmente multiplicação e divisão por meio de materiais

concretos, recicláveis. Na Figura 52 em outro momento os estudantes na aula de arte, construindo e pintando brinquedos com o objetivo de desenvolver a criatividade, a concentração, o trabalho em grupo, a socialização e a coordenação motora fina ajudando na motricidade para o desenvolvimento da escrita.

Figura 51 – Atividade de matemática 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 52 – Construção de brinquedo na aula de arte 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Os professores da pré-escola (educação infantil) ao quinto ano usam materiais pedagógicos diversos como: jogos, quebra cabeças, jogo da memória, material dourado⁵, trilhas e outros além de construir jogos com materiais recicláveis, enfim tudo que possa dar suporte e assim facilitar o ensino dos conteúdos propostos, principalmente nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Ciências. Durante as aulas, os alunos gostam de manipular os materiais pedagógicos e se envolvem fazendo as atividades, assim aprendem brincando de forma lúdica. Podemos constatar nas figuras a seguir, os alunos desenvolvendo atividades de matemática em um jogo de quebra cabeça (Figura 53) e outra de Língua Portuguesa apresentando a história lida no livro levado na mala viajante⁶ (Figura 54).

Figura 53 – Quebra cabeça 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Os alunos no geral são calmos, estudam, brincam, interagem de maneira tranquila, são respeitosos e obedientes, existem poucos casos de indisciplina, que dá para administrar e

⁵ O Material Dourado Montessori destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e dos métodos para efetuar as operações fundamentais (ou seja, os algoritmos)..Disponível na internet: <<http://www.utfpr.edu.br/cornelioprocopio/cursos/licenciaturas/Ofertados-neste-Campus/matematica/laboratorios/material-didatico/material-dourado>>.

⁶ Mala viajante - Livro que o aluno leva para ler em casa dentro de uma pasta com o formato de uma mala e devolve no dia determinado pelo(a) professor(a) durante a semana, culminando com a apresentação do livro pelo aluno para a turma. Fonte: a autora.

quando acontece alguns desentendimentos no recreio, tanto corporal quanto verbal geralmente são provocados por alunos não indígena.

Figura 54 – Mala viajante 2017



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Os casos detectados de alguns alunos que têm temperamento difícil, os professores levam ao conhecimento da equipe pedagógica que passa a ter um olhar atento para esses alunos e os acompanham, principalmente na hora do recreio que é dividido em dois momentos cada um com dez minutos, totalizando vinte minutos.

Dessa maneira, o recreio é dividido em primeiro intervalo que inicia às oito horas e cinquenta e cinco minutos para os alunos da pré-escola, primeiro e segundo ano. O segundo intervalo inicia às nove horas e termina às nove e dez para os alunos do terceiro, quarto e quinto ano. O objetivo é separar as crianças pequenas dos maiores, visando menos acidentes

ou brigas. Durante o intervalo os estudantes lancham, socializam-se, fazem as necessidades em seguida retornam à sala de aula.

Geralmente no período vespertino as crianças são sempre mais agitadas, por conta disso, acontecem mais atritos entre os alunos, porém, isso também faz parte do processo de construção, afirmação identitária das crianças por meio da socialização, nas relações sociais que se estabelecem com seus pares e com a diversidade social e cultural, tanto no individual quanto no coletivo. O estranhamento, o conhecimento e aceitação das diferenças dos sujeitos se dá no convívio diário. Esse processo é próprio de escola que atende a diversidade social e cultural e tem como proposta educacional trabalhar numa perspectiva intercultural.

Desse modo, podemos inferir conforme Tedeschi que a interculturalidade é uma:

Proposta de construir novos saberes a respeito da educação intercultural a partir da vivência do próprio cotidiano escolar, onde circulam diferentes culturais que compõem o tecido social, possibilita a promoção de conhecimentos capazes de promover mudanças curriculares, metodológicas e de tecnologias dialógicas adequadas às realidades e às perspectivas de cada cidadão. Construir conhecimento a partir do ambiente escolar, fruto do debate entre professores e alunos das mais diversas culturas e com o envolvimento da comunidade, colabora para a formação de indivíduos com a consciência crítica. Capazes de propor mudanças em um modelo que não tem correspondido ao anseio humano por uma sociedade mais justa e equânime, e consiste, portanto, em uma iniciativa de grande relevância. (TEDESCHI, 2008, p. 8).

De acordo com o autor, a cultura escolar se constrói nas relações sociais dos sujeitos, na convivência, na rotina do dia a dia. Sendo assim, os saberes diversos contribuem com a formação da identidade cultural dos estudantes em processo e a construção de novos desenhos sociais. Nesse aspecto, o alunado indígena da escola Sullivan vem ressignificando a sua cultura para se adaptar à realidade e as exigências impostas pela sociedade não indígena. Dessa maneira, incorporam novos hábitos e costumes da cultura dos povos não tradicionais.

Assim, os estudantes indígenas vem das aldeias com características comportamentais que se diferenciam dos não indígenas e isso se revela principalmente quando saem de férias da escola, período em que as famílias viajam para a aldeia de origem, prolongam tanto o retorno que os alunos acabam perdendo as aulas. Tendo que em alguns casos a direção procurar os responsáveis pelos alunos para saber o motivo da ausência deles(as) às aulas. Em outros casos, simplesmente a família vai para a aldeia sem avisar a escola, em pleno período letivo e esquecem de voltar. Esse fato ainda ocorre, e na sequência dos anos, percebemos que isso faz parte da cultura dessa escola, em relação aos estudantes indígenas. Diante do exposto, apresentamos os relatos das diretoras em uma entrevista a respeito das dificuldades que tiveram referente as relações sociais estabelecidas entre a escola e as famílias da aldeia

indígena urbana Marçal de Souza. Para melhor compreensão dos relatos numeramos em diretora 1 e diretora 2.

A diretora 1 relata que:

[...] No início eu cheguei na escola eu tinha uma realidade, cheguei no meio do ano, assumi em julho de 2005, inclusive tinham duas turmas, uma de segundo ano e uma de primeiro que estavam com déficit de aprendizagem muito grande, e eu fiquei com medo até de não dar conta, de não dar conta de orientar a professora que assumiu. Então foi um trabalho bem de orientação, bem focado no que realmente as crianças estavam precisando, e a gente conseguiu avançar com as crianças para o ano seguinte. Então eu comecei por aí, e nessa [...] de dar conta das crianças eu tive que conhecer os pais, as mães, porque geralmente são as mães que vão às reuniões, e a coisa que eu mais estranhei na primeira reunião foi que as mães indígenas não abrem a boca para falar nada, elas só ouvem você dizer, eu pedindo ajuda, dizendo que ela tem que acompanhar diariamente o filho em casa, que precisava ver se o filho realmente realizou as atividades em sala de aula, se o caderno estava completo, se tinha tarefa, estimular o filho estudar, e eu percebia que elas não falavam nada. E nas primeiras reuniões também era um número mínimo de pessoas, aí gradativamente foi aumentando, e conforme o tempo foi passando a relação foi melhorando cada vez mais e elas começaram a confiar também no trabalho da gente, e eu não tive nenhum problema, graças a Deus, fui muito bem aceita como diretora da escola e era solicitada até para atender coisas particulares da vida dos indígenas. (DIRETORA 1 em 07/08/18).

Na mesma perspectiva e em resposta a mesma pergunta, a diretora 2 relata que:

Então, no início da minha atuação como supervisora escolar, eu tive um pouco de dificuldade sim. Até entender todo esse processo como ele acontece, como ele se dá, até eles pegarem confiança no meu trabalho. Então isso foram longos anos assim de dedicação, de paciência, de saber o porque que os indígenas agiam assim. Esse fato de eles irem temporariamente para a aldeia e voltar depois de alguns dias e não avisar para a escola. Então todo esse processo assim, a gente foi melhorando. Eu diria que hoje a gente tem uma convivência pacífica e com grande responsabilidade por parte dos pais. Tive alguma dificuldade sim de tentar entender porque isso acontecia de insistir naquilo - vocês tem que vir avisar a escola, não podem tirar a criança assim, levar, depois passar um mês fora e voltar. Então essa foi a dificuldade. Até eles entenderem a necessidade e a importância da escola. Hoje em dia ainda acontece, mas casos esporádicos. (DIRETORA 2 em 14/08/18).

Desse modo, podemos perceber nos relatos das duas gestoras, que elas passaram por processos semelhantes de dificuldades, sendo o ponto principal o pouco conhecimento da cultura indígena. Diante disso, buscaram novas estratégias administrativas e pedagógicas que fossem capazes de atender as necessidades dos alunos e obter boas relações com as famílias. Portanto, podemos confirmar a abertura e aceitação das gestoras para o novo, buscando compreender a cultura da escola e o convívio com as diferenças, os costumes das famílias

dessa comunidade, bem como o respeito pela cultura dos indígenas. Essas ações repercutiram no funcionamento da administração da instituição, assim como nas práticas de ensino e na formação da identidade cultural dos alunos indígenas e não indígenas no momento em que incorporam hábitos diferentes de sua cultura, desencadeando um movimento dinâmico nas relações interpessoais e culturais entre os sujeitos dentro e fora do ambiente escolar.

Nessa perspectiva Candau (2012) pontua que,

A interculturalidade fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, assim como questiona uma visão essencializada de sua constituição. Potencializa os processos de empoderamento, principalmente de sujeitos e atores inferiorizados e subalternizados, e a construção da autoestima, assim como estimula os processos de construção da autonomia num horizonte de emancipação social, de construção de sociedades onde sejam possíveis relações igualitárias entre diferentes sujeitos e atores socioculturais. (CANDAU, 2012, p, 245).

A autora argumenta que as relações interculturais favorecem a construção da identidade dos sujeitos de uma forma dinâmica fortalecendo-os para o enfrentamento do preconceito, empoderando-os para participar da sociedade com mais autonomia, buscando a igualdade social.

Nessa perspectiva, com vistas à proposta de interculturalidade a escola desenvolve diversos projetos durante todos os bimestres com o objetivo de fortalecer a autonomia dos estudantes, por meio dos diversos conhecimentos desenvolvidos em cada projeto, tais como: Educação para o trânsito, jogo de dama, xadrez, bullying⁷ e outros anteriormente citados. Desse modo, os alunos apresentam teatro, dança, desenhos, balé, mosaico e outras atividades dentro e fora da escola, além de participar de competições com outras escolas conforme as Figuras 55, 56, 57, 58 e 59.

⁷ *Bullying* é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos. Disponível na internet: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

Figura 55 – Teatro sobre o trânsito 2014



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 56 – Projeto não ao Bullying 2015



Fonte: acervo da escola Sullivan.

Figura 57 – Aula de mosaico



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Figura 58 – Competição de dama



Fonte: acervo da escola Sulivan.

Assim, os estudantes indígenas e não indígenas participam e desenvolvem suas habilidades, o espírito competitivo, a dança, a arte e interagem no meio social. Os alunos gostam de participar e sentem orgulho da escola em que estudam além de se sentirem

pertencentes ao grupo e valorizados tanto pela comunidade escolar quanto por outros grupos sociais.

Figura 59 – Torneio de xadrez



Fonte: acervo da escola Sullivan.

3.2 Relatos e memórias

Apresentamos, neste subitem, os sujeitos que participaram da pesquisa por meio dos seus relatos orais. A maioria das entrevistas foi realizada nas residências dos entrevistados, seguindo uma agenda com dia e hora marcados. Os três grupos participantes foram, como já referido: as diretoras, os docentes e os indígenas e todos tiveram satisfação em contribuir com a produção de parte desta dissertação por meio dos relatos de suas memórias sentindo-se bem à vontade e respondendo a todas as perguntas de forma descontraída e tranquila.

Desse modo, apresentamos as perguntas e as respectivas respostas, conforme roteiro indicado nos Apêndices B, C e D. Assim, para facilitar a leitura e compreensão do leitor, bem como preservar a identidade dos entrevistados, estes serão identificados conforme o nome dos grupos mencionados acima acrescidos de um número como, por exemplo, diretora 1, diretora 2 e assim por diante com os demais grupos, porém, sempre fazendo a relação das mesmas perguntas entre os relatos dos participantes do mesmo grupo.

As entrevistas foram realizadas no período de quinze dias, sendo cada dia um entrevistado conforme as datas e horários agendados. Apenas duas professoras pediram para ler as perguntas antes do dia marcado, os demais tiveram acesso às perguntas no momento da entrevista. Houve a necessidade de repetir uma entrevista devido à dificuldade de ouvir a voz

porque o áudio estava muito baixo quando foi feita a gravação. Todas as entrevistas ocorreram de maneira tranquila sem nenhuma interferência, pausa ou corte, os entrevistados preparavam o ambiente com carinho, não tive dificuldades e fui bem recebida por todos.

Antes do deslocamento até a residência dos entrevistados confirmava se poderia realizar a entrevista, caso contrário poderia marcar nova data conforme a disponibilidade dos participantes. Tudo transcorreu de forma agradável e organizada, todos demonstraram boa vontade em contribuir com a pesquisa e em alguns momentos, sentíamos que ficavam orgulhosos em saber que a professora da escola continuava seus estudos. Então, comentavam com os filhos e os demais da casa, “façam silêncio, que a professora vai iniciar as perguntas”. Sempre muito cuidadosos, gentis, ofereciam cafezinho, lanche no final, com muito respeito e carinho.

A entrevista com a Diretora 1 foi tranquila e esclarecedora. Assim, a fim de mapear o percurso do trabalho por meio do tempo desempenhado no exercício de sua função questionamos a direção iniciando com a pergunta a respeito da data de início da sua atuação na escola e como foi a experiência.

Na escola Sullivan foi exatamente dia 25 de julho de 2005, fazia um 1 ano e 4 meses que eu era diretora adjunta da escola Padre José Valentin da rede municipal, quando eu recebi o convite se eu gostaria de ser diretora do Sullivan, eu fui indicada pela diretora anterior E eu aceitei prontamente porque eu já tinha tido a vontade de trabalhar nessa escola no período anterior e foi de bom grado, fiquei muito feliz de ter recebido o convite. Como que iniciou minha atuação na escola? Foi muito aprendizado, um desafio que aceitei porque todo mundo me assustava “a você vai trabalhar numa escola da comunidade indígena é muito difícil...” meu objetivo era estudar conhecer profundamente a história da cultura desse povo, para conseguir fazer um bom trabalho, ter um bom relacionamento com a comunidade. E foi nesse sentido que eu segui os meus 12 anos no Sullivan, sempre procurando entender quais as reais necessidades daquela comunidade, como que eles viam a escola. Porque a escola para eles era referência para tudo, as ações sociais, as festas de comemoração do dia do índio, até vacinação, tudo eles contavam com a escola, a associação dos moradores não tinha sede própria eles usavam a escola também, solicitava a escola para tudo, uma parceria muito bacana e que serviu para a gente ter uma aproximação muito boa entre escola e comunidade. (DIRETORA 1, em 07/08/18).

O relato da Diretora 1 explicita a importância da escola para as ações da comunidade que extrapolam os aspectos vinculados ao ensino formal, constituindo-se para a diretora em uma experiência significativa para compreender a cultura do outro ao tempo em que os laços com a comunidade se fortaleceram nessa convivência de reciprocidade.

Entrevistadora: Para você qual a diferença de uma escola que atende a população indígena urbana em relação à outra que não possui essa demanda?

A preocupação né, o currículo de uma escola, apesar de que eu acho assim, o Sullivan é a única escola em Campo Grande que eu sei até o momento que realmente tem a preocupação de atender a comunidade indígena presente na escola, porque não é porque nós estamos presentes dentro de uma comunidade indígena que nós temos o percentual maior de indígenas, existem escolas municipais e estaduais com número muito maior de aluno indígena e que essas escolas não tem nenhum trabalho voltado para a cultura dos indígenas de valorização, nem a língua nem a dança, nem os costumes. É feito acho que comemoração no dia do índio, como um dia qualquer igual é comemorado o dia da consciência negra, como uma atividade para aquele dia, mais nada, então essa é a grande diferença da escola Sullivan com relação às demais, todas as escolas têm alunos indígenas, só que o olhar diferenciado é que não existe. [...] (DIRETORA 1, em 07/08/18).

O relato dessa gestora nos possibilita compreender que a escola se diferencia no principal aspecto citado acima, o respeito pelas diferenças e a valorização da cultura dos sujeitos que são vivenciadas no cotidiano e não apenas para cumprir o calendário em determinadas datas e depois serem esquecidas e negadas no decorrer do ano. Uma das características dessa instituição é o acolhimento dos sujeitos na sua diferença, constituindo-se em um ambiente inclusivo. Por ser uma escola que se abre para as diferenças culturais, seria ingênuo dizer que não existem conflitos, porém os atores envolvidos no processo educacional trabalham no sentido de conscientizar os estudantes para reflexão do respeito, da aceitação do outro, da amizade, da boa convivência com o objetivo de promover a cultura da paz.

Nesse sentido, Candau (2003, p. 253) salienta sobre o papel da escola no que se refere ao reconhecimento e valorização dos sujeitos socioculturais:

A escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica [...].(CANDAU 2003, p. 253).

A autora ressalta a importância da escola no sentido de sensibilizar e favorecer por meio do diálogo intercultural a construção de novas posturas voltadas para o respeito pelas diferenças culturais e sociais, assim como o enfrentamento de comportamentos preconceituosos e excludentes no meio social.

Nessa direção, analisemos os relatos da diretora 2 referentes à indagação abaixo.

Entrevistadora: Para você qual a diferença de uma escola que atende a população indígena urbana em relação à outra que não possui essa demanda?

Eu acho que todas as escolas trabalham as diferenças culturais, mas na escola Sullivan em especial, pelo histórico que ela apresenta, a diferença é essa, a gente tem

um referencial a mais, não querendo puxar a sardinha para o lado dos indígenas, mas pelo fato de ter duas disciplinas no currículo voltadas para a cultura indígena, a gente trabalha o ano todo e não naquela data pré-estipulada como vem no currículo bimestral que você só vai trabalhar diferenças culturais em determinado período. A gente trabalha a diferença cultural aqui o ano todo. Existe uma cultura, porque criou-se a escola para atender a comunidade indígena, essa aldeia. Então sempre foi prioridade para a escola atender essa comunidade, é como se fosse um ponto de honra. A gente está localizada dentro de uma aldeia indígena urbana e a escola nasceu para atender essa comunidade em especial, depois é que foi abrindo para os bairros adjacentes, o Dalva de Oliveira, o Tiradentes. Então assim, eles são o carro chefe da nossa escola, não que a gente viva em função disso mas eles tem uma parcela, um olhar para eles e não pode deixar passar. Porque na verdade eles estão aqui na nossa porta, então como que não vai trabalhar essa diferença cultural né? E a escola tem um papel principal social que é tirar o preconceito, a nossa verdadeira missão aqui na escola é desmistificar muita coisa, o professor cada vez esclarecido em relação a muitos mitos que existem em relação à cultura indígena. (DIRETORA 2, em 14/08/18).

Diante do relato acima, podemos observar que as duas diretoras mesmo com falas diferentes se posicionam da mesma maneira em relação ao respeito à cultura indígena, ou seja, tem o mesmo foco na diversidade cultural, porém dando maior zoom na cultura indígena da etnia Terena.

Na sequência apresentamos os relatos das duas diretoras em resposta as mesmas perguntas.

Entrevistadora: Durante o seu percurso na escola percebeu qual a importância e o valor dessa instituição na comunidade indígena em que ela está inserida?

Com certeza eles dão uma valorização muito grande para a escola, por conta não só do meu trabalho, mas outras diretoras que também passaram por lá, porque eu fui a quarta diretora, todas que passaram tiveram a sua contribuição, foi muito valiosa e eles reconhecem isso, eles têm a escola como referência para tudo. Para mim foi muito importante, foi um ganho, um período muito feliz, eu conheci muita coisa, valorizei bastante e eles também valorizam até hoje, principalmente a dona Enir que já faleceu. Sempre fui fã dela, me lembro muito o que ela representava para comunidade, as ações dela, eu considerava uma pessoa muito sábia, ela sempre tinha uma palavra para alguém que precisava, aconselhava a comunidade, até a gente, contribuiu muito para escola também, foi uma pessoa muito importante que deixou o seu legado para comunidade indígena, todas as conquistas da comunidade ela estava a frente, a moradia, a escola, o memorial da cultura indígena, tudo foi ela que conquistou para ficar para eles, como valorização mesmo do povo indígena. A escola é o alicerce para os indígenas, onde eles pedem socorro para tudo, seja campanha de saúde, de vacinação, seja da documentação, a feira, o dia do índio eles se sentem muito valorizados. [...] E a questão da cultura dentro da escola no currículo também, nossa isso aí foi, acho que eles começaram a se enxergar melhor e se aceitar e se assumir como índio, porque tinha muito índio que dizia que não era índio quando a escola ia fazer a pesquisa para a matrícula, e perguntava a raça que pertencia, eles não falavam que era índio, apesar de ter toda uma documentação. (DIRETORA 1, em 07/08/18).

Entrevistadora: Durante o seu percurso na escola percebeu qual a importância e o valor dessa

instituição na comunidade indígena em que ela está inserida?

A escola Sullivan tem um papel fundamental, porque na verdade, assim além da parte pedagógica da instrução mesmo, do conteúdo, do currículo, eles valorizam demais a escola, os indígenas dão um valor imenso para escola e eles têm um respeito muito grande pela figura do professor. Eu na verdade, às vezes comento que gostaria de ter a maioria indígena do que outros familiares, porque eles sabem o valor da escola, eles colocam as crianças para frequentar. Os indígenas vem dar satisfação de tudo que acontece com a criança e os encaminhamentos que a gente faz para o psicólogo, psicoterapeuta para o neurologista, qualquer tipo de encaminhamento, eles ouvem a gente com uma paciência e se eles puderem, levam mesmo, diferente de algumas mães que não são indígenas que tem condições mas são negligentes nesse ponto. Eu vejo que é muito bom trabalhar com os indígenas porque são bem responsáveis em relação aos compromissos com as crianças e aos afazeres da escola com a família e tudo mais. (DIRETORA 2, em 14/08/18).

Analisados os dois relatos, apesar das duas convergirem na questão do bom relacionamento com a comunidade local e com as famílias, no aspecto educacional observamos pontos que se diferenciam nos relatos. A primeira, além da parte pedagógica, tem uma visão marcante de educação inclusiva de cunho assistencialista e a segunda mais voltada para a formação intelectual dos sujeitos escolares por meio das práticas pedagógicas e o visual estético da instituição.

Entrevistadora: De que forma a escola contribui com essa comunidade?

Primeiramente a parte pedagógica para os alunos, a escolaridade aí a grande contribuição diferencial é a questão da cultura, que a criança que nasceu aqui, ela na verdade passa a conhecer a sua cultura por meio da escola, porque a criança não esta vivendo lá na aldeia, ela vai às vezes passear, visitar um parente, eles tem o hábito de ir em festas religiosas que eles vão para aldeia, então assim não é aquela vivência do dia a dia e aqui não, aqui a criança interage na escola com a cultura e acaba sendo uma grande contribuição. (DIRETORA 1, em 07/08/18).

A entrevistada se refere aos conhecimentos adquiridos nas disciplinas de Arte Cultura e Língua Terena que possibilitam aos estudantes indígenas conviver diariamente com alguns aspectos da sua cultura. Principalmente as crianças que não têm muito contato com a aldeia e acabam desconhecendo os códigos culturais de seus antepassados.

Entrevistadora: De que forma a escola contribui com essa comunidade?

Na verdade assim, a gente procura trabalhar com as crianças e com os pais em parceria e não tem como ser diferente. Quanto às crianças a gente procura munir eles de informação de forma que eles não sintam vergonha da cultura a qual eles pertencem, e com os pais também. Porque os pais precisam às vezes de esclarecimento, àquele pai que é mais novo, aquela mãe que é mais nova que já está inserida no comércio, já trabalha fica mais fácil, o problema são as senhoras mais de idade ou as avós porque eles são criadas de forma diferente e não entendem como a escola funciona então a gente chama esses pais, essas avós e instruímos como elas

podem orientar as crianças em casa, que precisa ter horário, que o dia tem que ser dividido em rotina, não pode deixar livre, então essas questões a gente passa para a família, e elas acabam acatando. Porque os indígenas valorizam a escola e ouvem bastante a gente. (DIRETORA 2, em 14/08/18).

Nessas respostas as duas entrevistadas evidenciam a preocupação com a valorização da cultura dos povos indígenas, assim como o enfrentamento dos desafios para que houvesse mudanças conceituais e comportamentais dos atores envolvidos. Nesse contexto, voltamos o olhar para as diferenças culturais dos povos indígenas, com foco na etnia Terena por ser maioria na aldeia urbana. Nessa perspectiva, buscamos a luz dos estudos de Laraia (2001) compreender a diferença cultural. Neste caso o autor pontua:

[...] Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2001, p.52).

O autor afirma que entender, conviver e aceitar as diferenças culturais dos sujeitos é uma maneira de construir ambientes e sociedades mais plurais e menos preconceituosas. Observa também que as mudanças culturais da humanidade acontecem em um processo dinâmico nos diferentes contextos sociais.

No prosseguimento aos relatos dos entrevistados, apresentamos as memórias das professoras lotadas na escola que são identificadas pelo nome do grupo, docente e pela sequência numérica. Exemplo: docente1, docente 2 e docente 3. Os relatos serão em blocos de perguntas e respostas. Desse modo, iniciamos os relatos pelo docente 1 e assim sucessivamente.

Entrevistadora: Relate quando e como iniciou a sua atuação nessa escola?

Quando assumi o concurso em 2008 a escola Sullivan era a mais próxima da minha casa. Só que eu não consegui sala de aula no Sullivan. Por ser perto da minha casa seria tudo mais fácil. Consegui sala de aula no Sullivan só em 2009, aí fiquei lá, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, nove anos no Sullivan. (DOCENTE 1, em 08/08/18).

Eu comecei no dia 23 de fevereiro do concurso né? Passei no concurso, fui chamada e assumi dia 23 de fevereiro de 2018. Como já fazia muito tempo que eu estava fora de sala de aula, então a adaptação com os alunos não foi muito fácil. Eu peguei uma sala que já tinha começado o ano letivo, então os alunos já estavam adaptados com a outra professora. Eu cheguei na metade do bimestre, então até me adaptar com os alunos, mas foi bem tranquilo. Tive todo apoio da coordenação, de fazer o planejamento, eles já estavam bem avançados no pedagógico já estavam lendo a

maioria. Então não tive dificuldade. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Entrevistadora: Qual (is) a(s) diferença(s) de uma escola que atende a população indígena urbana em relação à outra que não possui essa demanda?

Bom, eu trabalhei 35 anos no Colégio Maria Auxiliadora como professora de Língua Portuguesa, aí trabalhei no estado e no concurso da Prefeitura eu acabei ficando na escola Sullivan e eu gostei muito dessa população indígena porque são alunos assim bem disciplinados, os pais são responsáveis e eu gostei muito de trabalhar com essa turma Terena com essa etnia terena. (DOCENTE 1, em 08/08/18).

Vejo que a diferença maior é ter um currículo adaptado né? Um currículo diferente das demais escolas. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Eu tenho na minha sala, 5 (cinco) alunos indígenas, tem alguns indígenas que estão bem adaptados, porque é uma área urbana, então não tive tanto problema com eles assim. A gente percebe que eles são mais quietos, não se expõem muito, então, os quatro estão lendo, também tem aluno que às vezes falam um pouquinho da língua Terena na sala de aula, agora eu tenho uma indígena que veio da aldeia e não estava adaptada na escola, então ela tem bastante dificuldade na comunicação, os pais falam a língua Terena, ela também acaba falando na sala, na realidade ela não se comunicava antes, nem com os alunos nem com a professora, agora que ela está se abrindo mais, tentando essa comunicação maior. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Entrevistadora: Nas suas memórias, qual ou quais os fatos que ocorreram que ficaram marcados no cotidiano escolar ou na comunidade Marçal de Souza?

Bem, uma coisa muito importante que eu fiz com muito carinho foi em 2015 na festa do índio que a Dona Enir da Silva Bezerra que era cacique na época, nós eu e minha turma do 5º ano fizemos uma homenagem para ela pelo seu aniversário né? Aí, para ela, foi muito importante porque a escola toda interagiu, ela participava nas salas de aulas das professoras falando da vida dela, cada sala contribuiu com alguma coisa do indígena e isso é muito bom, e nós na minha sala de quinto ano fizemos uma parceria com os Correios para que fizéssemos o selo da cacique. As crianças animaram esse trabalho, as crianças colaboraram, escrevendo cartinhas para ela e foi muito bom [...] Foi muito bom conhecer mais de perto a etnia Terena a função dela como cacique, uma pessoa muito respeitada pela comunidade e lançou-se então o selo da cacique. Isso me marcou muito na escola [...]. (DOCENTE 1, em 08/08/18).

O fato que é bem marcante na escola é a feira cultural indígena que tem todos os anos, esse trabalho de valorização da cultura que quando a gente começou entrou no currículo essas disciplinas, consegui sentir as diferenças da aceitação das crianças indígenas delas se declararem indígenas, que era algo que não vinha acontecendo antes e o trabalho em conjunto da escola toda. (DOCENTE 3, em 10/08/18).

Agora nesse período que eu comecei na escola... Eu acabei começando no trabalho a pesquisar mais essa questão indígena, como eu nunca tinha trabalhado com a população indígena, a gente tenta pesquisar mais para conseguir até uma comunicação maior [...] Eu sinto essa dificuldade deles na comunicação. Eles ficam

muito quietos então eu vejo essa dificuldade ainda com a comunicação com eles. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Entrevistadora: Como docente quais os desafios para ensinar em sala de aula com uma diversidade étnico cultural, com crianças indígena/não indígena, várias realidades, necessidades. Você teve alguma dificuldade nas suas práticas de ensino? Se houve, Quais?

Não porque o professor vive no desafio né? Cada dia é um dia para você ensinar, o professor tem que ser estudioso, pesquisador, não tive nenhuma dificuldade com os alunos indígenas, porque eles são muito bons, disciplinados, então houve uma receptividade muito boa com as crianças e com os pais dos alunos, não tive dificuldade, inclusive gostei muito de trabalhar com essa turma. (DOCENTE 1, em 08/08/18).

Eu acho que o desafio é você valorizar essa cultura, eles não se sentem inferior aos demais e dentro da sala que eles entendam que são todos iguais e ao mesmo tempo são diferentes, porque são diferentes. Eu não encontrei dificuldade. A única dificuldade é de a gente encontrar material nessa área da educação indígena que tem pouco material, porque quando a gente quer aprofundar um tema, falta um pouco de fundamentação teórica para o professor para a gente não ficar trabalhando em cima de achismo e sim de pesquisas. (DOCENTE 3, em 10/08/18).

Eu percebo que a população não indígena, como tem essa diversidade dentro da sala de aula, as crianças brancas, elas têm certo preconceito com os indígenas, a gente tem que sempre estar trabalhando isso com os alunos [...] então eu percebo esse preconceito. A gente tem que estar sempre trabalhando essa diversidade para não gerar esse preconceito dentro da sala de aula [...]. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Entrevistadora: No início, como foram as relações sociais com as famílias dos estudantes da comunidade Marçal de Souza? Teve dificuldades? E como é atualmente?

Nenhuma dificuldade, eu sou uma pessoa que gosto de conversar, interagir com as pessoas, então interagia muito bem com os pais dos alunos e com os avós também que eu acabei fazendo outro projeto lá, relações intergeracional com os avós das crianças, inclusive a dona Enir participou desse projeto meu na escola. Então eu gosto muito, fiz muita amizade na escola e dentro da comunidade com o pessoal indígena. (DOCENTE 1, em 08/08/18).

Eu sinto as relações com a família, há horas [...] que falta essa cobrança deles virem a escola, deles acompanharem uma tarefa, acompanharem o horário, não é cem por cento mais sempre tem. E eu sinto essa falta deles estarem mais presentes, quando a gente tem que chamar, mas às vezes os indígenas têm dificuldade de entender quando a gente precisa encaminhar o aluno, quando a gente ver que tem alguma necessidade especial, eles resistem, são resistentes mesmo nesse encaminhamento. [...]. (DOCENTE 3, em 10/07/18).

Tem algumas famílias que a gente não consegue ter muito acesso, principalmente na sala de aula, não traz o material, não tem organização com os cadernos, os livros, até essa menina especificamente que a gente está falando sempre, ela não traz material,

não traz caderno, não traz nada e a gente tenta a comunicação, faz os pais virem, na escola também é muito difícil eles participarem, então eu sinto bastante dificuldade com alguns alunos para gente ter um contato maior com essas famílias. (DOCENTE 2, em 09/08/18).

Ao analisarmos os relatos do grupo de docentes percebemos que as professoras divergem em relação aos conceitos e ao conhecimento em relação aos povos indígenas, diferenciando-se também nas suas práticas pedagógicas e nas relações sociais com as famílias. No entanto, as duas professoras convergem no sentido de que os professores precisam se qualificar, buscar conhecimentos principalmente em relação à cultura indígena. Percebe-se nas falas dos docentes as dificuldades enfrentadas nas práticas de ensino e aprendizagem de maneira que sejam capazes de compreender essa diversidade cultural, principalmente a professora com menos tempo de docência que demonstra no seu relato pouco conhecimento referente a cultura indígena e com isso, insegurança didática na sala de aula. O que não acontece com as professoras com mais tempo de docência.

Nessa perspectiva, Vieira (2015, p. 184) nos mostra a seguinte proposição: [...] Essa prática do professor que circula dentro de um padrão de poder e, de alguma forma, associa uma certa classificação às culturas, apenas reforça a dificuldade que muitos docentes possuem em perceber o outro, principalmente quando esse outro se encontra na fronteira da exclusão”. Nessa reflexão, o autor problematiza a questão da falta de conhecimento dos docentes em relação à cultura dos povos indígenas na sua formação acadêmica, levando-os a exercer, em determinados grupos étnicos, posturas e práticas pedagógicas excludentes.

Vejamos a seguir como essas questões são concebidas pelos moradores da comunidade indígena Marçal de Souza em seus relatos. Esse grupo é denominado de indígena, dessa maneira os participantes são identificados como, indígena 1, indígena 2 e indígena 3.

Entrevistadora: Fale um pouco de você: onde nasceu, se morava na aldeia, nível de escolaridade, quantos filhos ou netos, desde quando você reside na Aldeia Urbana Marçal de Souza?

Nasci em Campo Grande mesmo, nunca morei na aldeia. Tenho o ensino médio incompleto. Tenho três filhos. Resido na aldeia desde 2010. (INDÍGENA 1, em 12/08/18).

Eu cheguei no Marçal em 98, para morar, porque em 95 começou a luta pela moradia no Marçal de Souza que até então era Desbarrancado, mas eu vim para morar em 98. (INDÍGENA 2, em 11/08/18).

Eu nasci em Campo Grande, minha mãe e meus avôs vieram da aldeia para Campo Grande em busca de melhor qualidade de vida na época. Morei no bairro Monte Castelo e Alves Pereira até o surgimento da Aldeia Urbana Marçal de Souza. Então eu vim para cá tinha meus 12 (doze) anos [...]. (INDÍGENA 2, em 11/08/18).

Entrevistadora: Nas suas memórias, qual ou quais os fatos que ocorreram que ficaram marcados na sua mente referente a história dessa escola?

O que ficou marcada foi a receptividade da escola com os alunos, principalmente em relação ao meu filho, isso para mim foi muito positivo. Ele se manteve na escola foi bastante receptivo, foi bom e isso fez com que abrisse mais portas para ele ser mantido na escola, isso foi um fato que marcou muito, porque todos aceitaram meu filho, foram muito carinhosos e fizeram de tudo para que ele continuasse na escola. (INDÍGENA 1, em 12/08/18).

Essa moradora ficou muito emocionada durante a entrevista, demonstrou um sentimento de muita gratidão pela escola. Os três filhos dela estudaram na escola e um era especial, tinha deficiência física e cerebral. Saíram porque já tinham concluído o quinto ano e foram para outra escola.

Nesse sentido, Vieira (2015, p. 192), corrobora salientando que: [...] para os indígenas urbanos Terena de Campo Grande/MS e de outras localidades, a escola tem um prestígio social muito grande. [...]. O autor discute alguns pontos característicos da cultura da etnia Terena que, diferente de outros grupos étnicos, incorporam com mais facilidade elementos de outras culturas e a escola tem um papel primordial para fazer a ponte entre os conhecimentos diversos.

A inauguração, eu vejo as fotos da inauguração [...] naquela época eu não tinha a dimensão da importância que era aquele dia da inauguração sabe, isso foi uma das coisas bem marcantes que aconteceu e que eu me lembro, e depois as feiras, eu acho muito importante a escola todo ano ter a feira cultural indígena, eu acho que é uma afirmação concreta da cultura, da identidade indígena. (INDÍGENA 2, em 11/08/18).

O sentimento de orgulho pela cultura do povo indígena e pela escola está embutida nesse relato da Indígena 2. Os moradores da comunidade esperam todos os anos pela Feira Indígena Cultural que para eles é um grande evento, afinal nesse dia eles revivem suas memórias, seus rituais e tradições, além de apresentar a sua cultura para os que não conhecem e a comunidade escolar faz essa ponte entre os sujeitos das diferentes culturas ali presentes.

Eu tenho registro do Sullivan após a criação da aldeia, onde vieram os desaldeados e em 95, 96 a escola Sullivan era um anexo da escola Oliva Enciso [...] Então aí já começou ficar marcado na nossa mente, eu não cheguei a estudar. Lembrança é do

anexo, foi o que ficou marcado [...]. (INDÍGENA 3, em 13/08/18).

Entrevistadora: Conforme as suas memórias, relate como ocorreu o processo de criação da escola, pessoas que estiveram na liderança para conseguir a efetivação da escola, houve muitas lutas? Você teve alguma participação?

Não tive, porque quando cheguei aqui à aldeia já estava formada. (INDÍGENA 1 em 13/08/18).

Sim, a luta maior foi [...] que ela tivesse inserido a Arte a Cultura e a Língua Terena desde o início, a gente acredita como morador e comunidade que os nossos filhos têm que estar preparados para o mundo atual, sem deixar de ser índio, sem deixar de conhecer a nossa dança, nossa língua, tradição, costumes. E a escola é a grande responsável por isso, então houve a luta nesse sentido, para convencer o prefeito que não tinha esse conhecimento e a secretária de educação da época, foi um desafio, a sorte é que eles aceitaram e fizeram. [...]. (INDÍGENA 2, em 11/08/18).

A escola foi um sonho, um projeto que veio de encontro com a realidade que nós precisávamos para nossa comunidade que veio para cidade em busca de melhorias de ensino e qualidade de vida [...]. (INDÍGENA 3, em 13/08/18).

Entrevistadora: Voltando ao tempo do início até os dias atuais. Em sua opinião, como você avalia o percurso histórico dessa instituição de ensino, houve avanços, melhorias, retrocessos?

Eu acho que ela avançou, os meus filhos estudaram lá os três, e eu acho que muito educativo para eles, eles estão evoluindo não estão estudando nessa escola mais. Estão em outra escola e lá os professores disseram que eles estão muito bem alfabetizados, muito bem assistidos, eu acho que a escola evoluiu sim, está bem. (INDÍGENA 1, em 12/08/18).

Então, avançou, andou, melhorou, ainda bem, sabe eu vejo que ainda bem [...].(INDÍGENA 2, em 11/08/18).

A escola veio para consolidar o ensino, para proporcionar a possibilidade de nossos filhos estudar e não só dos nossos mas também de outras comunidades. Hoje eu tenho dois pontos de vistas, nós avançamos para a manutenção da nossa língua, essa foi a diferença das outras escolas municipais, mas estacionamos [...] só que do pré ao quinto ano, o você vê no pré você vê no quinto na questão cultura indígena na questão Língua Terena. Foi um diferencial no início, se mantêm 20 anos depois só que sem nenhum avanço [...]. Teve retrocesso não? Não tivemos, teve avanços? Também não tivemos, então estamos no mesmo patamar. (INDÍGENA 3, em 13/08/18).

Essa avaliação feita pelo entrevistado se refere especificamente ao ensino das

disciplinas de Arte e Cultura Indígena e Língua Terena, que em sua opinião a escola tem vinte (20) anos de funcionamentos e ainda não existe um referencial curricular para os conteúdos a serem ministrados nas referidas disciplinas. Para ele, nesse sentido não houve avanços.

Entrevistadora: De que forma a escola contribui com a comunidade? Qual o seu sentimento em relação à escola Sulivan? Gostaria de deixar uma mensagem para escola?

A escola contribui com a comunidade, eu acho que é essa coisa de eles irem para escola mesmo né? A comunidade participar da escola pelas crianças, pelos pais, no início não tinha muita participação depois cresceu muito a participação dos pais no crescimento da escola. O meu sentimento é bom, conheci pessoas tão boas que eu carrego até hoje, o acolhimento, como já falei para você com as crianças principalmente do Henzo foi assim, muito bom. A mensagem é dizer que foi uma experiência boa, foi lá que eles se alfabetizaram, foi lá que eles começaram a estudar, foi muito bom, muito bom mesmo e que a escola continue do mesmo jeito que está, e crescendo e melhorando cada vez mais. (INDÍGENA 1, em 12/08/18).

Ela contribui [...] fazendo com que os seus alunos aprendam, conservem e mantenham a sua cultura, a sua língua, e a escola não é só para os indígenas. Então quem não conhece a cultura terena que aprendam e quem conhece que a preserve [...].(INDÍGENA 3, em 13/08/18).

Então, contribui na valorização, na transmissão de conhecimento primeiro, na primeira ideia de função de escola e em segundo nessa valorização da arte cultura e da Língua, porque em casa a gente não dá conta de fazer sozinha, e a escola é muito importante na nossa vida, na família indígena, você acredita, uma experiência disso, a minha filha quando saiu de lá, estudou até o quinto ano lá, ela não sabia cantar o Hino de Campo Grande em português, porque no Sulivan cantava na Língua Terena, então assim, é errado? não é, porque no mundo ela saindo do Sulivan ela vai ter o resto da vida dela para ouvir o Hino de Campo Grande na Língua Portuguesa, mas aqueles cinco anos que ela ficou ali marcou, e isso não é só dela não, eu já ouvi relatos de vários alunos, então além do português e da matemática e outras matérias fazer o papel dela, esse específico da Língua Terena também faz, então ela é muito importante para manter a cultura indígena [...]. (INDÍGENA 2, em 11/08/18).

Diante dos relatos dos moradores, vemos a importância dessa unidade de ensino para a comunidade Marçal de Souza e seu entorno, bem como o papel socializador desempenhado por esta instituição. Dessa maneira, os pais e responsáveis pelos alunos criam em torno dela muitas expectativas, colocando-a como um referencial para afirmação de identidades e preservação da cultura dos indígenas e da sua Língua materna. Assim é possível evidenciarmos que a escola para a comunidade representa uma vitória, uma conquista de um povo com muitos anseios e sonhos, porém ainda inferiorizado na sociedade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa fica um sentimento bom por ter concluído uma etapa de estudos. Porém, devido o curto tempo de realização, também fica a sensação de que poderia ter pesquisado mais, fazer melhor. No entanto, a criticidade é o desejo de avançar sempre mais, faz parte do comportamento da maioria dos pesquisadores, por isso é compreensiva essa inquietude. De outra forma, sabemos que o conhecimento não é estanque, conseqüentemente a pesquisa também. A escola Sullivan como objeto de estudo é um campo fértil porque favorece muitas possibilidades de investigação, principalmente no que se refere à área da história das instituições escolares. Sendo assim, a satisfação é pensar que esse estudo também poderá contribuir para abrir novas janelas para futuras pesquisas com diferentes olhares, numa outra perspectiva, outras temáticas abarcando diversas áreas do conhecimento.

Portanto, para finalizar e dar retorno para escola, será construído um acervo digital com base nos registros coletados na pesquisa referente ao processo histórico da unidade de ensino com o objetivo de preservar a memória da instituição e da comunidade em que ela está inserida. E após o término será apresentado para a comunidade escolar e divulgado para a comunidade local para que conheçam a história da escola e no futuro sirva de material para dar subsídios a pesquisas acadêmicas e para conhecimento dos estudantes.

Para elaborar essa dissertação foi consultado um número significativo de partes de referências bibliográficas, pesquisas referentes a antropologia, a história das instituições escolares, porém os mergulhos com mais profundidade foram nos estudos dos autores que tratam da temática dos povos indígenas em especial a etnia Terena no contexto histórico, fazendo um recorte temporal e espacial.

Apesar de o objeto investigado ser a história da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”, por conta da origem da instituição, conhecimentos mais apurados sobre os indígenas se fizeram necessários, bem como os sujeitos que estão inseridos naquele contexto e que fazem parte do processo de criação da instituição.

Portanto, para compreender a dimensão histórica da escola pesquisada antes foi necessário estudar a cultura na qual ela está mergulhada, ou seja, a cultura indígena. Sendo assim, durante o período de leitura e da escrita da dissertação, assim como na realização das entrevistas nos possibilitou fazer um passeio e adentrar um pouco mais na cultura indígena.

Esse aprofundamento se fez necessário para que pudéssemos compreender e contextualizar o processo histórico dessa unidade de ensino que não pode ser vista isolada dos

sujeitos que fizeram parte da sua origem, bem como os moradores da aldeia indígena urbana Marçal de Souza onde, desde o início, predominam as relações de poder com a comunidade escolar.

De outro modo, foram poucas as pesquisas referentes à história das instituições escolares indígenas, em específico na área urbana, o que ocasionou pouco diálogo com autores dessa temática, sendo em alguns momentos um monólogo.

A escola Sullivan se diferencia das demais escolas públicas municipais por alguns aspectos. O primeiro aspecto foi a luta, o calor, o suor de um povo que durante muitas décadas da história desse país, não teve voz, foi subalternizado e sua cultura inferiorizada no meio social. Com esse desenho, essa instituição tornou-se um símbolo de conquista e vitória resultante da força e união dos indígenas Terena, juntamente com suas lideranças, principalmente a cacique Enir. O segundo aspecto que diferencia essa instituição é o currículo diferenciado das demais escolas do município que também atendem alunos indígenas. A Escola Sullivan é pública, no entanto, a sua Matriz curricular foi elaborada pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED na parte diversificada, atendendo as reivindicações feitas pela comunidade indígena urbana Marçal de Souza com o apoio das gestoras.

Dessa forma, a escola foi apresentada e descrita pelo viés histórico e cultural sem parada em análise das práticas pedagógicas e de índice de aprendizagem do alunado. O foco se manteve na origem, na criação da instituição e nas relações sociais que se estabelecem entre a comunidade, os atores da educação (docentes e administrativos), os sujeitos em processo (estudantes) e a cultura que permeia o ambiente escolar. Dessa maneira, o estudo permitiu compreender essa unidade de ensino e suas nuances culturais como única, singular tendo a sua maneira própria de se ver e viver o cotidiano escolar. Por se tratar de um espaço de educação pautado no respeito pela diversidade cultural e social, além de favorecer um ambiente inclusivo e acolhedor, incentivando a disseminação do respeito e aceitação das diferenças culturais e sociais, contribuindo para a formação de cidadãos capazes de construir sociedades menos discriminatórias, preconceituosas em sua relação com a comunidade e com outros grupos étnicos. Assim, a escola por si já se diferencia se considerarmos a maneira como aconteceu a sua implantação, a formação cultural em que os estudantes indígenas e não indígenas convivem com seus pares, mas também com outras culturas, conhecimentos diversos e saberes plurais.

Desse modo, em resposta as indagações geradoras desse estudo, qual seja: em que circunstâncias se deram a constituição e o processo histórico da instituição escolar? Considerando as pesquisas e os dados analisados, nossas reflexões se voltam para a história

da origem dessa instituição que foi de muita luta, tensões, reivindicações e estratégias políticas por parte da comunidade e lideranças para tornar realidade a posse da área que pertencia à FUNAI, onde prevaleceu a união dos indígenas para conquistar em definitivo a área pretendida para a construção de suas moradias e na sequência a construção da escola e do Memorial da Cultura Indígena, tornando-se um local de referência para a comunidade local e um espaço de encontro para a manutenção da memória cultural dos povos indígenas.

Nessa direção, no decorrer da realização das entrevistas com o grupo dos indígenas que residem na Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, tivemos a oportunidade de fazer muitas leituras minuciosas que não cabem neste trabalho. No entanto, obtivemos resposta para a segunda indagação: qual a importância da escola para a comunidade indígena?

Com base nos relatos dos entrevistados, de muita importância para as famílias da comunidade e para os estudantes que se sentem pertencentes aquele grupo. Assim, para que uma educação de qualidade se efetive existe a relação de parceria do corpo docente, discente e administrativos numa condição de aprendizagem dessa maneira ambos se beneficiam. De um lado, a escola oferece conhecimento sistematizado e por outro lado aprende a respeito da cultura indígena, principalmente da etnia Terena.

Assim, os indígenas têm a Escola Municipal Sullivan Silvestre de Oliveira – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” como ponto de apoio para formação, afirmação e ressignificação de sua identidade cultural. Desse modo, as relações estabelecidas entre a comunidade escolar e local são de reciprocidade, respeito, carinho e valorização de ambas as partes, fato que se tornou mais evidente durante a realização das entrevistas com os moradores indígenas da aldeia.

Diante dos surpreendentes relatos referentes a importância da escola para a comunidade, em que foram unânimes, as respostas todas vieram recheadas de palavras de gratidão e carinho. Todos esses aspectos nos fizeram refletir sobre a relevância da escola para esses povos, bem como compreender as relações sociais que se estabelecem naquele contexto e a formação do desenho cultural dessa instituição no imaginário dos sujeitos.

Por fim, de que maneira os estudantes indígenas vivenciam o cotidiano escolar? De maneira geral os estudantes indígenas convivem de uma forma harmoniosa em relação ao comportamento e silenciando para aceitação do novo. No entanto, em relação à construção do conhecimento, passam pelo enfrentamento de tensões e conflitos internos referentes às culturas, aos hábitos e aos costumes dos não indígenas, principalmente os alunos que vêm das aldeias estudar na escola urbana no período de alfabetização em que pensam na língua materna (Língua Terena) e tem que se expressar na Língua Portuguesa, além de conviver com

valores e códigos diferentes da sua cultura. Desse modo, são bilíngues tendo que agregar novos hábitos, conhecimentos e ressignificar seus valores culturais.

Nesse sentido, torna-se perceptível no cotidiano escolar a diferença da educação familiar recebida pelas crianças indígenas das não indígenas. Esses aspectos requerem o entendimento e reflexão dos atores envolvidos no processo educacional em relação ao respeito às diferenças étnico-raciais, culturais e aos saberes que permeiam o contexto escolar, buscando qualificação, formação profissional capaz de desmistificar conceitos e práticas inadequadas. Assim, a escola se abre para a comunidade contribuindo para manter e circular novos saberes e outros modos culturais dos povos que adentram esse espaço de ensino e aprendizagem. Que Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” seja uma realidade e uma certeza para as crianças e jovens dessa comunidade!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro. FGV. 2013.

AZANHA, Gilberto. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, jul. 2005.

BUFFA, Ester. A questão das fontes de investigação em História da Educação. Série Estudos. **Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande, MS, n. 12, p. 79-86, jul/dez. 2001.

_____, Ester; NOSELLA, Paulo As Pesquisas sobre instituições escolares: o método Dialético marxista de Investigação. **ECCOS – Revista Científica do Centro Universitário Nove de Julho**, São Paulo, v 7, n.2,p.351-368, jul./dez. 2005.

BURKE, Peter. **História da História – Novas Perspectivas**. São Paulo. UNESP, 2011.

BRASIL. **Lei 601, de 18 de setembro de 1850**. Dispõe sobre as terras devolutas do império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm. Acesso em 10jul de 2018.

_____. **Decreto 1318 de 30 de janeiro de 1854**. Manda executar a Lei nº 601, de 18 de Setembro de 1850. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/dim1318.htm>. Acesso em 10 de julho de 2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

_____. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 1.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011, p. 101-126.

_____. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 802-820, set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143455>. Acesso em: 01 out. 2018.

_____. Didática e multiculturalismo: uma aproximação. In: LISITA, V. M. & SOUSA, L. F. **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. XI Endipe. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos do índio, ensaios e documentos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

ESCOLA MUNICIPAL SULIVAN SILVESTRE DE OLIVEIRA TUMUNE KALIVONO CRIANÇA DO FUTURO. **Projeto Político Pedagógico**. Campo Grande MS, 1999-2015.

FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo. Cortez. 1991.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. Disponível em www.funai.gov.br/index.php/nossas.../povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato. Acesso em 12 de abril de 2018.

GATTI Júnior, Décio. (organizadores) **Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002. (Coleção memória da educação)

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; MONTE, Nietta Linderberg (coord.). **Referenciais para a formação de professores indígenas**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental – SEF/MEC, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE – Disponível em <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em 12 de abril de 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro/RJ. Jorge Zahar. Ed. 2001.

LIMA, Eliane Gonçalves de. **A pedagogia Terena e a criança do PIN Nioaque: as relações entre família, comunidade e escola**. Dissertação (mestrado). UCDB, 2008.

LE GOFF, J. O imaginário medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. [original: 1985]. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, 2º sem. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LUIS, Aracy Lopes da Silva, GRUPIONI, Donizete Benzi. (Org.). **A temática Indígena na Escola**. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Mari - Grupo de Educação Indígena/USP Cidade Universitária - Butantã ,São Paulo, 1995.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo, 2007.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. **As estratégias de inserção dos índios Terena: da aldeia ao espaço urbano (1990-2005)**. Tese Doutorado em História. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2006.

_____. Questões indígenas em contextos urbanos: outros olhares, novas perspectivas em semoventes fronteiras. **História Unisinos**, São Leopoldo, n. 15, v. 2, p. 206-215, maio/ago. 2011.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As Pesquisas Sobre Instituições Escolares: Balanço Crítico. **Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares**, UNICAMP, São Paulo. Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Paolo_Nosella_artigo.pdf> Acesso: 08/12/2017.

_____. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. (Biblioteca básica), p. 163 – 198.

SILVA, Marcela Guarizo. **Presença de crianças indígenas em escolas municipais não indígenas de Dourados-MS: a educação na perspectiva intercultural**. Dissertação Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS, 2013.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: **Antropologia, história e educação**. São Paulo: Global, 2001.

THERRIEN, Silva Maria Nóbrega. JAQUES, Therrien. Trabalhos Científicos e o Estado da Questão: reflexões técnicas-metodológicas, **Estudos em avaliação educacional**, v.15, n.30, jul.dez./2004.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **Abordagens interculturais**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2008.

URQUIZA, Antônio H. Aguilera et al. (Org.). **Conhecendo os povos indígenas no Brasil Contemporâneo**. Módulo 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

URQUIZA, Antônio Hilário; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Educação escolar e os índios urbanos de Campo Grande/MS: considerações preliminares sobre as práticas de ensino nas escolas. In: **Anais Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – Endipe 16**, Campinas, 2012.

_____. URQUIZA, Antônio H. Aguilera. (Org.). **Culturas e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande/MS, Ed. UFMS, 2013.

_____. **Antropologia e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**. (Org.). Campo Grande/MS, Ed. UFMS, 2016.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira; CASTRO, Íara Quelho de. História e Memórias Reacendidas. **Outros Tempos**, vol. 12, n. 20, 2015 p. 143-157

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **A criança indígena urbana e as escolas municipais de Campo Grande/MS: uma cartografia preliminar da questão**. Artigo apresentado a Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, MS, 2011.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande/MS: identidades e diferenças.** Tese Doutorado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Para os grupos: docentes, diretoras e indígenas.

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017) voluntariamente, sob a responsabilidade da pesquisadora Renata Leny Costa de Oliveira, a qual pretende descrever e analisar como se deu a constituição, o processo histórico e a vida escolar da Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira localizada na Aldeia urbana Marçal de Souza em Campo Grande, MS.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de roteiro de entrevista semiestruturada gravada em áudio. Se o (a) Sr (a) aceitar participar, contribuirá para a geração de conhecimentos para a comunidade escolar e seu entorno através dos registros e dados obtidos nessa pesquisa.

Para participar da pesquisa, o (a) senhor (a): participará de um roteiro de entrevistas semiestruturada gravada em áudio para posterior transcrição. Os dados se constituirão em um acervo que poderá ser fonte de pesquisa para os sujeitos da comunidade escolar e comunidade local.

As entrevistas serão realizadas em sua própria residência para poupá-lo (a) de possíveis desconfortos decorrentes do deslocamento. Durante essa etapa, o (a) senhor (a) terá toda liberdade e flexibilidade para responder as perguntas da entrevista.

Em qualquer etapa de desenvolvimento do protocolo, o (a) Sr (a) terá acesso à pesquisadora e à coordenadora da pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A orientadora do protocolo de pesquisa é a Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira, que pode ser encontrada pelo telefone (67) 9 8208-2104.

Os órgãos responsáveis pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo são o Comitê de Ética com Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (CESH-UEMS) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (CESH/UEMS). Endereço: Cidade Universitária de Dourados – Rodovia Dourados Itanhum – Km 12 - Caixa Postal: 351. Bairro: Cidade Universitária. CEP: 79.804-970 – Dourados - MS, Brasil. Horário de atendimento das 08h às 14h. Telefone (67) 3902-2699 e e-mail cesh@uems.br

A COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP) é um órgão vinculado ao Ministério da Saúde, tem como principal atribuição o exame dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos. Como missão, elabora e atualiza as diretrizes e normas para a proteção dos sujeitos de pesquisa e coordena a rede de Comitês de Ética em Pesquisa das instituições, possui como fundamento o controle social e o foco na segurança, proteção e garantia dos direitos dos participantes de pesquisa. Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte – Edifício PO 700, 3º andar. Bairro: Asa Norte, CEP: 70.719-049 – BRASÍLIA – DF. Horário de atendimento: 08h às 18h. Horário de atendimento “on line”: 08h às 20h. Telefone: (61) 3315-5878 E-mail: conep@saude.gov.br

- 1. Garantia de liberdade:** É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.
- 2. Garantia de confidencialidade:** Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos descritos serão analisados conforme a metodologia da pesquisa exploratória, sem identificação dos sujeitos participantes.
- 3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa:** É direito dos sujeitos participantes e dever da pesquisadora mantê-lo informado sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.
- 4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações:** Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional, esta será integralmente absorvida pelo orçamento do estudo.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

5. Garantia científica relativa ao trabalho com os dados obtidos: Há garantia incondicional quanto à preservação exclusiva da finalidade científica do manuseio dos dados obtidos. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e orientações do CEP/CONEP e com o fim deste prazo, será descartado.

6. Garantia de entrega de 01 (uma) cópia do exemplar do trabalho: após a finalização da pesquisa e apresentação para a Banca Examinadora, a pesquisadora entregará 01 (um) exemplar do trabalho para o acervo da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, MS.

7. Riscos: O risco resulta da apreciação do procedimento metodológico e do potencial de causar danos maiores ao participante do que os existentes na vida cotidiana, em consonância com o caráter processual e dialogal dessa pesquisa conforme Resolução CNS 510 de 2016 cap. IV, Art. 18. Essas situações serão amplamente esclarecidas pela pesquisadora ao (a) participante da entrevista na medida de sua compreensão sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o possível incômodo dela resultante, respeitando-os em suas singularidades. A identidade dos participantes será mantida em sigilo de forma que sejam minimizados e evitados eventuais desconfortos. A coleta de dados será realizada em um local com data e horário marcado pelo (a) entrevistado (a) conforme a sua disponibilidade.

8. Benefícios: Os benefícios da presente pesquisa são de contribuir para que a comunidade escolar e local tenha acesso ao conhecimento sobre o processo histórico da escola e através disso saber qual é o formato dos aspectos econômico, social em que a comunidade esta inserida e também como se formou a identidade cultural da escola. Dessa forma, compreender os valores que foram construídos pelos sujeitos em relação a essa instituição de ensino, podendo ser uma fonte de pesquisa para os sujeitos que, conhecendo como se deu o processo histórico da escola possam ter um novo olhar com sentimento de pertencimento de valorização, orgulho e carinho pela escola em que estudam.

Se depois de consentir sua participação na pesquisa o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo sem prejuízo a sua pessoa.

9. Critérios de inclusão: São 08 (oito) os sujeitos participantes desta pesquisa: 03 (três) docentes e 02 (duas) diretoras da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira e 03 (três) indígenas moradores da Aldeia Urbana Marçal de Souza, bairro Tiradentes na cidade de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul. Os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo será elaborado em duas vias, ficando uma retida com a pesquisadora responsável e outra com o participante da pesquisa, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012 itens IV. 3.f e IV. 5.d.

10. Critérios de exclusão: como critério de exclusão adotou-se que não serão aceitos na pesquisa os sujeitos que não assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a sua participação na referida pesquisa. Enfatizamos que a assinatura nesse documento atende a Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Portanto, será excluído da pesquisa o sujeito que não autorizar sua participação por meio do TCLE. Se, depois de consentir sua participação, o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem prejuízo a sua pessoa. Sua identidade será sempre mantida em sigilo.

Eu, _____ declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que o pesquisador relacionado neste documento obtenha gravação de voz de minha pessoa para fins dessa pesquisa. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, e aceito participar da pesquisa **E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune**

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Kalivono – “Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017), onde a pesquisadora Renata Leny Costa de Oliveira me explicou como será toda a pesquisa de forma clara e objetiva.

Campo Grande, de de 2018.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)” e concordo em participar.

- Sim, eu autorizo a gravação da entrevista.
- Não, eu não autorizo a gravação da entrevista.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador: Renata Leny Costa de Oliveira

Telefone para contato: (67) 9 9162-8998

E-mail: renata_dequech@hotmail.com

Para sanar dúvidas a respeito da Ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS.

Endereço: Cidade Universitária de Dourados – Rodovia Dourados Itanhum – Km 12 - Caixa Postal: 351, Bairro: Cidade Universitária. CEP: 79.804-970 – Dourados - MS, Brasil.

Horário de atendimento das 08h às 14h.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Telefone: (67) 3902-2699

E-mail: cesh@uems.br

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte – Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-049

UF: DF Município: BRASÍLIA

Horário de atendimento: 08h às 18h

Horário de atendimento “on line”: 08h às 20h

Telefone: (61) 3315-5878

E-mail: conep@saude.gov.br

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com grupo diretoras



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Comitê de Ética com Seres Humanos



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GRUPO DIRETORAS DA PESQUISA INTITULADA: E.M. SULLIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono –

“Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)

Roteiro de entrevista com as diretoras, que atuou e que atua na Escola Municipal Sullivan Silvestre de Oliveira – *Tumune Kalivono* – “Criança do Futuro”, para o registro do processo histórico da escola e os aspectos das relações sociais que permeiam o movimento da vida escolar na instituição de ensino através de relatos orais das diretoras.

Dados de identificação:

Iniciais do nome e sobrenome: _____

Qual é a sua idade? _____

Gênero (masculino, feminino) _____

1) Relate quando e como iniciou a sua atuação nessa escola?

2) Conforme as suas memórias, relate como ocorreu o seu processo de formação acadêmica e o seu início na docência. Quantos anos você tinha? Em quantas escolas trabalhou antes do Sullivan? O que te trouxe? Quais foram as diferenças percebidas ou vividas nessa escola que atende um número significativo de estudantes indígenas?

3) No início como foram as relações sociais com as famílias dos estudantes da comunidade Marçal de Souza? Teve dificuldades? E como é atualmente?

4) Houve muitas dificuldades durante a sua gestão? Se houve, Quais?

5) Nas suas memórias, qual ou quais os fatos que ocorreram ficaram marcados no cotidiano escolar ou na comunidade Marçal de Souza?

6) Para você, qual a diferença de uma escola que atende a população indígena urbana em relação a outra que não possui essa demanda?

- 4) Conforme as suas memórias, relate como ocorreu o processo de criação da escola, pessoas que estiveram na liderança para conseguir a efetivação da escola, houveram muitas lutas? Você teve alguma participação?
- 5) No início da construção da escola Sullivan, quais foram as expectativas da comunidade indígena Marçal de Souza?
- 6) Voltando ao tempo do início até os dias atuais. Na sua opinião, como você avalia o percurso histórico dessa instituição de ensino, houve avanços, melhorias, retrocessos?
- 7) Na sua opinião, quais são os aspectos importantes a serem considerados na história da escola Sullivan? O que a diferencia das outras escolas?
- 8) Os seus filhos estudam ou estudaram nessa escola? Qual a sua avaliação no que se refere ao ensino/aprendizagem?
- 9) Qual a importância que a Cacique Enir e outras lideranças que você conheceu, teve no processo de formação da escola Sullivan e da Aldeia urbana Marçal de Souza?
- 10) De que forma a escola contribui com a comunidade? Qual o seu sentimento em relação à escola Sullivan? Gostaria de deixar uma mensagem para escola?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista com grupo indígenas



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Comitê de Ética com Seres Humanos



ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GRUPO INDÍGENAS DA COMUNIDADE URBANA MARÇAL DE SOUZA. REFERENTE A PESQUISA INTITULADA: E.M. SULLIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono – “Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)

Roteiro de entrevista com indígenas referente à Escola Municipal Sullivan Silvestre de Oliveira – *Tumune Kalivono* – “Criança do Futuro”, para o registro do processo histórico da escola e os aspectos das relações sociais que permeiam o movimento da vida escolar na instituição de ensino através de relatos orais dos indígenas moradores da comunidade urbana Marçal de Souza.

Dados de identificação:

Iniciais do nome e sobrenome: _____

Qual é a sua idade _____

Gênero (masculino, feminino) _____

1) Fale um pouco de você: onde nasceu, se morava na aldeia, nível de escolaridade, quantos filhos ou netos, desde quando você reside na Aldeia Urbana Marçal de Souza?

2) Nas suas memórias, qual ou quais os fatos que ocorreram que ficaram marcados na sua mente referente a história dessa escola?

3) Você lembra qual era o prefeito na época da criação da escola? Em que contexto político, econômico e social ela foi construída?

- 4) Conforme as suas memórias, relate como ocorreu o processo de criação da escola, pessoas que estiveram na liderança para conseguir a efetivação da escola, houveram muitas lutas? Você teve alguma participação?
- 5) No início da construção da escola Sullivan, quais foram as expectativas da comunidade indígena Marçal de Souza?
- 6) Voltando ao tempo do início até os dias atuais. Na sua opinião, como você avalia o percurso histórico dessa instituição de ensino, houve avanços, melhorias, retrocessos?
- 7) Na sua opinião, quais são os aspectos importantes a serem considerados na história da escola Sullivan? O que a diferencia das outras escolas?
- 8) Os seus filhos estudam ou estudaram nessa escola? Qual a sua avaliação no que se refere ao ensino/aprendizagem?
- 9) Qual a importância que a Cacique Enir e outras lideranças que você conheceu, teve no processo de formação da escola Sullivan e da Aldeia urbana Marçal de Souza?
- 10) De que forma a escola contribui com a comunidade? Qual o seu sentimento em relação à escola Sullivan? Gostaria de deixar uma mensagem para escola?

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com grupo docentes



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
Comitê de Ética com Seres Humanos



**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GRUPO DE DOCENTES DA PESQUISA
INTITULADA: E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – Tumune Kalivono –
“Criança do Futuro”: constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)**

Roteiro de entrevista com os docentes indígenas e não indígenas, que atuam na Escola Municipal Sullivan Silvestre de Oliveira – *Tumune Kalivono* – “Criança do Futuro”, para o registro do processo histórico da escola e os aspectos das relações sociais que permeiam o movimento da vida escolar na instituição de ensino através de relatos orais dos docentes.

Dados de identificação:

Iniciais do nome e sobrenome: _____

Qual é a sua idade _____

Gênero (masculino, feminino...) _____

- 1) Relate quando e como iniciou a sua atuação nessa escola?
- 2) Qual(is) a(s) diferença(s) de uma escola que atende a população indígena urbana em relação a outra que não possui essa demanda?
- 3) Nas suas memórias, qual ou quais os fatos que ocorreram que ficaram marcados no cotidiano escolar ou na comunidade Marçal de Souza?
- 4) Como docente, quais os desafios para ensinar em sala de aula com uma diversidade étnico cultural, com crianças indígena/não indígena, várias realidades, necessidades. Você teve alguma dificuldade nas suas práticas de ensino? Se houve, Quais?
- 5) No início, como foram as relações sociais com as famílias dos estudantes da comunidade Marçal de Souza? Teve dificuldades? E como é atualmente?
- 6) Conforme as suas memórias, relate como ocorreu o seu processo na formação acadêmica e o seu início na docência. Quantos anos você tinha? Em quantas escolas trabalhou antes do Sullivan? O que te trouxe nessa escola? Quais foram as diferenças percebidas ou vividas nessa escola que atende um número significativo de estudantes indígenas?

7) O que você sabe sobre a história da escola Sullivan na comunidade Marçal de Souza?

8) No seu cotidiano na sala de aula, quais as ações que você realiza com os alunos que podem contribuir para conscientização do respeito e da valorização da cultura e dos costumes dos povos indígenas?

9) Se for professor(a) indígena relate caso tenha essa vivência, as experiências entre a escola da aldeia e dos contextos urbanos. Quais as dificuldades que tiveram? Pensou em desistir da profissão em algum momento? E como é ser docente nos espaços urbano e ensinar estudantes não indígenas?

10) Na sua opinião, quais são os aspectos importantes a serem considerados na escola Sullivan que a diferencia das outras escolas?

11) Durante o seu percurso na escola percebeu qual a importância e o valor dessa instituição para a comunidade indígena em que ela está inserida? E para você qual é a importância? De que forma a escola contribui com essa comunidade?

12) Na sua percepção, quais são os momentos e/ou atividades que os alunos mais gostam? Quais os que eles menos gostam?

13) Para você o que significa ser professor(a)?

APÊNDICE E – Proposta de intervenção: Construção de acervo histórico digital da E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

**CONSTRUÇÃO DE ACERVO HISTÓRICO DIGITAL DA E.M. SULIVAN
SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”**

Renata Leny Costa de Oliveira

APÊNDICE E – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CONSTRUÇÃO DE ACERVO HISTÓRICO DIGITAL DA E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”

1 INTRODUÇÃO

Com a finalização desta etapa da pesquisa impõe-se como uma exigência do Programa de Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul uma proposta de intervenção que abranja a problemática abordada na pesquisa e que traga contribuições para a melhoria da Escola.

Tendo este trabalho como objeto de estudo a E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”: CONSTITUIÇÃO, PROCESSO HISTÓRICO E COTIDIANO ESCOLAR (1999-2017), e segundo os resultados observados nas análises e as considerações finais elencadas no trabalho, ficou evidente a necessidade de contribuir com a Escola e a Comunidade da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza no que tange ao registro histórico digital. Dessa maneira a proposta de intervenção que no entendimento da pesquisadora tenha significado relevante é a construção de um acervo documental referente ao processo histórico que possa ser utilizado pela comunidade escolar e comunidade local, garantindo a memória da instituição escolar em referência.

2 JUSTIFICATIVA

A pesquisa denominada E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”: CONSTITUIÇÃO, PROCESSO HISTÓRICO E COTIDIANO ESCOLAR (1999-2017), que deu origem a este projeto, identificou a necessidade de um acervo documental digital para registro histórico da escola.

Para Le Goff (1994, p. 545): “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Nesse sentido, o documento não é inócuo e se reveste de intencionalidades. Um acervo documental digital possibilitará que a comunidade local, bem como estudantes, professores e futuros professores, compreendam como se constituiu a história da instituição escolar E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO” a partir de documentos, fotos e das memórias dos sujeitos. Visto que, de acordo com Le Goff (1994), o documento:

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhes o seu significado aparente. (LE GÖFF, 1994, p. 547-548).

Segundo a concepção de fontes apresentada na pesquisa, o conceito de fonte alargada, defendido por Nosella e Buffa, é que materializamos a proposta de intervenção. Segundo os autores:

O documento escrito, se existir, é, sem dúvida, uma fonte a considerar, mas há outras fontes mais preciosas. É o próprio conceito de fonte que se amplia. No que concerne à história da educação, as memórias, histórias de vida (escritas ou orais), livros, cadernos de alunos, discursos em solenidades, atas jomais de época, almanaques, livros de ouro, correspondência epistolar, relatórios, fotografias, plantas baixas dos prédios e muitas outras fontes encontráveis em arquivos públicos e particulares são importantíssimas. (NOSELLA; BUFFA 2009, p. 61).

Com as ‘novas fontes’, as instituições escolares podem ser compreendidas na sua totalidade. Assim, um acervo documental digital possibilitará que as fontes não se percam e que, a partir delas, a instituição escolar E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”, seja percebida como produto das relações sociais. Do mesmo modo, professores, estudantes e comunidade terão a oportunidade de entender determinados aspectos da realidade da Escola.

O impacto e os benefícios da construção do acervo documental digital serão percebidos em médio prazo, visto que facilitarão o acesso às fontes históricas, tanto pela comunidade escolar quanto pela comunidade local.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Construir um acervo documental digital sobre a história da E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”, referente ao período de 1999 a 2017.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar um acervo documental digital, referente ao processo histórico da instituição escolar E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO” para preservação da memória institucional.

Realizar o levantamento de fontes produzidas e ou acumuladas para constituir acervo;

- Produzir registros a partir das fontes utilizadas durante a pesquisa para compor o acervo documental digital;
- Divulgar a construção do acervo documental digital à E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO” e à comunidade da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza.

4 METODOLOGIA

Para a constituição do acervo documental digital serão mapeados os documentos utilizados durante o processo de investigação, quais sejam leis, Projeto Político Pedagógico, regulamentos, bem como os registros fotográficos coletados, além de outras fontes, quais sejam os relatos das memórias dos sujeitos entrevistados.

Com o acervo documental digital já organizado será realizada divulgação junto à escola e à comunidade e colocado à disposição dos usuários na biblioteca da E.M. SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA – TUMUNE KALIVONO – “CRIANÇA DO FUTURO”, de forma que tenham contato com questões referentes à história da instituição escolar.

A partir do conhecimento das fontes referentes a instituição escolar será proposto que servidores da instituição continuem compondo o acervo a fim de preservar a memória da instituição e as suas transformações no decorrer dos anos para servir de fontes para futuros pesquisadores.

5 CRONOGRAMA

Atividades	2019	
	1° Semestre	2° Semestre
Levantamento de fontes documentais e registros fotográficos junto à escola	X	
Classificação das fontes	X	
Produção de registros a partir das fontes	X	
Divulgação do acervo documental digital junto à escola e comunidade da Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza		X

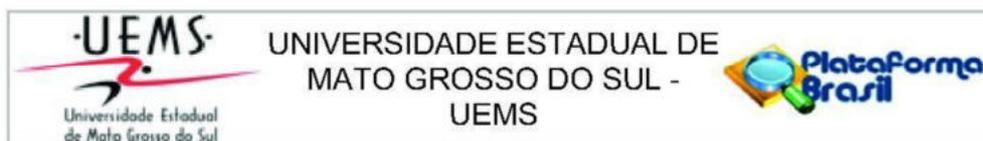
REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: porque e como pesquisar**.
Campinas: Alínea, 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: E.M SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA - Tumune Kalivono - "Criança do Futuro": constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)

Pesquisador: RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 2

CAAE: 84981618.2.0000.8030

Instituição Proponente: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.631.965

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de abordagem qualitativa que envolve populações indígenas.

Objetivo da Pesquisa:

Geral:

Descrever e analisar como se deu a constituição, o processo histórico e a vida escolar da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira localizada na Aldeia urbana Marçal de Souza em Campo Grande, MS.

Específicos:

Pesquisar, registrar, analisar como se deu a constituição, o processo histórico da escola compreendendo o período de 1999 a 2017.

Descrever e analisar como foi e como é a vida escolar nessa instituição de ensino. •Pesquisar e analisar a importância da referida escola para

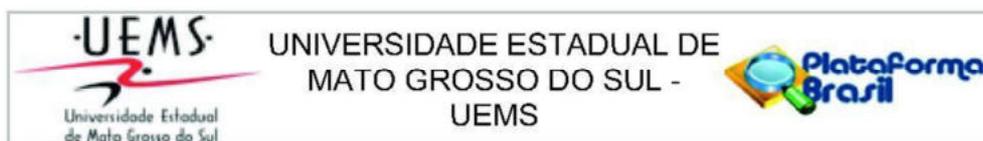
a comunidade Terena Marçal de Souza, abrangendo aspectos das relações sociais da escola com a comunidade no período em estudo.

Produzir um acervo para escola como proposta de intervenção, que irá contribuir para que os estudantes e os demais sujeitos tenham acesso ao conhecimento da história da instituição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão adequadamente descritos no TCLE e no corpo do projeto.

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.631.965

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto efetuou as solicitações feitas por este comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentam-se adequados e de acordo com as exigências da legislação vigente.

Recomendações:

Recomenda-se aprovação e envio ao CONEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação e envio ao CONEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

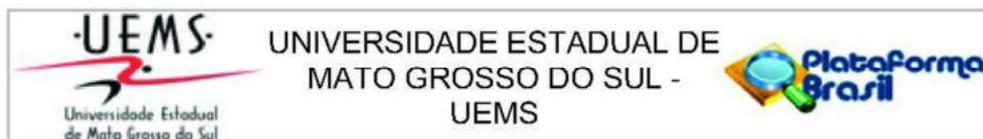
O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1061274.pdf	14/04/2018 13:14:04		Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_INDIGENA.pdf	14/04/2018 13:03:06	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_DOCENTE.pdf	14/04/2018 13:01:21	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_DIRETORAS.pdf	14/04/2018 13:00:21	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MESTRADO_RENATA_LENY.docx	14/04/2018 12:58:52	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_CACIQUE.pdf	14/04/2018 11:58:11	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_RENATA_LENY.pdf	14/04/2018 11:56:14	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.doc	07/03/2018 00:51:58	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_INSTITUCIONAL.pdf	07/02/2018 01:59:25	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_DO_USO_DE_IMAGEM.pdf	07/02/2018 01:44:46	RENATA LENY COSTA DE	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária CEP: 79.804-970
UF: MS Município: DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.631.965

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

DOURADOS, 02 de Maio de 2018

Assinado por:
Cynthia de Barros Mansur
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uem.br

ANEXO B – Parecer consubstanciado da CONEP

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: E.M SULIVAN SILVESTRE OLIVEIRA - Tumune Kalivono - "Criança do Futuro": constituição, processo histórico e vida escolar (1999-2017)

Pesquisador: RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 4

CAAE: 84981618.2.0000.8030

Instituição Proponente: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.801.841

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (gerado na Plataforma Brasil no dia 14/04/2018) e do Projeto Detalhado (submetido no dia 14/04/2018).

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa tem por finalidade, descrever, analisar e contextualizar a constituição, o processo histórico e a vida escolar da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira, localizada na Aldeia urbana Marçal de Souza no bairro Dalva de Oliveira na cidade de Campo Grande/MS. E dessa forma poder contribuir para a organização de um acervo através dos registros formais e dos não formais, através dos sujeitos que irão participar através dos relatos orais de suas memórias sobre a constituição histórica da escola. A importância da pesquisa se dá pelo fato de ser uma escola que se constituiu dentro de uma aldeia urbana e se caracteriza como uma instituição multicultural e intercultural que atende grupos de várias etnias raciais, culturais e por atender um número expressivo de crianças indígenas e principalmente da referida etnia, possui uma característica peculiar dessa comunidade. No entanto, legalmente não é considerada como uma escola indígena por não estar localizada em Terras indígenas. O seu alunado começa com crianças da pré-escola ao 5º ano do ensino fundamental com cerca 390 alunos no total. A constituição da

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-049

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

escola foi marcada por muitas lutas e reivindicações da comunidade junto às autoridades competentes. Portanto, a relevância social das pesquisas e dá pelo fato de contribuir com registros para compor um acervo histórico de uma instituição de ensino. E a relevância da pesquisa para ciência se dá pelo fato de gerar conhecimentos não só para a comunidade local como também para os profissionais que atuam na área da educação e outras áreas afins.

HIPÓTESE

Desde o início da institucionalização (1999) até o contexto atual (2017) a escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira - Tumune Kalivono "Criança do Futuro" vem tentando se regular como uma escola intercultural. Com os dados obtidos nessa pesquisa é possível contribuir para o reconhecimento e valorização da escola na comunidade indígena Marçal de Souza.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, a ser desenvolvida na Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tumune Kalivono "Criança do Futuro" por meio do levantamento de documentos do acervo da escola, atas, regimento escolar, fotografias, documentos oficiais, legislações pertinentes e outras que podem subsidiar a pesquisa, fontes bibliográficas de autores que pesquisam a temática indígena em específico os terena, buscando dados da história dessa etnia no Estado de Mato Grosso do Sul e na Aldeia urbana Marçal de Souza bem como as relações sociais, culturais, o processo educacional na referida instituição e a história da constituição da escola nessa comunidade indígena. Para a pesquisa bibliográfica, as fontes são as produções dos autores: Bittencourt (2000), Laraia (2001), Cardoso (2004), Freire (2004), Nascimento (2004), Cohn (2005), Mussi (2006), Sant'Ana (2010), Uргуiza (2011), Tassinari (2012), Silva (2013) e Vieira (2008, 2015), por terem maior aproximação com o esse objeto de pesquisa e por serem estudiosos dos povos indígenas. Esses estudos trazem contribuições acerca dos conceitos, discussões e dados a respeito das trajetórias, dos percursos de deslocamentos das diversas etnias da aldeia para os centros urbanos. Para dar sustentação aos conceitos de cultura, interculturalidade, multiculturalismo, diversidade cultural e a história dos povos indígenas no Brasil, buscaremos fundamentação nas pesquisas de Cunha (1992), Grupioni (1995), Hall (2003, 2004), Candau (2002, 2010), Tedeschi (2006) e Calderoni (2015), entre outros. Quanto ao referencial teórico para embasar a descrição e análise da constituição do processo histórico da instituição escolar em estudo, inicialmente nos apoiaremos nas contribuições de Petitat (1994), Gatti (2002), Nosella e Buffa (2002, 2009) Saviani (2005, 2008), Sanfelice (2006) e Bruzeña (2017).

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

Buscaremos a luz dos teóricos Peter Burke (1992, 2008), Verena Alberti (2008) e Jacques Le Goff (1990) afim de estruturarmos a metodologia de análise da história oral. Para coletar os dados serão realizadas, entrevistas semiestruturadas com uma liderança local (pagé ou líder comunitário), 2 moradores da comunidade com maior tempo de residência que participaram ou vivenciaram as lutas e enfrentamentos para a criação e implantação da escola, e que os filhos ou netos estudem ou tenha estudado na mesma. As entrevistas com os moradores da comunidade, para cada grupo (docentes, diretoras e indígenas) terão um total de 10 (dez) perguntas seguindo um roteiro e serão gravadas para posterior transcrição e análise. Em outra etapa das entrevistas será com a comunidade escolar em que participarão no total 5 (cinco) sujeitos quais sejam: 3 docentes, 1 (um) com maior tempo na escola que fez ou faz parte do quadro de funcionários da instituição (do quadro efetivo), 1 (um) com tempo médio e 1 (um) mais recente e dois (as) diretores (as) sendo 1 (um) (a) ex-diretor (a) e 1 (um)(a) diretor (a) atual. Buscando através de análises das entrevistas dos sujeitos envolvidos na pesquisa a contribuição através da materialização do registro de suas histórias orais tanto, do cotidiano da vida no ambiente escolar, quanto da formação acadêmica bem como as percepções desses sujeitos em relação a escola e a comunidade. Todas as entrevistas serão realizadas com a permissão e aceite dos entrevistados mediante assinaturas em formulários próprios determinados pelo Conselho de Ética e submetidos a Plataforma Brasil. Os entrevistados serão informados de todas as etapas da pesquisa e a sua finalidade, e os mesmos terão a liberdade de desistir da entrevista caso não queira mais participar, sem nenhum prejuízo. Serão usadas além das entrevistas, imagens de eventos, festas, reuniões, do cotidiano escolar que estão no arquivo da instituição e outras que são de domínio público coletadas dos sites da própria escola e da Secretaria Municipal de Educação-SEMED/MS. A pesquisadora não irá fotografar o lócus e nem os participantes da pesquisa.

Metodologia de Análise de Dados:

Mato Grosso do Sul, segundo estudos de Mussi (2006), Urquiza (2010, 2012) e Vieira (2008, 2015), é o segundo estado brasileiro com a maior população indígena, e em seu território encontram-se várias etnias com histórias de lutas diferenciadas e de deslocamentos de suas aldeias. Fazem parte desse contexto os povos Terena, que migraram para a cidade de Campo Grande, a capital do estado, tendo em vista a possibilidade de melhorar sua qualidade de vida e, principalmente, ter acesso a estágios mais avançados de estudos para os filhos. A etnia Terena, originária da família Aruak, que em tempos primórdios se localizava no altiplano andino, nas planícies da Colômbia, Venezuela e nas várzeas do Equador, é a segunda maior população

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

indígena de Mato Grosso do Sul. Devido à ocupação espanhola nesses territórios, ela migrou para a região sul do Mato Grosso, no Pantanal, mais especificamente para a área do Chaco paraguaio. Os Terena procuram se adaptar ao meio social e, sendo assim, deslocam-se com facilidade, habitando vários municípios do estado, tais como: Miranda, Sidrolândia, Aquidauana e Anastácio, além de outras cidades, transitando pelas aldeias dessas regiões e em seu contexto urbano enfrentando todo tipo de sorte. Mussi (2006), por sua vez, acrescenta que: Os grupos do Tronco Aruak, de modo geral, assim como os Terena, possuem um sistema específico na ocupação do espaço destinado ao preparo do solo para o plantio. Antes de começar o cultivo, primeiramente derrubavam matas nativas e, no espaço da derrubada, plantavam as suas lavouras; só onde a terra era suficientemente úmida e fértil que servia para a plantação do milho ou da mandioca, principal produto cultivado pelos grupos. (MUSSI, 2006, p.93). A autora destaca, pois, alguns aspectos culturais da etnia Terena no que se refere à organização familiar, à forma como o trabalho é realizado e o sistema de utilização da terra nas lavouras. Urquiza (2012), contribuindo para nossos estudos, também esclarece que: esses índios, em sua grande maioria mulheres, viram na cidade a oportunidade de melhorar suas condições de vida, principalmente no tocante aos laços de parentescos, às relações de trabalho, à falta de terra, aos problemas políticos na aldeia e à educação. (URQUIZA, 2012, p. 23). Para esses estudiosos, a falta de terras para plantar é um dos principais fatores que impulsionam os Terena a saírem de suas aldeias para a cidade em busca de melhorias de vida para sua família, tanto à procura de bens materiais quanto de estudos e educação. Dessa forma, organizaram-se em aldeias urbanas para não perderem o vínculo com a cultura e os hábitos de seu povo. Para dar sustentação aos conceitos de cultura, interculturalidade, multiculturalismo, diversidade cultural e a história dos povos indígenas no Brasil, buscaremos fundamentação nas pesquisas de Cunha (1992), Grupioni (1995), Hall (2003, 2004), Candau (2002, 2010), Tedeschi (2006) e Calderoni (2015), entre outros. Quanto ao referencial teórico para embasar a descrição e análise da constituição do processo histórico da instituição escolar em estudo, inicialmente nos apoiaremos nas contribuições de Petitat (1994), Gatti (2002), Nosella e Buffa (2002, 2009) Saviani (2005, 2008), Sanfelice (2006) e Bruzeña (2017). Buscaremos a luz dos teóricos Peter Burke (1992, 2008), Verena Alberfi (2008) e Jacques Le Goff (1990) a fim de estruturarmos a metodologia de análise da história oral para compreendermos os elementos e itens a serem considerados nos relatos dos sujeitos entrevistados, assim como os procedimentos de investigação.

DESFECHOS PRIMÁRIOS

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

- Pesquisar, registrar, analisar como se deu a constituição, o processo histórico da escola compreendendo o período de 1999 a 2017.
- Descrever e analisar como foi e como é a vida escolar nessa instituição de ensino.
- Pesquisar e analisar a importância da referida escola para a comunidade Terena Marçal de Souza, abrangendo aspectos das relações sociais da escola com a comunidade no período em estudo.
- Produzir um acervo para escola como proposta de intervenção, que irá contribuir para que os estudantes e os demais sujeitos tenham acesso ao conhecimento da história da instituição.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

São 08 (oito) os sujeitos participantes desta pesquisa, professores (as) lotados na Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira, Diretora e ex-diretora e moradores (as) da Aldeia Urbana Marçal de Souza no bairro Tiradentes em Campo Grande/MS. Os participantes deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo será elaborado em duas vias, ficando uma retida com a pesquisadora responsável e outra com os participantes do estudo, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012 itens IV. 3.f e IV. 5.d. Para coletar os dados serão realizadas, entrevistas semiestruturadas com uma liderança local (pagé ou líder comunitário), 2 moradores da comunidade com maior tempo de residência que participaram ou vivenciaram as lutas e enfrentamentos para a criação e implantação da escola, e que os filhos ou netos estudem ou tenha estudado na mesma. As entrevistas terão um total de 10 (dez) perguntas para cada grupo (docentes, diretoras e indígenas) seguindo um roteiro e serão gravadas para posterior transcrição e análise. Buscando através de análises das entrevistas dos sujeitos envolvidos na pesquisa a contribuição através da materialização do registro de suas histórias orais tanto, do cotidiano da vida no ambiente escolar, quanto da formação acadêmica bem como as percepções desses sujeitos em relação à escola e a comunidade. Os entrevistados serão informados de todas as etapas da pesquisa e a sua finalidade, e mesmo a pesquisa estando em andamento terão a liberdade de desistir da entrevista caso não queiram mais participar.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Ficam excluídos da pesquisa todos os sujeitos que não fazem parte do quadro de funcionários efetivos da escola e os que não residem na Comunidade Marçal de Souza.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Descrever e analisar como se deu a constituição, o processo histórico e a vida escolar da Escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira localizada na Aldeia urbana Marçal de Souza em Campo Grande, MS.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Pesquisar, registrar, analisar como se deu a constituição, o processo histórico da escola compreendendo o período de 1999 a 2017.
- Descrever e analisar como foi e como é a vida escolar nessa instituição de ensino.
- Pesquisar e analisar a importância da referida escola para a comunidade Terena Marçal de Souza, abrangendo aspectos das relações sociais da escola com a comunidade no período em estudo.
- Produzir um acervo para escola como proposta de intervenção, que irá contribuir para que os estudantes e os demais sujeitos tenham acesso ao conhecimento da história da instituição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

No percurso investigativo do estudo se o (a) entrevistado (a) em razão de situação de stress emocional, cansaço físico não se sentir a vontade, constrangido, ou com vergonha ao expor as narrativas de vida durante a entrevista poderá solicitar a qualquer momento um intervalo durante a entrevista ou agendar uma nova data. Diante de possíveis situações haverá um esforço por parte da pesquisadora no sentido de respeitar o (a) entrevistado (a) e conduzir da melhor forma a entrevista. Poderá ocorrer ainda interrupção do contrato e substituição por outros sujeitos que queiram contribuir com o estudo. A identidade dos participantes será mantida em sigilo de forma que sejam minimizados e evitados eventuais desconfortos. A coleta de dados será realizada em um local com data e horário marcado pelo (a) entrevistado (a) conforme a sua disponibilidade.

BENEFÍCIOS

A pesquisa busca fazer um resgate histórico da constituição da Instituição escolar através de registros documentais e fontes orais. A fim de que tanto a comunidade escolar quanto a comunidade local possam ter acesso aos dados e a partir da análise do resultado da pesquisa possam compreender as suas singularidades, sua origem no contexto político e social, as lutas e conquistas dos povos Terena para efetivar a construção da escola e a formação do seu aspecto cultural.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto será orientado pela Prof.^a Dra. Kátia Cristina N. Figueira e executado pela pesquisadora Renata Leny Costa de Oliveira que objetiva cumprir etapa obrigatória para Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação – Profeduc – da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), para obter o título de Mestre em Educação.

O CEP da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), emitiu parecer 2.631.965 de “aprovado” (no dia 02 de maio de 2018), encaminhando o projeto para Conep por enquadrar-se na área temática “Estudos com Populações Indígenas”.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo “Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Resposta ao Parecer Consubstanciado da Conep número 2.753.924, emitido no dia 05/07/2018.

1. Considerando que é um projeto na área de Ciências Humanas e Sociais, com população indígena, recomenda-se cumprimento à Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena), especialmente nas declarações e TCLE.

RESPOSTA: Cumpridas as Resoluções CNS nº 510 de 2016 e CNS nº 304 de 2000, nas declarações e TCLE.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao documento “PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1061274.pdf” (gerado no dia 14/04/2018, na Plataforma Brasil), lê-se na página 3 de 6: “Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc.)? Não”, porém, neste mesmo arquivo existe previsão de realizar pesquisa de natureza qualitativa, a ser desenvolvida na Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira –Tumune Kalivono – “Criança do Futuro” por meio do levantamento de documentos do acervo da escola, “atas, regimento escolar, fotografias, documentos oficiais, legislações pertinentes e outras que podem subsidiar a pesquisa, fontes bibliográficas de autores que pesquisam a temática indígena em específico os terenas [...]”. Considerando que os documentos do acervo da escola, atas, regimento escolar, fotografias, documentos oficiais, legislações pertinentes são fontes de dados secundários, solicita-se a devida adequação no documento.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

RESPOSTA: Feita a adequação no documento de acordo com as Resoluções CNS 466/2012 e CNS 510/2016.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.1. Em pesquisas que utilizarão base de dados de acesso restrito, é necessário anexar termo de compromisso assinado pelo pesquisador responsável, que assegure a manutenção de anonimato e sigilo das informações pessoais acessadas, além de compromisso de uso dos dados apenas para fins da pesquisa ora apresentada. Portanto, solicita-se apresentar o Termo de Compromisso para Utilização de Dados – TCUD.

RESPOSTA: Anexado o Termo de Compromisso para Utilização de Dados – TCUD.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao documento "AUTORIZACAO_DO_USO_DE_IMAGEM", submetido na Plataforma Brasil em 07/02/2018, solicita-se refazer este documento, tomando como base a PORTARIA nº 177/PRES/06 da Funai e a Resolução CNS nº 510 de 2016, considerando os direitos e garantias que devem ser explicitadas ao participante quando existe previsão de gravação e uso de voz, restringindo-se aos objetivos da pesquisa.

RESPOSTA: Documento refeito de acordo com a PORTARIA nº 177/PRES/06 da FUNAI e a Resolução CNS nº 510 de 2016.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4. Quanto ao arquivo, "TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.doc", submetido à Plataforma Brasil em 07/03/2018, seguem as seguintes considerações:

4.1. Tendo em vista o registro com voz (considerando que "a pesquisa não tem previsão de registro de fotos"), solicita-se incluir opções excludentes: "sim, eu autorizo" e "não, eu não autorizo", no registro de consentimento livre e esclarecido, já que estes dados somente podem ser utilizados com consentimento prévio e anuência dos participantes, para a finalidade exclusiva da pesquisa e sem fins lucrativos, devendo ser observadas a PORTARIA nº 177/PRES/06 da Funai e demais legislações pertinentes. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Feita adequação e incluído opções excludentes "sim, eu autorizo" e "não, eu não autorizo" no TCLE, observadas a PORTARIA nº 177/PRES/06 da FUNAI e demais legislações pertinentes.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

4.2. O TCLE deve trazer, de forma explícita, os meios de contato com o CEP (endereço, E-MAIL e TELEFONE), assim como os horários de atendimento ao público. Também é necessário apresentar, em linguagem simples, uma breve explicação sobre o que é o CEP. Como o estudo envolveu análise ética pela Conep, essas recomendações também devem ser estendidas a esta Comissão (Resolução CNS nº 510, de 2016, capítulo III, seção II, Artigo 17º, inciso IX). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Feita a adequação, foi adicionado os meios de contato com o CEP e CONEP, assim como os horários de atendimento ao público e elaborado em linguagem simples uma breve explicação sobre o que é CEP e também CONEP (Resolução CNS nº 510, de 2016, capítulo III, seção II, Artigo 17º, inciso IX).

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.3. Lê-se na página 1 de 1: "Poderão ocorrer ainda interrupções do CONTRATO e substituição por outros sujeitos que queiram contribuir com o estudo" (destaque nosso). O TCLE tem a função precípua de informar e respeitar a autonomia do participante de pesquisa e não propriamente de se estabelecer vínculo contratual entre as partes. Nesse sentido, solicita-se reescrever o trecho e retirar o termo CONTRATO de todos os documentos. Solicita-se, ainda, não mencionar possibilidade de substituição já que o documento é individual.

RESPOSTA: Retirado o termo CONTRATO de todos os documentos e também retirado "possibilidade de substituição".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.4. Lê-se na página 1 de 2: "[...] o risco é a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente (item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012)". Solicita-se a substituição dessa definição pela disposta na Resolução CNS 510, de 2016.

RESPOSTA: Feita a substituição dessa definição pela disposta na Resolução CNS 510, de 2016.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-049
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1061274.pdf	14/07/2018 23:52:33		Aceito
Outros	TCLE_ALTERACOES_DEVIDAMENTE_REALCADAS.docx	14/07/2018 23:50:28	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_A_PENDENCIAS.doc	14/07/2018 23:37:29	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS.PDF	12/07/2018 08:29:52	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_PARA_O_USO_DA_IMAGEM_E_SOM_DE_VOZ.docx	11/07/2018 01:17:29	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx	11/07/2018 01:14:58	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_INDIGENA.pdf	14/04/2018 13:03:06	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_DOCENTE.pdf	14/04/2018 13:01:21	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_COM_DIRETORAS.pdf	14/04/2018 13:00:21	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MESTRADO_RENATA_LENY.docx	14/04/2018 12:58:52	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_CACIQUE.pdf	14/04/2018 11:58:11	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_RENATA_LENY.pdf	14/04/2018 11:56:14	RENATA LENY COSTA DE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_INSTITUCIONAL.pdf	07/02/2018 01:59:25	RENATA LENY COSTA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.719-049
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 2.801.841

BRASILIA, 06 de Agosto de 2018

Assinado por:
FRANCISCA VALDA DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.719-049
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br